



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SILVANA MUNIZ GUEDES

**O CALÇADÃO DE LONDRINA NO ENSINO DE HISTÓRIA:
PLURALIDADES E APROPRIAÇÕES DE PROFESSORES**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Londrina
2018

SILVANA MUNIZ GUEDES

**O CALÇADÃO DE LONDRINA NO ENSINO DE HISTÓRIA:
PLURALIDADES E APROPRIAÇÕES DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Londrina
2018

SILVANA MUNIZ GUEDES

**O CALÇADÃO DE LONDRINA NO ENSINO DE HISTÓRIA:
PLURALIDADES E APROPRIAÇÕES DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Ferreira de
Oliveira
Universidade Estadual de Londrina -UEL

Prof. Dr. Tony Honorato
Universidade Estadual de Londrina -UEL

Prof.^a Dr.^a Marcia Eliza Tetê Ramos
Universidade Estadual de Londrina -UEL

Londrina, _____ de _____ de 2018.

Dedico esse estudo aos frequentadores do Calçadão de Londrina que por seis anos me proporcionaram experiências únicas, exclusivas, singulares. Me receberam das mais diversas formas e com isso contribuíram para que eu pudesse enfim concluir essa pesquisa. Em especial, dedico àqueles que na sua singularidade permanecem nesse espaço há muitos anos e também àqueles que simplesmente passaram pois vivem a experimentar o mundo.

As palavras do mestre africano Tierno Bokar Salif me inspirou quando pensei para quem dedicar essa pesquisa. “A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem”. Assim, ofereço essa pesquisa a todos que nela tiverem acesso, pois acredito que toda transformação gera um efeito positivo mesmo que não seja o esperado. Cada qual na sua singularidade fará uma interpretação da narrativa aqui apresentada e é esse efeito que me encanta como pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

Já dizia Mauro Brandão Lopes, em um prefácio da obra de Thomas More, *Utopia*, que “um dos caminhos para o conhecimento do homem está no conhecimento daqueles que influenciaram o seu caráter e o seu pensamento”, ou seja, todos nós temos exemplos de pessoas que espelham nossas ações, é por isso que agradeço à minha família, responsável por me preparar para a vida, incentivando sempre para os estudos.

Agradeço por todos os professores que contribuíram com minha formação escolar e, principalmente, agradeço à minha orientadora, Sandra Regina Ferreira de Oliveira. Seus ensinamentos foram para além do acadêmico e da pesquisa, ensinou-me a ser forte e a nunca desistir, ensinou-me que é possível sempre olhar o ponto positivo, pois, para ela, não existe o negativo e o impossível, mesmo que algo seja contra, é sempre positivo para alguém; ensinou-me que, às vezes, é preciso dar um passo para trás, recuar para, então, prosseguir, e isso é evolução. Durante nossa relação de orientadora e orientanda, muitos acontecimentos nos acometeram particularmente, nem por isso ela me deixou desamparada. Obrigada, professora!

Meus agradecimentos são direcionados, também, ao professor Dr. Tony Honorato, sujeito portador de autoridade teórica que, desde a apresentação do projeto, tem fornecido contribuições que enriqueceram a escrita, e à professora Dra. Marcia Elisa Tetê Ramos, que, nas andanças entre um evento e outro, entre uma apresentação e outra e até mesmo nas aulas, foi de extremo exemplo de competência e conhecimento. Vocês são minhas influências e espero poder refletir, na minha trajetória pessoal e profissional, os exemplos de ensinamentos e de orientação. Agradeço pelas contribuições valiosas, pela disponibilidade e pela colaboração, fundamentais para a consecução deste trabalho.

Não poderia deixar de citar, nesse espaço de agradecimento, os colegas de caminhada do mestrado: Poliana Chinelli, Thamiris Bettiol, Elizabete Tomazini, Rafael Silva, Marília Alcântara, Adriana Biazon, Luciana Aquino, professora Marlene Cainelli. Nossos encontros só fortaleceram os laços de amizade, sou imensamente grata pela honra de ter compartilhado momentos tão intensos de alegrias, frustrações e sucessos.

GUEDES, Silvana Muniz. **O calçadão de Londrina no ensino de História: pluralidades e apropriações de professores.** 2018. 197 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Estudos realizados sobre a maneira de analisar cidades e seus lugares de memória a partir de sujeitos considerados diferentes, perante uma sociedade que nos formata para sermos pessoas iguais, possibilitam pensar sobre novas formas de trabalhar os espaços urbanos nas escolas. Tal afirmação é possível quando o professor potencializa seu olhar para o que existe na cidade em termos de cotidiano e que, por vezes, não é percebido. Nesse sentido, o objeto desta pesquisa trata-se de um importante espaço da cidade de Londrina, no Paraná: o Calçadão. Um lugar de memória que nos convida a conhecer a história da cidade, permitindo refletir acerca do termo “patrimônio” e sobre a redefinição dada a esse conceito em tempos atuais. A metodologia utilizada é a de pesquisa-ação que, cada vez mais, vem sendo adotada no processo educativo por possibilitar utilização de técnicas consagradas em pesquisas, a fim de justificar a ação tomada com vistas na melhoria da prática. Assim, estudos bibliográficos foram eleitos como suportes para ampliar a pesquisa no âmbito educacional, estabelecendo relações entre o campo do Ensino de História, do Patrimônio e da Experiência. O patrimônio, neste estudo, é entendido como um conjunto material de objetos e práticas que identifica a união de sujeitos, principalmente pela forma como os espaços são apropriados por diversas pessoas presentes nele. A experiência abarca a valorização de relações humanas e as vivências na cidade por meio de sujeitos “diferentes”, contrapondo uma tradição erudita. Nesse aspecto, o objetivo deste estudo consiste em investigar e identificar quais as alterações possíveis (ou não) no Ensino da História sobre esse lugar, quando professores, por meio de um curso, são convidados a conhecer e a pensar sobre possibilidades de ensinar sobre esse espaço, considerando as narrativas desses sujeitos “diferentes” em conjunto com estudos teóricos acerca do Calçadão de Londrina. O ponto que se destaca é o material utilizado no curso: são as fontes produzidas e utilizadas durante a realização desta pesquisa que culminaram em três narrativas sobre o lugar: o olhar histórico e geográfico do lugar obtido por meio de um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo de seis anos; os movimentos cotidianos do Calçadão obtidos por meio da observação de campo em conjunto com referenciais teóricos que tratam do sujeito e de sua relação com a cidade; entrevista com três mulheres, selecionadas a partir da observação, que praticam atividades de trabalho há mais de vinte anos nesse espaço, o que trouxe uma narrativa sobre o Calçadão pelo olhar de quem lá está inserido cotidianamente. Criadas as narrativas, os professores trabalhariam a temática em sala de aula? A resposta veio do curso, quando uma das inferências apresenta que estudar o patrimônio material e cultural das cidades, a partir da narrativa e das experiências desses sujeitos, possibilita pensar a escola – fonte de educação – vinculada próxima e positivamente com o entorno, trabalhando o cotidiano do espaço urbano também pelo olhar dos considerados coadjuvantes.

Palavras-chave: Calçadão de Londrina. Patrimônio. Experiência. Ensino de História. Cidades.

GUEDES, Silvana Muniz. **The Londrina boardwalk in the teaching of history: pluralities and appropriations of teachers.** 2018. 199 fls. Dissertation (Master in Education) - State University of Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

Studies carried out on how to analyze cities and their places of memory from subjects considered different, before a society that shapes us to be equal people, make it possible to think about new ways of working the urban spaces in schools. Such an affirmation is possible when the teacher empowers his eyes to what exists in the city in terms of everyday life and sometimes is not perceived. In this sense, the object of this research is an important space in the city of Londrina, in the State of Paraná - the Boardwalk. A place of memory that invites us to know the history of the city, allowing us to reflect on the term patrimony and on the redefinition given to this concept in current times. The methodology used is that of action research that is increasingly being adopted in the educational process because it allows the use of research techniques to justify the action taken with a view to improving the practice. Thus, bibliographic studies were chosen as supports to expand the research in the educational scope, establishing relations between the field of Teaching History, Heritage and Experience. The heritage in this study is understood as a material set of objects and practices that identifies the union of subjects, mainly by the way spaces are appropriated by several people present in it. Experience encompasses appreciation of human relationships and experiences in the city through "different" subjects, contrasting a learned tradition. In this sense, the purpose of this study is to investigate and identify the possible (or not) changes in Teaching History about this place, when teachers, through a course are invited to know, to think about possibilities of teaching about this space, considering the narratives of these "different" subjects together with theoretical studies about the Londrina Boardwalk. The point that stands out is the material used in the course, the sources produced and used during the realization of this research culminating in three narratives about the place we present: the historical and geographical view of the place obtained through a work that comes being developed over six years. The daily movements of the Londrina Boardwalk obtained through the observation of the field together with theoretical references that deal with the subject and its relation with the city. Interview with three women, selected from the observation, who practiced work activities for more than twenty years in this space that brought a narrative about the Boardwalk by the look of who is inserted there everyday. Once the narratives were created, would the teachers work on the theme in the classroom? The answer came to the end of the course when one of the inferences shows that studying the material and cultural patrimony of cities from the narrative and the experiences of these subjects makes it possible to think about the school - source of education - closely and positively linked to the environment, working everyday of the urban space also by the look of the considered outcast.

Key words: Londrina Boardwalk. Patrimony. Experience. Teaching History. Cities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parte da área central de Londrina - abril de 2010	37
Figura 2 – Mapa: limites do Calçadão de Londrina - Avenida Paraná - 2016.....	39
Figura 3 – Calçamento em pedra portuguesa	41
Figura 4 – Calçamento em pedra <i>paver</i>	41
Figura 5 – Planta inicial de parte do centro de Londrina (1932)	42
Figura 6 – Mapa de parte da área central de Londrina (2016)	43
Figura 7 – Desfile cívico na Avenida Paraná - década de 1950	47
Figura 8 – Shows de carros na Avenida Paraná - década de 1950.....	47
Figura 9 – Avenida Paraná - Calçadão de Londrina - Manifestação (2016)	48
Figura 10 – Avenida Paraná - Calçadão de Londrina - Movimento (2017).....	48
Figura 11 – Avenida Paraná, décadas de 1930, 1950 e 1970, respectivamente	49
Figura 12 – Reportagem do Jornal de Londrina (2011).....	51
Figura 13 – Flores no piso da Praça Gabriel Martins	51
Figura 14 – Adaptação da reportagem do Jornal de Londrina.....	52
Figura 15 – Piso de vidro da Praça Tiradentes - Curitiba, PR	53
Figura 16 – Placa de identificação na Praça Tiradentes - Curitiba, PR	54
Figura 17 – Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 1.....	58
Figura 18 – Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 2.....	58
Figura 19 – Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 3.....	59
Figura 20 – Trabalho com maquete 1.....	60
Figura 21 – Trabalho com maquete 2.....	60
Figura 22 – Exposição dos trabalhos 1	61
Figura 23 – Exposição dos trabalhos 2	61
Figura 24 – Tabuleiro, notas e cartas do jogo <i>Banco Inventário</i>	62
Figura 25 – Alunos na hora do jogo.....	63
Figura 26 – Portal da entrada de Londrina sentido Londrina – Cambé; Passarela da Avenida Tiradentes, em Londrina, PR (2016). Destaque para uma das torres.	70
Figura 27 – Fachada do Shopping Boulevard, em Londrina, PR (2016)	70
Figura 28 – Parte interna do Shopping Boulevard, em Londrina, PR (2016).....	71
Figura 29 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (2015)75	
Figura 30 – Placa de identificação da Praça Jorge Danielides.....	76
Figura 31 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (1940).77	

Figura 32 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (1950)	77
Figura 33 – Utilização do coreto para manifestação (2005)	80
Figura 34 – Coreto no calçadão sendo demolido	81
Figura 35 – Fonte no Calçadão de Londrina	81
Figura 36 – Trecho do Calçadão de Londrina entre as ruas Pernambuco e Professor João Cândido	83
Figura 37 – Panorâmica do quarteirão 3: Avenida Paraná com Rua Professor João Cândido e Praça Gabriel Martins (2015)	86
Figura 38 – Praça Gabriel Martins, na década de 1950, vista de cima; ao lado, o recorte de uma propaganda política	87
Figura 39 – Avenida Paraná com Praça Gabriel Martins; ao lado, destaque para a propaganda política no poste	88
Figura 40 – Quiosque no Calçadão	90
Figura 41 – Espaço vazio onde era a Lanchonete Grill	90
Figura 42 – Apresentação teatral da peça “A Pereira da Tia Miséria”, do Núcleo Às de Paus, na Praça Gabriel Martins (2010)	93
Figura 43 – Visão do quarteirão 3	96
Figura 44 – Avenida Paraná com Praça MFP (década de 1940)	96
Figura 45 – Poucos dias após a inauguração do Calçadão (final da década de 1970)	97
Figura 46 – Vista da Praça Willie Davids para a Avenida Souza Naves - sentido sul da cidade	101
Figura 47 – Vista da Praça Willie Davids para Calçadão/ Avenida Paraná/ Ouro Verde - sentido norte da cidade	101
Figura 48 – Alunos realizando pesquisa de campo no quarteirão 5	102
Figura 49 – Placa na Praça Willie Davids sobre a rodoviária que existiu no espaço	103
Figura 50 – Busto do primeiro prefeito eleito em Londrina: Willie Davids	104
Figura 51 – Homenagem a Willie Davids	104
Figura 52 – Ouro Verde sendo consumido pelo fogo	106
Figura 53 – Definição do Calçadão de Londrina em palavras (curso com professores)	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 MEMORIAL	13
1.2 A PESQUISA	16
1.3 CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	22
CAPÍTULO 2	37
A CONSTRUÇÃO DO OLHAR INVESTIGATIVO PARA O CALÇADÃO	37
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO LUGAR	39
2.2 AS PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O OBJETO DE PESQUISA	50
2.3 A PESQUISA E O SABER HISTÓRICO ESCOLAR	56
CAPÍTULO 3	67
O PATRIMÔNIO NO COTIDIANO DO LUGAR E AS RELAÇÕES PESSOAIS	67
3.1 PASSAGEM	75
3.2 DESEJO	83
3.3 POLÍTICA	86
3.4 PONTO DE ENCONTRO E FÉ	95
3.5 POPULAR E ERUDITO	101
CAPÍTULO 4	112
OUTRAS VOZES E OUTROS OLHARES PARA O CALÇADÃO DE LONDRINA ..	112
4.1 SUJEITOS DA ENTREVISTA	114
CAPÍTULO 5	128
CALÇADÃO DE LONDRINA PELO OLHAR DE PROFESSORES	128
5.1 O OLHAR DE PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A TEMÁTICA “CALÇADÃO”: TRANSFORMAÇÃO? INCLUSÃO?	151

CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICES	172
APÊNDICE A – Folder do curso.....	173
APÊNDICE B – Folder do curso II.....	174
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista	175
APÊNDICE D – Textos produzidos para curso com professores.....	176
ANEXOS	190
ANEXO A – Imagem de reportagem utilizada no curso I	191
ANEXO B – Imagem de reportagem utilizada no curso II	192
ANEXO C – Imagem de reportagem utilizada no curso III	193
ANEXO D – Imagem de reportagem utilizada no curso IV.....	194
ANEXO E – Imagem de reportagem utilizada no curso V	195
ANEXO F – Imagem de reportagem utilizada no curso VI	196

INTRODUÇÃO

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade.

Albert Einstein

A citação de Albert Einstein refere-se a um ensinar em que as especificidades aliam-se aos sentimentos, para que homens e mulheres, sujeitos da história, conheçam-se e, assim, conheçam melhor o outro. No decorrer de nossa vida, acumulamos memórias que nos ligam a um passado, e isso gera sentimentos: de felicidade, angústia, tristeza, alegria, decepção, raiva, empatia. Concomitante a isso, criamos uma extensa lista de “contatos”, os quais deixam suas marcas de alguma forma.

Essa frase de Einstein nos ajuda a pensar, também, os espaços de educação escolar, nos quais ensinar uma especialidade requer um profissional, que, em nossa sociedade, é o professor. Nesta pesquisa, assumimos o pressuposto de que faz parte dos saberes dos professores, assim como de todos os demais sujeitos, compreender mais profundamente as relações humanas, considerando a amplitude de tais relações, com vista à possibilidade de construção de uma sociedade com menos pré-conceitos ou julgamentos.

Nesse sentido, assumimos que a escola é espaço de formação humana, e um dos objetivos dela é educar os indivíduos para conviverem em sociedade, identificando e respeitando as diferenças e as semelhanças presentes no entorno e nas mais diversas culturas. Na educação escolar, o ensino de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental desempenha um papel importante, que contempla, dentre outras tantas questões, a pesquisa e a reflexão da relação estabelecida entre o indivíduo e o mundo social. O aluno é levado a refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas, relacionando-os com seu grupo de convívio, sua localidade, sua região e com a sociedade como um todo. Assim, o conhecimento

histórico possibilita entender a forma que se constituem as identidades de um povo, os aspectos de uma cultura e os movimentos de uma sociedade.

1.1 MEMORIAL¹

O tema que define esta pesquisa é resultado de uma caminhada da pesquisadora, que teve início na graduação, quando houve a participação no PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –, em Pedagogia, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no período de 2011 a 2013. Esse subcapítulo será apresentado na primeira pessoa do singular por entender que trata-se de uma escrita exclusiva. O PIBID é um projeto que incentiva e contribui para a formação docente, inserindo os alunos de licenciatura nas escolas públicas, promovendo a articulação entre teoria e prática e mobilizando o professor da rede pública de ensino como co-formador dos licenciandos.

Pesquisar o Calçadão de Londrina, a história da cidade, as controversas e os acontecimentos é como tomar posse de uma história de vida em particular, o que fez criar um laço afetivo com a cidade. No PIBID, as oportunidades de pesquisar e de apresentar os resultados, o envolvimento com os colegas de graduação, pós-graduação, professores da rede e outros professores da Universidade, o contato com outras áreas do conhecimento nos eventos de História, de Matemática e de Filosofia proporcionaram a aproximação, de fato, com a pesquisa, com o estudo, com o aprender e com a maneira de ensinar.

A busca por vestígios sobre o Calçadão em outros tempos me colocou em contato com arquivos de jornais e, confesso, interessei-me ainda mais por investigar, abrir aqueles jornais antigos, velhos e amarelados, sentir o cheiro, ver as imagens era quase como ser transportada para uma outra época. O envolvimento proporcionado pelas pessoas que apareciam nas reportagens e a busca por elas no intuito de coletar informações, a escrita dos resultados em conjunto com autores da área da História, do Ensino de História e da Educação culminaram em uma narrativa sobre a história do Calçadão, um projeto que foi aplicado em duas escolas e em artigos publicados e apresentados.

¹ Os referenciais teóricos assumidos nesta pesquisa, assim como nas demais pesquisas desenvolvidas e em andamento no Grupo de Pesquisa História e Ensino de História, orientadas pela Prof^a. Dr^a. Sandra Regina Ferreira de Oliveira, remetem à importância da história de vida na formação do professor, na formação do pesquisador e para o campo do Ensino de História. Por isso, optamos por apresentar, no texto de qualificação, um Memorial, a fim de que a banca conheça a formação da pesquisadora, o processo de escolha do objeto de pesquisa e a construção dela.

Eu, enquanto aluna e pesquisadora, realmente não tinha a noção da capacidade nem da importância do trabalho que estava sendo desenvolvido, até que encontrei uma figura-chave: o arquiteto grego Sr. Takis, uma prova viva do que estava pesquisando. Esse senhor, uma pessoa muito sensível, educada e calma, abriu-me vários caminhos de como conhecer Londrina, não só pela arquitetura, mas pelo que havia por trás, como o Monumento à Bíblia (autoria dele) e seu significado, bem como as flores da Praça Gabriel Martins e seu significado.

Além disso, a participação do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) com o projeto HISPED (Histórias de Sucessos Pedagógicos) me colocou em contato com escolas de cidades de outros estados do Brasil: Aracajú, em Sergipe; Campo Grande, no Mato Grosso do Sul; Palmas, em Tocantins; Rio de Janeiro, no estado de mesmo nome. Conheci outras realidades escolares, outros métodos de trabalhar o ensino, várias histórias de sucessos pedagógicos. Saber e conhecer como trabalham, ouvir dos próprios professores experientes o que consideram importante para o processo de ensino e aprendizagem foi muito importante. Percebi que cada escola tem uma maneira diferente de trabalhar e que direção e coordenação determinam o movimento da instituição no que tange a professores, a alunos e à comunidade escolar. Uma experiência única e enriquecedora para quem estava se formando a fim de exercer a profissão de professora.

Todo esse apanhado, em conjunto com os demais projetos desenvolvidos no PIBID, formaram a base para a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual possibilitou as primeiras aproximações com os escritos de García Canclini (1999) e Huyssen (2000) sobre o conceito de patrimônio, com a questão da memória em Le Goff (1988) e com o estudo sobre identidade, advindo do sociólogo Zygmunt Bauman (2005). Essa leitura horizontal, contemplando esses três conceitos, possibilitou entender o significado que cada um representa na e para a sociedade contemporânea.

Nesse viés, a memória social precisa ser representada de alguma forma para validar nossa identidade. Todavia, essa representação não precisa ser, necessariamente, posta em bens materiais considerados como Patrimônios, mas também pode ser o que a cultura produz e como produz. Trabalhar essa temática com os alunos e possibilitar a eles um olhar diferente para o espaço é considerado,

por mim, a mola propulsora para a memória de determinada cultura ser representada e valorizada.

Um espaço que não poderia deixar de mencionar é o Laboratório dos Anos Iniciais (LAI). Nele, ouvimos orientações, compartilhamos experiências, desabafos, aprendemos e ensinamos. Os erros podiam ser cometidos ali, pois tínhamos os professores para nos orientar. A vivência no LAI contribuiu para a minha formação e para a de dezenas de pessoas que por lá passaram ou ainda passam em cursos, oficinas e reuniões. Trata-se de um verdadeiro laboratório de experimentações, instrumentos, observações e experiências.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Estadual de Londrina, adentrei no estudo de autores do campo dos Estudos Culturais. Meu interesse era prosseguir com a pesquisa sobre o Calçadão de Londrina, investigando quem eram as pessoas que frequentavam aquele espaço, com foco nos sujeitos singulares, relacionando tudo isso com o ensino de História para as crianças que frequentam os Anos Iniciais. Tratando-se de um espaço multicultural, os hippies seriam um ótimo grupo a ser focado na pesquisa, no entanto, ao iniciar o trabalho de campo, meu olhar se ampliou para o movimento do local, chegando ao desenho atual da pesquisa.

Ao mesmo tempo, nesse caminhar e navegar pelas escritas, pelas pesquisas e pelo ensino, ingressei, por necessidade, na rede privada de ensino a distância e fiquei responsável pela disciplina “Homem, Cultura e Sociedade”, o que me despertou interesse para o campo da Antropologia. Meses depois, chamada pelo concurso da rede pública de Cambé para atuar como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em 2015, ampliaram-se ainda mais os meus campos de interesse, pois fiquei responsável pela disciplina de Arte. No primeiro ano, ministrei essa disciplina em cinco escolas, um dia em cada escola, e descobri que me adapto com facilidade a todo esse movimento. Além disso, foi bom conhecer cinco realidades educacionais diferentes, mesmo que em uma mesma rede de ensino.

Ainda permaneço como professora de Arte e me sinto feliz em trabalhar com um conteúdo que necessita de olhares sensíveis, do treino da percepção, que busca a essência do humano, mexe com os sentimentos e os sentidos e possibilita a liberdade na criação. Com tantas possibilidades e oportunidades de conhecimento e experiência, há quem pergunte do cansaço. De fato, ele existe, mas me apego à frase de Cora Coralina: “Desistir? Eu já pensei

seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério.”. Vivo cada instante, sinto o coração bater, transpiro, respiro, encanto-me e espanto-me com o que vejo em todos os lugares, lido com a beleza da tristeza envolvendo meus sentimentos como uma dançarina que se envolve com a música. Tenho muitas dúvidas, mas quem não tem?

1.2 A PESQUISA

Nossa proposta inicial de pesquisa ancorava-se, principalmente, no conceito de “errância”, assumido a partir dos estudos de Paola Berenstein Jacques sobre a alteridade urbana. Ela compartilha da ideia de Walter Benjamin (1987) de que, a partir da modernidade, há uma perda ou até mesmo uma destruição da experiência compartilhada entre as pessoas, e esse evento contribui para algumas experiências urbanas erráticas como possibilidade de crítica e resistência a essa ideia de empobrecimento (JACQUES, 2012). Não abandonamos os estudos de Jacques, mas buscamos por Walter Benjamin, em suas referências, com vistas a embasar este estudo.

Dentre os sujeitos compreendidos como errantes presentes na cidade, tínhamos como foco trabalhar um grupo de artesãos presentes no Calçadão de Londrina conhecidos na cidade por “hippies”. Com o intuito de acompanhar o dia a dia dessas pessoas, fomos até o local que esses artesãos se concentram – em frente ao Cine Teatro Ouro Verde. Contudo, o movimento desse espaço modificou nosso olhar para a diversidade presente. Percebemos que o espaço em questão nos oferecia inúmeros detalhes, os quais possibilitariam vários recortes para a pesquisa. Por conseguinte, da apresentação do projeto ao término da disciplina de Pesquisa I, no primeiro semestre de 2015, as contribuições advindas dos docentes que analisaram-no aliaram-se a nossa ideia de buscar as pluralidades do Calçadão de Londrina em termos de sujeitos.

Transitando pelo Calçadão, cotidianamente, não nos atentamos aos detalhes devido à pressa ou por estarmos sempre indo, objetivamente, de um ponto a outro. Porém, ao sentar e observar sem pressa e sem um trajeto a ser cumprido, identificamos que o espaço em questão apresenta pluralidades a partir de seus

diversos sujeitos, inclusive os singulares² e errantes. São sujeitos que lá realizam as mais diversas atividades: transitar, trabalhar, residir, realizar compras, arrecadar ajuda, manifestar, apresentar-se. Nessa lógica, o Calçadão de Londrina – uma rua de pedestres construída no centro da cidade – apresenta-se como potente espaço de pesquisa e ensino por possibilitar a construção de diferentes compreensões sobre o mesmo lugar.

A cidade é conteúdo privilegiado em muitas propostas curriculares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, em algumas escolas, o que predomina é a clássica ideia de educação patrimonial, a qual entende o patrimônio material em si como fonte quase única de conhecimento. Portanto, pesquisar tal temática se **justifica** pelas diferentes tipologias de trabalhos encontradas, que colocam em evidência o que existe na cidade em termos de sujeitos e de experiências, não somente aquilo que já está posto como patrimônio erguido e não sentido.

Em conjunto com a ideia de alguns pesquisadores da área, tal qual Almeida (2011), para quem a cidade é uma potente fonte de construção do conhecimento histórico, nossa **problemática** se dá diante da diversidade de pessoas e de atividades desenvolvidas no Calçadão de Londrina. Assim, se diferentes narrativas de um determinado espaço da cidade fossem elaboradas, elas seriam pensadas para se trabalhar a história da cidade pelos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? A busca por respostas trouxe forma à nossa pesquisa a partir das histórias narradas por alguns sujeitos que vivenciam diariamente – na categoria *Erlebnis*, de Benjamin (1987) – o nosso **objeto** de pesquisa: o Calçadão de Londrina.

No processo de recomposição da investigação, trabalhamos com a **hipótese** de que estudar os “lugares de memória” (NORA, 1993) da cidade, considerados oficialmente (ou não) patrimônios, assumindo o experienciar no sentido benjaminiano, a partir da narrativa de diferentes sujeitos, oferece potencialidade para ampliar os suportes para a pesquisa no campo educacional, estabelecendo relações entre a História, o Patrimônio e a Educação. A escola, posta como instituição educativa, pode estabelecer um vínculo próximo e positivo com a cidade na qual está inserida e com os diversos sujeitos sociais/culturais, chamando

² Entendemos por singular aquilo que é único de cada sujeito.

a atenção para as questões presentes na cidade e provocando algumas sensibilidades.

Diante disso, nosso **objetivo geral** é investigar se as narrativas construídas sobre o Calçadão de Londrina por meio de diferentes olhares para o espaço podem alterar (ou não) a forma de pensar as práticas educativas no ensino de História nos Anos Iniciais.

No sentido de expandir o conhecimento sobre o Calçadão de Londrina, definimos como **objetivos específicos** dessa investigação: apresentar o olhar histórico e geográfico desse espaço fundamentado em uma pesquisa de seis anos, com diferentes fontes, as quais contemplam a existência do local que hoje é o Calçadão de Londrina; expor o movimento cotidiano desse espaço urbano por meio de experiências e apreensões vivenciadas nos cinco quarteirões desse local; construir uma narrativa do espaço pela compreensão de alguns sujeitos que vivenciam cotidianamente o movimento do Calçadão de Londrina; e, por fim, levar esse conhecimento para a escola, convidando professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a conhecer, a pensar e a ensinar sobre esse espaço a partir de outras perspectivas, além de analisar as formas e as alterações possíveis (ou não) no ensino da História.

Para desenvolver essas ações, assumimos a cidade e seus movimentos como importantes cenários educativos, escolares ou não, potencializando o olhar para o que existe em termos de sujeito e a relação dele com os lugares da cidade. Almeida, por sua vez, incita-nos a:

Pensar sobre o que representa para a Educação e o Ensino de História desvelar a dinâmica da experiência urbana e a dinâmica que se estabelece pela relação com o urbano entre tempo, memória, cotidiano e narrativas, eixos essenciais, porque estão espontaneamente pela cidade e pautam a vida das pessoas na sua relação igualmente espontânea com processos educativos não-escolarizados. Cada sujeito, portanto, passaria a ser considerado um sujeito-narrador em potencial. (ALMEIDA, 2011, p. 11).

A narrativa, nesse aspecto, possibilita entender como esses sujeitos organizam e compreendem as vivências do cotidiano. Mas, para que isso ocorra, é necessária a sensibilidade do escutar, não simplesmente ouvir pelo sentido da audição, mas prestar atenção, parar, observar quem está falando, de onde e como

fala. É nessa perspectiva de narrativa que buscamos valorizar as falas de alguns sujeitos silenciados na história tradicional da cidade.

Nessa perspectiva, a História nos apresenta possibilidades para trabalhar as relações que se estabelecem socialmente. Como ponto de partida, mostra que, ao longo do tempo, existem pessoas que vivem à margem daqueles que detêm o poder, quer seja econômico, quer seja social e, ao haver essa diferenciação, há também a discriminação daqueles que não fazem parte do poderio. Em paralelo, a cultura consumista advinda do capitalismo burguês formou humanos altamente excludentes, que residem em cidades, mas não transitam por ela, vivem em casas cada vez mais muradas e escolas em formato de prisão. A cidade tornou-se o lugar do medo, e esse sentimento se manifesta ainda mais quando nos deparamos com a singularidade do outro.

Ao ampliar o que compreendemos como história de uma cidade e reconhecer que a história oficial considera apenas uma pequena parte e seleciona como contar sobre essa pequena parte, ampliamos também a quantidade de pessoas e lugares que podem ser selecionados para construir narrativas sobre a cidade. Ao escutarmos alguns sujeitos, constata-se que essas histórias narradas nas mais diferentes formas põem em cheque toda uma narrativa tida como única e verdadeira e mostram que a vida de cada pessoa está repleta de simbolismos e possui um significado especial, um encantamento que ultrapassa em muito o que podemos ver concreta e materialmente.

Nesse sentido, apropriamo-nos de Nora (1993) quando afirma que os lugares de memórias tratam-se da representação de algo que está no lugar, no tempo, que representam práticas sociais e experiências humanas. O autor explica que:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo

de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. [...] é material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número de uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

As experiências vividas, o modo como alguns sujeitos fazem uso dos bens e dos espaços físicos e, principalmente, a forma como os objetos e os espaços são apreendidos pelos homens na atualidade nos aproximam de ações que defendem o patrimônio cultural também por meio das relações que o sujeito estabelece com determinados lugares da cidade: “as cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes”. (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 15).

Nosso desafio na pesquisa é de promover uma discussão junto aos professores acerca de quais narrativas poderiam ser elaboradas e ensinadas nas escolas, considerando o olhar para o movimento cotidiano da cidade. No que tange ao nosso recorte – Calçadão de Londrina –, as memórias, as falas, as experiências de alguns sujeitos presentes nesse cotidiano forneceriam elementos potentes a estudos futuros sobre a história local. É nesse sentido que buscamos conhecer e narrar sobre esse espaço.

Para tanto, apresentamos, no segundo capítulo, mais detalhes sobre como chegamos a essa temática. Trata-se de um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo de seis anos entre pesquisas bibliográficas e documentais, jornais e entrevistas. Temos alguns resultados, tais como apresentações em eventos, publicações em anais e em revistas, capítulos de livros, projetos desenvolvidos em escolas públicas de Londrina, além do trabalho de conclusão de curso.

Nessa seção, o leitor conhecerá o que vem a ser o Calçadão de Londrina, de que espaço estamos falando, sua importância histórica e para a população. A forma como essa temática foi trabalhada no ensino de História dos Anos Iniciais também é apresentada, bem como as memórias desse local e suas transformações, possibilitando uma aproximação com o objeto de estudo.

O desenho do terceiro capítulo se faz pelo olhar de pesquisadora em

relação ao espaço, com impressões registradas em um caderno que denominamos Diário de Observação. Trata-se de um capítulo mais extenso que os demais pelo fato de apresentarmos os cinco quarteirões em taxionomias particulares, com seus movimentos cotidianos e imagens que contribuem para a leitura do espaço.

Cada espaço é composto por impressões, ideias, sons, falas ouvidas de quem passava, conversava e observava. As experiências e as apreensões nesses quarteirões foram anotadas e são apresentadas nesse capítulo em conjunto com referenciais teóricos que tratam do sujeito e da relação dele com a cidade: lugar de memória, com Pierre Nora (1993); cotidiano, em Agnes Heller (2016); lugar, de Yi-Fu Tuan (1983, 2013), os quais, somados aos estudos de Benjamin (1984, 1987, 1992, 1993, 1994, 2007) e García Canclini (1988, 1994, 1999, 2007), compõem a base teórica desta pesquisa.

Amparadas pela metodologia da pesquisa-ação, a partir da observação, escolhemos três mulheres³ para entrevistar. Elas estão há mais de vinte anos no Calçadão de Londrina e desenvolvem atividades ligadas à sobrevivência delas. As falas dessas mulheres compõem o quarto capítulo. Para entrevistá-las, optamos por trabalhar com o apoio de um roteiro pré-organizado (Apêndice C). Foi estabelecido um diálogo com as entrevistadas, em um tom de conversa e de proximidade, não com o intuito de obter delas uma história verdadeira para perpetuar como única e absoluta, mas de obter uma história dentre tantas outras que poderiam ser contatadas para, então, serem organizadas em narrativas, dando-lhes sentido.

Nisso, a pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Ela serve à educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Ela pertence por excelência à categoria da formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano. (BARBIER, 2007, p. 19).

Essas narrativas, em conjunto com a observação do espaço, foram utilizadas como fonte no curso realizado junto aos professores, cujo objetivo foi compreender como esses profissionais trabalhariam com a temática Calçadão de Londrina, no conteúdo do Ensino de História para criança, temática do quinto

³ Após a seleção das entrevistadas, foi-me feito o seguinte questionamento: por que três mulheres? Talvez, tenha atendido a um desejo de colocar a mulher como protagonista na construção de tais narrativas ou, talvez, pela dificuldade de aproximação com os homens que circulavam pelo espaço, pois foram realizadas duas tentativas sem sucesso. Mas, não houve, a princípio, a intencionalidade de trabalhar somente com narrativas femininas sobre o espaço.

capítulo deste trabalho. Trata-se do olhar dos professores para os lugares da cidade. Para isso, compartilhamos do seguinte entendimento:

A ideia de um corpo docente em constante ação, vendo e revendo conceitos e conteúdos, lendo e relendo materiais de fontes variadas, questionando-se sobre as verdades tidas como absolutas em relação a essa área do conhecimento e desconfiando da visão romântica sobre os fatos históricos, são formas de ampliar as possibilidades de trabalho com os alunos. (LIMA et.al, 2010, p. 217).

O material coletado e estruturado a partir dos resultados das fases 1, 2 e 3 da pesquisa foi base para o curso de professores realizado no mês julho de 2017, no Laboratório dos Anos Iniciais, da UEL. Esse curso foi organizado com 16 horas de duração, sendo 12 horas de aulas práticas e 4 horas de estudos teóricos, e foi aberto para professores do terceiro ano do Ensino Fundamental da rede pública e particular da cidade de Londrina, ano escolar no qual se trabalha com a temática “cidades”. Porém, nosso trabalho foi enriquecido com a participação de professoras de outras cidades, que, interessadas na temática, também se inscreveram para participar do curso.

O planejamento do curso seguiu a proposta da sequência didática, e o objetivo foi apresentar aos professores outras possibilidades de se trabalhar a temática “cidades” no Ensino de História com crianças, considerando também os sujeitos coadjuvantes de uma história tradicionalmente contada pela sociedade e trabalhada nas escolas. Para isso, o intuito na pesquisa foi descobrir se, de posse de todo o material produzido durante a pesquisa e após a realização de uma visita a campo, as professoras se apropriariam das diferentes narrativas elaboradas sobre o espaço e quais as alterações possíveis (ou não) no ensino da História sobre esse lugar.

1.3 CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O campo teórico sobre o qual a pesquisa se desenvolve é circunscrito por autores que valorizam as experiências vivenciadas na cidade contemporânea. Elegemos a teoria de Walter Benjamin, filósofo alemão do século XX, a qual nos fornece ferramentas para compreender realidades culturais e fenômenos históricos. Esse autor colabora ao entendimento de questões importantes a contrapelo das

tendências dominantes, uma vez que seu olhar é direcionado às classes dominadas. Dentre tantos conceitos por ele elaborados, o conceito de “narrativa” e “experiência” nos oferece possibilidades para trabalhar as relações pessoais e a singularidade das pessoas.

Walter Benjamin (1993) contraria a visão quantitativa e linear da história proposta pelas filosofias burguesas e as coloca como responsáveis pela luta de classes, na qual podemos sempre identificar a valorização dos dominantes em detrimento ao ponto de vista dos dominados. Ele se deteve à questão da experiência em alguns de seus ensaios e a utiliza sempre com o termo *Erfahrung*, ainda que os modos de utilizá-lo variem de um texto para outro. Mas, é ao escrever sobre o poeta Charles Baudelaire que Benjamin faz uso da palavra *Erlebnis* como vivência, a fim de definir uma qualidade especial de experiência, ampliando seu significado para o campo da sensibilidade.

Para Benjamin (1994), a experiência singular seria o sentido que cada um tem para a vida, o modo de viver de cada pessoa, não importando o que é imposto como certo ou errado, mas a tentativa de ter seu próprio modo viver em um sistema, sim, imposto. Em seus constantes trabalhos, em que se ateu a conceituar a experiência, Benjamin compreendeu que a teoria kantiana, que separa em partes o todo para ser estudado com o intuito de conhecê-lo em sua totalidade, não era o suficiente para organizar as qualidades da experiência.

Isso porque, para Benjamin (1994), a verdade não é apenas consequência de conceitos abstraídos pela razão e expressos por meio da linguagem racional ou conceitual. A saber, a verdade também pode ser produzida a partir da interpretação objetiva, ou seja, quando assumimos que tudo fala em sua própria linguagem. A experiência no campo da experiência humana, como Artes, Religião, Política e Filosofia, ao ser tratada, também, a partir dos parâmetros utilizados na experiência científica, anuncia um declínio de um passado comum a ser transmitido. As razões disso é o avanço da capacidade técnica, sobretudo quando aliado à pobre realidade fabril capitalista (BENJAMIN, 1987).

Em *Experiência e Pobreza* (1987)⁴, o termo “experiência” (*Erfahrung*) é utilizado como o conhecimento transmitido entre gerações. Trata-se de um acúmulo de saberes transmitido, geralmente, por meios de fábulas, histórias, parábolas ou

⁴ Esse texto se encontra na publicação: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

provérbios, além de ser o que constitui o ser plenamente, que faz parte de sua história.

Entretanto, com o advento da Primeira Guerra, entre os anos de 1914 e 1918, houve um silêncio dessa experiência “transmissível de boca em boca” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Traumatizados com o que se passou nas trincheiras da guerra, os soldados que voltavam para casa eram incapazes de transmitir o que foi aprendido, tampouco o que lá se passou. Para o filósofo, isso pode ser considerado um indício da morte do narrador:

[...] era tudo, menos a experiência que se transmite de boca em boca. O que não é de estranhar. Nunca experiências foram desmentidas mais radicalmente do que foram as estratégias das trincheiras, a econômica pela inflação, as físicas pela guerra de armamento pesado, as morais pelos governantes. (BENJAMIN, 1992, p. 28).

No ensaio “*Der Erzähler*” (traduzido para *O narrador - reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov*⁵), escrito em 1936, Benjamin traz a ideia de que a relação que a palavra “narrador” evoca já não apresenta uma intervenção eficaz no século XX. Benjamin coloca Leskov⁶ como uma espécie de narrador em extinção, sintoma de uma época em que a experiência entra em crise e passa a perder seu valor indefinidamente (BENJAMIN, 1992).

A narrativa, para Benjamin, “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária” (BENJAMIN, 1987, p. 200), que pode ser concebida como um ensinamento moral ou como uma sugestão prática ou um conselho. Para o autor, o objetivo da narração é transmitir algo ao leitor: a experiência, que é entendida como a matéria-prima do narrador e comunicada oralmente (BENJAMIN, 1987). Para Lima e Baptista (2013, p. 467), o sujeito-narrador narra suas experiências no espaço e, ao narrar, organiza tais experiências “da forma mais precisa e natural”, a fim de transmiti-las. Esse feito se dá na ação, no gesto e na interação com pessoas. Todavia, em um cenário em que as experiências são

⁵ Esse texto se encontra na publicação: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

⁶ “Nikolai Leskov nasceu em 1831, na província de Orjol, e morreu em 1895, em S. Petersburgo. Era muito interessado pelo modo de viver dos camponeses, adquirindo certa simpatia por eles. A significação de Leskov em Benjamin está em suas narrativas. Leskov foi escritor que, contrário à burocracia ortodoxa, geralmente apresentava como personagem central de seus escritos o homem simples e ativo que se transformava em santo naturalmente.” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

destruídas, não há o que se transmitir de boca em boca, há necessidade de esquecer, de não querer contar.

É no sentido de valorizar a experiência transmitida de boca em boca que trabalhamos com as falas de pessoas que vivenciam um espaço da cidade de Londrina cotidianamente, o que se justifica pela teoria benjaminiana, que nos mostra que eram os eventos cotidianos que se traduziam em experiência comunicável e transmitida. Ademais, a experiência transmitida de geração em geração nos vincula ao passado e tudo que a ele pertenceu, são como fios na mão de um tecelão, que vão tomando forma conforme a trança. Assim, as experiências trançadas nas convivências sociais e com forma definida se tornam nosso patrimônio cultural à medida que as reconhecemos e nos identificamos como sendo parte do que nos foi transmitido.

Desse modo, outro autor-chave na composição do aporte teórico para esta pesquisa é Nestor García Canclini, argentino radicado no México que trabalha a relação entre estética, arte, antropologia, estratégias criativas e redes culturais dos jovens. Esse autor traz várias interrogações acerca do termo "patrimônio" e a redefinição dada a esse conceito em tempos atuais. Defende um patrimônio cultural que esteja vinculado às relações sociais estabelecidas.

O resgate, de fato, do patrimônio inclui sua apropriação coletiva e democrática, sendo necessário criar condições materiais e simbólicas para que todas as classes possam encontrar nele um significado e compartilhá-lo. (GARCÍA CANCLINI, 1999, p. 22).

Para ele, as leis existentes de preservação patrimonial não abarcam suficientemente as formas de uso contemporâneo das diferentes manifestações culturais tidas como patrimônio cultural. Além disso, apontam que a política cultural ou a difusão do patrimônio não devem apenas resgatar os objetos tidos como "autênticos" de uma sociedade, mas também os que são culturalmente representativos e que compõem um conjunto de bens que denotam as identidades de um povo.

O termo "patrimônio" se tornou um espaço de disputa econômica, política e simbólica em relação a como, a por que e ao que será selecionado para ser preservado como patrimônio e sua utilização. Faz-se necessária uma análise reflexiva sobre os processos de reurbanização, migração, industrialização e

inovação tecnológica, considerando as limitações, os problemas e a conservação do patrimônio cultural, bem como as condições legais e institucionais sobre as atuais formas de uso e de participação dos diferentes setores sociais quanto ao patrimônio cultural.

García Canclini (1999) critica o Estado no papel de agenciador desse patrimônio, sendo ele o elemento integrador de uma nação, que une Estado, elite e população, promovendo características regionais e, conseqüentemente, a característica nacional. Para o autor, há de se conhecer e entender as pautas de percepção e de compreensão subjacentes em relação aos receptores da cultura e dos bens culturais, oferecendo referências e fontes, buscando a democratização da cultura (García Canclini, 1999).

Os lugares das cidades são conduzidos por grupos vivos em constante transformação, isso os coloca também como um patrimônio culturalmente representativo, pois representam “certos modos de conceber e viver” o cotidiano de algumas pessoas (GARCÍA CANCLINI, 1994). Sendo assim, “Devemos redefinir o patrimônio cultural, de acordo com as condições históricas, sociais [...]” (GARCÍA CANCLINI, 1994, p. 95) elaboradas a partir de novas interpretações sobre o lugar. É nesse sentido que pesquisar o Calçadão de Londrina a partir do cotidiano do espaço possibilita outras abordagens para o que vem a ser patrimônio nos dias atuais, tendo em vista a noção de capital cultural não somente representado por um conjunto de bens estáveis e neutros com valores fixos. Ao se considerar o entorno social, a partir do qual tais bens são criados e apropriados, valoriza-se também a leitura de mundo de cada grupo.

Tal afirmação possibilita pensar sobre a relação que os frequentadores estabelecem com um determinado espaço da cidade. Não se trata somente de algo físico, a ideia é a de união dos indivíduos que compartilham um conjunto material de objetos e práticas que os identificam: as experiências vividas, as linguagens, os conhecimentos, as tradições imateriais (lendas, histórias, memórias do povo), o modo como usam os bens e os espaços físicos e, principalmente, a forma como os objetos e os espaços são apropriados por homens e mulheres.

Articulado à necessidade de novos rumos no campo do patrimônio, em cidades tidas como novas, a exemplo de Londrina, o dilema acerca da preservação esbarra no constante processo de transformação da paisagem urbana. Diante desse

fato, fica a dúvida do que preservar, se tais transformações interferem diretamente nas relações que a população mantém com os lugares da cidade.

As memórias nos rodeiam o tempo todo nas cidades, em ruas, praças, avenidas ou monumentos. Diariamente, estamos em contato com nomes e datas que nos remetem ao passado, muitas vezes sem sentido a quem vê. Mas, a que nos remete uma pessoa que dorme em um banco da praça? E aquele sujeito pedinte que anda pelas ruas de nomes “importantes”?

Durante o processo de observação, ao se perceber, por exemplo, um senhor sentado em um banco na praça, uma das técnicas de pesquisa utilizadas foi perguntarmos-nos quais seriam as memórias que ele carrega do espaço. Que narrativa construiria sobre o local? Essa questão se alongou a mais sujeitos: os vendedores de frutas, de mídias, de cartão da Loteria Federal, das utilidades domésticas presentes no Calçadão, o “pastor” que “prega” a palavra de deus posta na bíblia dele, a senhora que pede dinheiro, os artesãos hippies. Que narrativas poderíamos escrever sobre a história do Calçadão de Londrina a partir das falas de pessoas comuns?

Buscamos contribuir para recuperar as várias memórias que compõem uma cidade, possibilitando enxergar outras camadas urbanas (ALMEIDA, 2011) que, identificadas, formam uma paisagem cultural e, conseqüentemente, a história de um lugar. Miranda e Siman (2013) indicam que é possível considerar que a paisagem urbana é moldada pela dinâmica da sociedade e que ela, ao interagir no espaço, insere suas características deixando registros que permanecem como impressões de determinado tempo. Assim, é plausível realizar estudos sobre as cidades, temática importante para o ensino de História nos Anos Iniciais, valorizando as vivências e experiências de seus diversos habitantes:

Isso significa preconizar uma formação para uma educação pela cidade, que favoreça o entendimento do potencial que possui o caráter polifônico presente nas diversas camadas temporais que compõem o espaço urbano, de modo a corroborar as potencialidades educativas dos urbanos. (MIRANDA; SIMAN, 2013, p. 23).

Araújo (2014), citando Silva Filho, vai ao encontro das argumentações postas pelas autoras acima ao destacar que:

[...] a própria cidade e sua dinâmica constitui-se fonte de educação, revelando a historicidade impregnada nas ruas, praças, edificações e espaços públicos, e a multiplicidade de tempo expressa no emaranhado urbano. Para Silva Filho (2003), a investigação minuciosa do centro urbano, que constitui um requisito ao conhecimento histórico e cultural, só se concretiza por meio do caminhar. (ARAÚJO, 2014, p. 104).

Questionamo-nos se essa forma de se relacionar e de experienciar das pessoas com a cidade e com o cotidiano pode transformar o olhar do professor para a cidade e, em decorrência, alterar a forma como se ensina sobre ela, afastando-o de tradições conservadoras ainda praticadas pela atual sociedade, “que preservavam suas tradições nos épicos e narrativas” (LIMA; BAPTISTA, 2013, p. 14).

Os conteúdos estruturados para serem ensinados na maioria das escolas seguem os discursos oficiais elaborados a partir de um passado comum, do qual nem todos fazem parte. Tal discurso é transmitido com grande apelo emocional, preponderando uma abordagem patriarcal e nacionalista. Apesar disso, a situação exposta pode ser alterada se considerarmos a perspectiva anunciada por Benjamin (1994), principalmente acerca da experiência e da narrativa, atentando-nos para o sentido que cada pessoa coloca ao experienciar e narrar as suas diversas situações cotidianas. Dessa forma, no Ensino de História, o sujeito estudante tem a possibilidade de compreender sobre o seu entorno, considerando os aspectos individuais e coletivos.

Na perspectiva acima, concebemos a História e seu ensino como algo potencializador da dimensão humana das pessoas envolvidas, isso a despeito das incertezas, das desigualdades, das racionalidades técnicas e das contradições vigentes. Ao trabalhar com a noção de experiência em declínio, Walter Benjamin (1987) contribui para recuperá-la pelos sentidos que podem ser provocados nas cidades por meio da experiência da alteridade. Nessa interpretação, a temática “patrimônio”, tratada pelo viés das relações sociais estabelecidas no Calçadão de Londrina, possibilita compreender o valor dos acontecimentos na sociedade a partir de diferentes vieses, que entrelaçam aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Esse entrelaçamento ocorre na vida cotidiana em meio aos movimentos que acontecem na cidade, repleto do passado e das preocupações com

o futuro. É preciso, dessa maneira, procurar saber mais sobre o lugar que nos cerca, refletindo e indagando a respeito do cotidiano dos lugares que vivemos (MIRANDA; SIMAN, 2013). Isso implica conhecer o Calçadão de Londrina enquanto um lugar de memória, de patrimônio e de dimensão educativa, contrapondo as tantas pesquisas sobre cidades que valorizam as construções.

Intercorre que a crença de progresso aprisionou o indivíduo a uma função específica, impondo mecanismos coercitivos que não permitem espaço para singularidades. Nas ruas das grandes cidades, a exemplo de Londrina e tantas outras maiores, entre os transeuntes e as multidões se encontram os mesmos gestos mecânicos. Para senti-la de uma maneira singular e errante, é preciso, como Benjamin (1994), ater-se aos vazios da vivência na cidade. Isso nos permite enveredar por caminhos complexos, os quais envolvem as relações pessoais, de consumo, de cultura, de sujeito e de apropriação do espaço/lugar nas diferentes camadas de tempo, passando de geração em geração, possibilitando reflexões sobre as experiências na cidade.

Compreendemos que a apropriação do espaço se dá pela relação chamada “alteridade urbana”, também pelo encontro com sujeitos tidos como errantes. Posto assim, Benjamin (1994) apresenta Baudelaire, um andarilho da cidade, um poeta consciente da realidade, que compunha seus poemas a partir da sua vivência, contrariando todas as outras que buscavam restaurar a dignidade perdida por meio de uma experiência dificilmente sentida pela guerra e pelo trabalho ou até mesmo nas fábricas. Baudelaire, segundo Benjamin (1994), era um sujeito praticante das errâncias, que experimentava a cidade e a vivenciava de maneira singular.

Os sujeitos errantes fogem de um padrão tradicional e socialmente formatado, que desestabiliza a hegemonia presente em uma cidade, incorporando-a pela relação que estabelece com o espaço (BENJAMIN, 1987). Em Londrina, podemos encontrar alguns desses sujeitos considerados errantes urbanos, como artistas, escritores e pensadores. Suas experiências podem ser vistas tanto em textos quanto em fotografias ou até mesmo em filmagens produzidas por eles de forma explícita ou implicitamente crítica. É o caso do cineasta e documentarista Luis Henrique Miotto, que, em algumas de suas produções, torna-se errante ao se colocar como coautor no cotidiano dos sujeitos que praticam a errância. Torna-se participante, desenvolve a sensibilidade da escuta para não perder nenhum detalhe.

Na mesma linha, ainda cercando os que se dedicaram a experienciar a cidade de forma diferenciada, voltando o olhar para aqueles que não são vistos, Edson Holtz Leme (2009) direcionou seu trabalho para análise da prostituição londrinense no período de 1950 - 1970. O autor ouviu as prostitutas e destacou a importância de abordar o passado fora dos domínios oficiais da História. O último parágrafo de seu livro é um convite:

Outras memórias assim como essas, aqui apresentadas, continuam pulsando pela cidade. Teimando em não esquecer um passado, que muitos gostariam que tivesse sido sepultado junto aos escombros da babilônica Vila Matos⁷. (HOLTZ, 2009, p. 243).

Tony Hara (2014) também elege os seus singulares ao selecionar histórias para compor um livro em comemoração ao aniversário da cidade que, em 2014, completou oitenta anos. A história de Londrina vai sendo narrada por oitenta pessoas que nos possibilitam conhecer a história da cidade a partir de diferentes perspectivas, distanciando-nos da história encontrada nos documentos oficiais e registros históricos.

A narrativa histórica, por longos séculos, iluminou aquilo que nos une deixando à sombra elementos que nos distinguem. Essa estratégia visava à construção de uma identidade, seja de uma comunidade, cidade, ou de um país. Aqui se experimentou um outro caminho. A história como diferença, divergência, conflito. Mais do que a lapidação de uma identidade, a nossa aventura tem a ver com o respeito e o cuidado com o outro, com aquele que pensa e sente o mundo de uma forma diferente de nós. Daí essa multidão de vozes anônimas e de pessoas tão diferentes que passeiam pelo livro. (HARA, 2014, p. 380).

São narrativas diversas, sensíveis, tristes, alegres, saudosas, trata-se de um encontro de singularidades aparentemente desprovidas de importância, mas que estabelecem relações nos entrecruzamentos de experiências, tornando-as participantes de uma mesma história – a de Londrina. Nos dizeres de Louvison (2014), essas produções formam um mapa diferente da cidade:

Podemos por Londrina perambular e não vamos mais no guiar por estátuas e por mortos indicados nos nomes de praças e ruas. Mapa que qualquer um pode usar, desde que esteja disposto a se perder,

⁷ Vila Matos era a zona de prostituição na cidade de Londrina, nas décadas de 1960 e 1970. Em 1980, as casas foram demolidas para a construção da Estação Rodoviária.

correr risco, se surpreender, ter tempo para contemplar, jamais fotografar e ser ousado o suficiente para se manter em crescimento, em transformação permanente. (LOUVISON, 2014, p. 12).

A título de complementação, temos não somente um mapa, mas histórias diversas a partir das quais podemos conhecer a cidade.

São muitas as criaturas que fazem coro com o autor. Cada uma se expressando e se exibindo com aquilo que tem de melhor: viver. Mas, se as escutamos distraidamente, percebemos que o que as identifica e as une é a potência e a força, na medida justa. (LOUVISON, 2014, p. 12).

Todos esses estudos contribuíram à construção desta pesquisa: os sujeitos que experimentam a cidade, que a vivenciam de maneiras alternativas, incorporando-a pela relação que estabelecem com o espaço que habitam; as prostitutas de Holtz (2009), que contam uma parte do modo de viver em Londrina; os carroceiros e catadores de papel de Miotto (*Saga Cidade*, 2012), que narram suas relações com a cidade de Londrina, suas relações com os outros e como eles se sentem perante o tratamento daqueles que os julgam de forma preconceituosa, bem como seu artista em *Retratos Filmados: a poesia da memória dos moradores da região oeste de Londrina – PR*, de 2015; e as oitentas vozes compostas por Hara (2014).

Essas pesquisas trabalharam a cidade a partir dos considerados diferentes perante uma sociedade que nos formata para sermos pessoas iguais. Os sujeitos selecionados são pessoas comuns, que não vislumbram o sucesso. Ademais, os autores trabalharam as múltiplas temporalidades expostas na vida de cada um, compondo, então, uma história de Londrina elaborada de forma singular.

Nesse contexto, a cidade se transforma em um palco para questões educativas pela presença de diferentes culturas repletas de significados que, muitas vezes, não nos damos conta do porquê de sua existência. No que se refere ao espaço específico desta pesquisa, o Calçadão de Londrina, diferentes gerações de habitantes o experienciam de forma distinta. Trata-se também de um local que está constantemente na mídia. É frequentado por pessoas de todas as idades e espaço de trânsito de tantas outras, configurando-se em um espaço composto por uma variedade de comércio, algumas praças, agências bancárias, prédios residenciais e

comerciais, local tomado pelas pessoas que podem compor diversas histórias sobre o local: são essas histórias o foco de nossa investigação.

A base metodológica deste estudo se sustenta pela pesquisa-ação. Originária da Psicologia Social, de 1940, a metodologia da pesquisa-ação tem como principal característica a participação ativa do pesquisador. De forma mais clara, Thiollent (1985, p. 14) aponta que:

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nesse sentido, há uma grande e explícita interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, com vistas a cientificizar ações e atividades desenvolvidas na investigação sobre determinada situação social.

Nossa interação está entre sujeitos pesquisadores, sujeitos pesquisados e objeto da pesquisa. Assim, organizamos esse processo de análise em quatro frentes de investigação: o objeto e sua localização histórica e geográfica; o olhar de pesquisador para o objeto; outras narrativas para o objeto a partir da fala de três mulheres; se as percepções das professoras quanto a esta pesquisa é transformada em material de estudo para trabalhar sobre o Calçadão de Londrina.

A escolha pela metodologia de pesquisa-ação se justifica pela necessidade de olhares diferentes para ver um determinado espaço da cidade, conhecendo-o também pelos sujeitos que o vivenciam cotidianamente. Utilizamos imagens coletadas de blogs, sites, jornais, livros e de arquivo pessoal, as quais apresentam detalhes que podem ser utilizados como evidências históricas da cidade de Londrina e que contribuem com as narrativas apresentadas neste estudo. Não é nosso objetivo realizar uma análise sobre as imagens, classificando ou diferenciando-as, assim como fez Peter Burke, em *Testemunha ocular* (2004). Mas, concordamos com ele quando aponta o equívoco de utilizá-las apenas como conclusões ou comparações da escrita, pois:

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por

diante) [...] Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais. (BURKE, 2004, p. 16).

Como seres humanos carregados de pré-conceitos e julgamentos diante do desconhecido, ao visualizarmos uma imagem pela primeira vez, partimos de elementos comuns e observamos, geralmente, estereótipos e concepções já estabelecidas de acordo com a cultura na qual estamos inseridos. No entanto, as imagens que apresentamos nesta pesquisa, sejam de sites de buscas e de blogs, jornais impressos antigos e mais atuais, imagens de livros ou de arquivo pessoal, mostram, de acordo com Burke (2004), alguns aspectos culturais e sociais da cidade de Londrina e, em especial, do espaço que hoje é o Calçadão.

A intenção de trabalhar com as imagens é apresentar determinados contextos do espaço, que visam à reflexão sobre a realidade do local em uma determinada época descrita dentro do texto, bem como evidenciar alguns fenômenos de interesse da temática pesquisada. Mas, como uma imagem não diz tudo, precisamos nos inserir no cotidiano do espaço e estudá-lo fazendo parte dele.

Ainda que os caminhos metodológicos tenham sido previamente analisados e escolhidos, é importante destacar que, no processo de tratamento dos dados coletados, assumimos também uma “abordagem transversal que reconhece a importância primordial do imaginário tridimensional (pulsional, social e sacra!), que ultrapassa as categorias classificatórias habituais em ciências humanas” (BARBIER, 2007, p. 16). Isso implica implicar-se, inserir-se por meio do olhar, da ação singular e da interação.

O pesquisador em pesquisa-ação não é nem um agente de uma instituição, nem um ator de uma organização, nem um indivíduo sem atribuição social; ao contrário, ele aceita eventualmente esses diferentes papéis em certos momentos de sua ação e de sua reflexão. Ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso. (BARBIER, 2007, p. 18).

Sendo assim, no processo de construção desta pesquisa, muitas outras construções apareceram e foram se transformando em experiências. O desenho da pesquisa foi tomando forma por tudo que foi vivenciado sobre o Calçadão de Londrina: os olhares atentos, as anotações, as entrevistas, a elaboração de material aliados aos estudos teóricos e às orientações primorosas advindas da banca de qualificação. Acatamos muitas dessas contribuições, outras,

porém, não puderam ser contempladas devido ao tempo que precisaríamos dispor para realizá-las.

O Calçadão, tal como posto e observado duramente, não passa do que Benjamin (1993, p. 36) chama de “lugar de peregrinação”. Sim, de fato, é um local comercial, um ponto central do capitalismo londrinense, mas também é (ainda) um local utilizado por muitos para defenderem suas opiniões, expressarem-se, chamarem a atenção, imporem-se e para serem apenas eles mesmos. Quem nasceu e vive em Londrina, ou veio para a cidade após a década de 1980, convive com o Calçadão como sendo uma construção (im)posta. Ao pensar no centro da cidade, a imagem do Calçadão e do que ele possui já vem à mente: as lojas, as praças, o desenho do piso. Mas, o transitar por ele ou o trabalhar nele se tornou tão parte da vida de algumas pessoas que elas mal o percebem, ou seja, já faz parte do dia a dia, do cotidiano, é o “comportamento consuetudinário” (HELLER, 2016).

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em 'funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias [...]”. (HELLER, 2016, p. 35).

É a partir do cotidiano, de sua repetição e reprodução que o sujeito conquista a superação das restrições. Para a autora, esse sujeito do cotidiano que está por inteiro aprende e desaprende, inventa e desinventa suas relações cognitivas e afetivas, parafraseando-a: o sujeito se desprende das amarras buscando a superação da vivência cotidiana, encontrando brechas de possibilidades superáveis (HELLER, 2016). São exatamente essas pessoas que nos chamaram a atenção no Calçadão de Londrina. Ancoramo-nos, portanto, nas ideias de Benjamin (1994), para quem a experiência se apresenta como possibilidade de compreender o outro.

Percebemos que, para que possam participar e disputar de um espaço que é de todos, mas no qual prevalece um sistema de comércio formal, faz-se necessário que as pessoas se reinventem todos os dias para sobreviverem em meio a esse cenário. Vendedores ambulantes disputam espaço com lanchonetes, artesãos concorrendo com produtos fabricados em série, alguém que tenta salvar outro alguém pela fé, uma pessoa que fica “paradinha” fisicamente à espera de

ajuda, artistas que aproveitam o movimento para exporem sua arte, senhores e senhoras que passam um tempo para verem pessoas passarem enquanto passa o tempo – cronológico. Memórias sendo construídas o tempo todo.

Pierre Nora (1993, p. 9), em reflexão desenvolvida acerca da distinção entre memória e história, apresenta:

[...] vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

Segundo Nora (1993), ainda, parece ter havido uma aceleração da história. Com isso, incessantes transformações culminaram na ameaça do esquecimento. Essas situações, de acordo com o historiador, levaram a uma obsessão pelo registro, pelos arquivos, pela forma de guardar a história. Para ele, “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” (NORA, 1993, p. 07). Essa reflexão levou o autor a elaborar o conceito de “lugares de memória”:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Contudo, o que nos interessa quanto ao conceito de “lugares de memórias”, de Nora (1993), é quando o autor caracteriza o conceito em “lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais” (NORA, 1993, p. 21). Nesses três aspectos, a diferenciação entre memória e história não seria muito distante, mas um movimento constante entre os dois fatores. Portanto, um lugar de memória não seria simplesmente um “lugar de lembranças”, mas também um “lugar de história” (NORA, 1993, p. 22).

Considerando a perspectiva de Nora (1993), o Calçadão de Londrina é lugar de memória e lugar de história devido a sua importância histórica na cidade enquanto espaço. Além disso, as inúmeras narrativas que podem sair de lá pelas memórias dos sujeitos, se materializadas, podem virar documentos, referências a serem trabalhadas em História, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ademais, nos tempos que vivemos, em que tudo parece acontecer muito rápido, o tempo do relógio é curto e as transformações sociais seguem o mesmo curso, é preciso empenho por parte dos sujeitos em guardar e preservar as marcas e os lugares de memória.

Ao final de toda essa caminhada, a conclusão revela que, para haver qualquer tipo de mudança, requer um processo de conhecimento do novo, de reconhecer-se nesse novo, de tomada de consciência e prática. Assim sendo, não é um curso de 16 horas realizado aos sábados que fará a diferença na vida cotidiana da sala de aula de um professor, entretanto esses três sábados, considerando as 12 horas presenciais, foram o suficiente para que um processo tivesse início. O que presenciemos nas falas iniciais dos participantes do curso foi um conceito de educação – e, mais especificamente, de Ensino de História – pautado na reprodução de informações. Todavia, ao ser apresentada a pesquisa em forma de fontes para o tratamento dos conteúdos, que convidava os participantes a olharem para as transformações nas relações pessoais e na relação que eles mesmos estabelecem com e na cidade, as professoras e um professor que participaram do curso se mobilizaram em uma reflexão acerca da maneira de ver a cidade. Logo, pressupomos que essa atitude vá alterar a forma de se ensinar sobre a cidade para as crianças na escola.

CAPÍTULO 2 A CONSTRUÇÃO DO OLHAR INVESTIGATIVO PARA O CALÇADÃO

*O Lugar é segurança
O Espaço é liberdade.*
Yi-Fu Tuan (2013, p. 11)

Figura 1 – Parte da área central de Londrina - abril de 2010



Fonte: Mcarino. Disponível em:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=2026409&page=3>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

A determinação materialista do homem, segundo Jamil Cury (1989, p. 37), aponta para um sujeito que faz história “pela sua práxis objetiva”, logo, ele passa a ser um “criador da realidade social”, possibilitando o “conhecimento da mesma”. De acordo com a antropologia e os estudos humanísticos, entendemos que essa determinação indica as transformações nas relações sociais desde os primórdios da vida humana, mudanças e permanências significativas em diversos contextos históricos, possibilitadas, na visão de Jurandir Malerba (2011), por posições ideológicas, práticas científicas, decisões técnicas e uma educação pautada na absoluta objetividade.

Todavia, os seres humanos, nesse processo de transformação, criaram espaços e centros de convivência para exporem práticas de representações sociais, compartilhando experiências culturais pautadas no convívio social (MALERBA,

2011), considerando, assim, a subjetividade e a relação cultural dos sujeitos envolvidos.

A Figura 1 que apresentamos no início deste capítulo mostra uma vista de parte do centro de Londrina. Nela, é possível ver quatro dos cinco quarteirões que formam o Calçadão de Londrina, conglomerados de edifícios, ruas, carros e um pouco de natureza. Se fosse possível ampliar a imagem neste momento de leitura, veríamos algumas pessoas. A leitura rápida dessa figura nos leva a refletir sobre como as pessoas, conforme foram utilizando e organizando os espaços/centros de convivência, passaram a dotá-los de significados, tais como na cidade. Conforme sua cultura, foram criando uma relação íntima com o espaço geográfico. O resultado dessa relação, na teoria de Yi-Fu Tuan (1983), é proporcionada pelas diferentes maneiras de experienciar e interpretar o espaço, transformando-o em lugar.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato que “lugar”. O que começa com espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (TUAN, 1983, p. 6).

Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo realizar uma abordagem acerca da construção do objeto da pesquisa, o Calçadão de Londrina, uma rua de pedestre que é espaço de todos, devido à liberdade de ir e vir que se tem nesse local público, e lugar de muitos, pois não são todos os frequentadores que atribuem algum tipo de valor a esse espaço, para alguns, por exemplo, é indiferente ser rua ou Calçadão.

São seis anos de aproximação investigativa com esse espaço. Nesse período, o trabalho foi árduo. Realizamos pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas, e parte do que encontramos foi para publicações em anais de eventos, apresentações em eventos nacionais e internacionais, capítulos de livros, trabalho de conclusão de curso, entre outros. O resultado dessa investigação para a educação escolar, também aqui exposto, foi trabalhado em forma de projeto em duas escolas municipais de Londrina, resultando na importância de tratar o Ensino de História dos Anos Iniciais por temas.

Concomitantemente à história da cidade, abordamos a importância da Avenida Paraná, do Calçadão, do trabalho com os alunos e demais resultados obtidos nesse período de investigação, que faz desse capítulo, sendo uma ponte

entre diferentes fases desta pesquisa. Para tanto, iniciamos com uma apresentação histórica e geográfica do espaço. Que espaço é esse? Qual sua localização? O que ele possui? É lugar de quem?

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO LUGAR

O Calçadão de Londrina é uma rua de pedestres inaugurada em 1978, na gestão do prefeito Antônio Casemiro Belinatti. A imagem abaixo (Figura 2) mostra em destaque os limites desse espaço em 2016. Diferentemente da Figura 01, o mapa mostra a localização precisa do que queremos apresentar.

Figura 2 – Mapa: limites do Calçadão de Londrina - Avenida Paraná - 2016



Fonte: Disponível em: <googlemaps.com.br/londrina/avenidaparana>. Acesso em: 24 nov. 2017.

O Calçadão de Londrina está localizado no centro da cidade, precisamente na Avenida Paraná. Em sua inauguração, eram apenas três quarteirões e, atualmente, abrange cinco quarteirões e quatro praças (Figura 2). Observando de forma linear e contínua, uma das pontas do Calçadão está na esquina da Rua Prefeito Hugo Cabral (Praça Jorge Danielides) e a outra ponta na Rua Minas Gerais (Praça Willie Davids). Não há um ou outro ponto que inicia ou finaliza esse espaço, ou seja, para que pessoas adentrem o Calçadão de Londrina, existem as “veias”. E, a cada cruzamento, podemos mapear as características

advindas das confluências das ruas, no entanto, considerando os limites da pesquisa, não ampliaremos a abordagem contemplando tais “veias” de ligação. Algumas das praças são imperceptíveis ao olhar por não existir nenhuma configuração com limites ou marcadores que as definam, com exceção das praças: Gabriel Martins e Marechal Floriano Peixoto⁸, que podem ser reconhecidas por meio de um rápido olhar.

Os nomes dados às praças seguem a mesma história tradicional pautada no progresso, são pessoas que participaram da política, como é o caso do primeiro prefeito eleito da cidade, Willie Davids; além de figuras da medicina, como o primeiro médico sanitarista, Dr. Gabriel Martins; *personas* de um período de guerra, como Marechal Floriano Peixoto, o qual aparece enquanto homenagem nacional porque defendeu o país com bravuras; não poderia faltar um comerciante para ser homenageado, Jorge Danielides, que de um posto de combustível restou uma placa escondida atrás de containers de lixo.

O piso do calçadão era todo feito em pedra portuguesa preta e branca, também conhecida como *petit pavé*, a Figura 03 estampa o desenho do piso nessas pedras. Para algumas pessoas, esse formato representa a união de todos em forma de elos de uma corrente. A saber, uma reforma iniciada no ano 2010, da qual trataremos no decorrer do capítulo, alterou a cor e o tipo de calçamento desse espaço que, conforme mostra a Figura 04, ficou colorido e no material *paver*, sendo quase imperceptível, pelo olhar rápido, a identificação do desenho dos elos de corrente.

⁸ A Praça Marechal Floriano Peixoto, conhecida popularmente como Praça da Bandeira, não possui o mesmo piso nem os mobiliários semelhantes aos do Calçadão e aos das outras praças, que passaram por uma reforma considerável. Na Praça MFP, os mobiliários e a decoração ainda são mantidos e datam do início da cidade. A localização dela está em um espaço elevado, separado do Calçadão apenas por uma rampa de acesso, escadarias e floreiras. Algumas pessoas não a consideram parte do Calçadão. Nesta pesquisa, a referida praça foi considerada como parte do Calçadão.

Figura 3 – Calçamento em pedra portuguesa



Fonte: Arquivo PIBID/ Pedagogia/ UEL (2011)

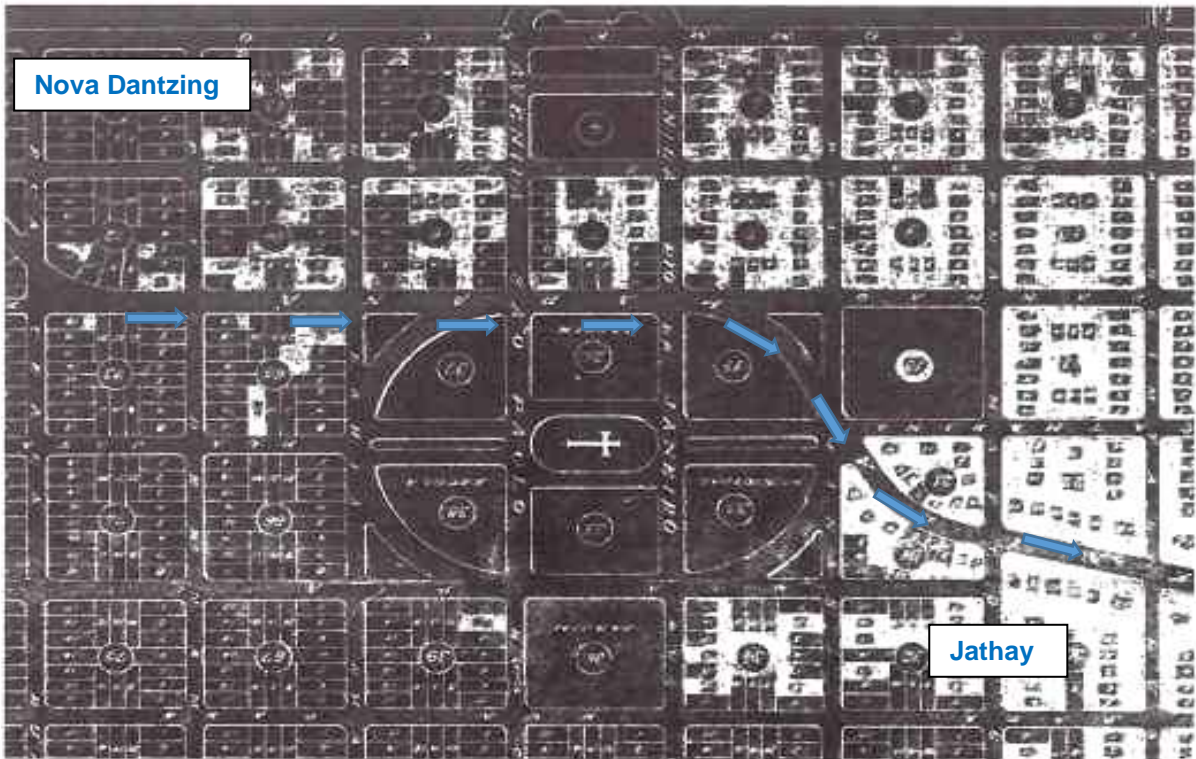
Figura 4 – Calçamento em pedra *paver*



Fonte: Arquivo PIBID/ Pedagogia/ UEL (2011)

Para uma melhor localização histórico-geográfica, voltemos à planta inicial da cidade, que mostra exatamente a Avenida Paraná, onde atualmente está construído o Calçadão de Londrina. A imagem abaixo (Figura 5) é uma reprodução da planta de autoria de Alexandre Razgulaeff, feita em 1932. No eixo central, localiza-se a igreja católica – matriz – ladeada por ruas, um bosque e praças. A planta assemelha-se a um tabuleiro de xadrez para melhor distribuição espacial e social da cidade (HOLTZ, 2009). Havia lugares destinados a praças, bosque, ruas comerciais e delimitação de área, visto que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) previa uma população de, no máximo, 30.000 habitantes.

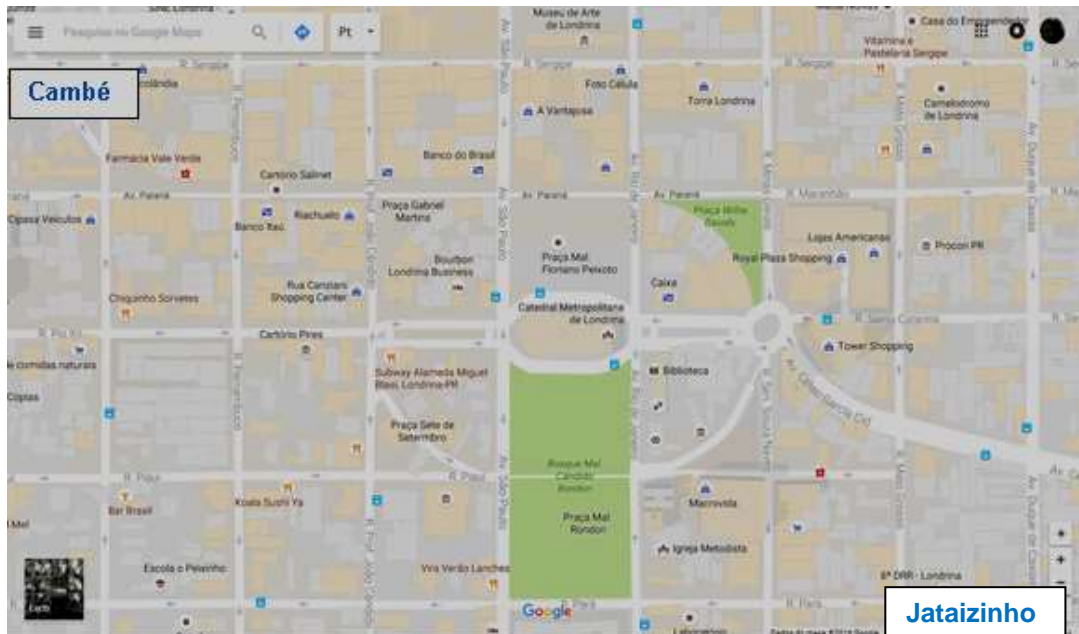
Figura 5 – Planta inicial de parte do centro de Londrina (1932)



Fonte: Museu Histórico de Londrina

A Avenida Paraná tem seu limite final com a Rua Minas Gerais, na planta inicial (Figura 05), e continuava (em destaque pelas flechas azuis) por onde hoje é a Avenida Celso Garcia Cid, que fazia a ligação de Londrina com as cidades de Jathay (Jataizinho) e Nova Dantzig (Cambé). Atualmente (Figura 06), o traçado da cidade no eixo central mantém as mesmas características da proposta de 1932, com pequenas alterações.

Figura 6 – Mapa de parte da área central de Londrina (2016)



Fonte: googlemaps.com.br

Para compreender as alterações históricas e geográficas da cidade, é preciso retomar, ainda que de forma breve, o histórico dela. Londrina é uma cidade localizada no norte do estado do Paraná, com 83 anos de emancipação política (em dezembro de 2017) e possui 553.393 habitantes⁹. A região foi sendo ocupada por diferentes povos ao longo dos anos:

A região era, até meados do século XIX, uma grande floresta, habitada por grupos indígenas, caboclos e posseiros [...] A história da sua reocupação começou, segundo Cássio Vidigal, pouco depois de 1853, entre os rios Itararé e Tibagi, com a incursão de sertanistas mineiros, fluminenses e paulistas. (HOLTZ, 2009, p. 15).

Holtz (2009) compartilha a visão de vários pesquisadores sobre o processo de ocupação dessa região. Miguel Arias Neto, por sua vez, narra que a cidade foi fundada em 1929 e elevada a município em 1934 e, na década de 1940,

Houve um surto de desenvolvimento, levando à construção das representações de Londrina e do norte do Paraná como terra da Promissão e Eldorado, ou seja, como terra do progresso e dos homens e mulheres que para lá se dirigiam como pioneiros. (ARIAS NETO, 1998, p. 70).

⁹ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411370>>. Acesso em 14 nov. 2016.

O acelerado crescimento populacional, provocado pela forte propaganda da CTNP para atrair compradores de lotes, expandiu a cidade. Essa expansão urbana foi também em razão da produção cafeeira no norte do Paraná (ARIAS NETO, 1998). Londrina, nos anos 1950, destacou-se economicamente como uma das principais cidades do interior do Brasil e viu o número de habitantes disparar, passando de 20.000 para 75.000, quase metade deles alocados na zona rural (GUEDES, 2012, p. 6).

Vinte anos depois, esse número teve um salto para 230.000 habitantes¹⁰, provocando um aumento no fluxo de automóveis e pedestres, principalmente no centro da cidade. Essa situação demandou alterações, precisamente no entorno da igreja matriz, onde se concentrava grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços que se estendiam pela Avenida Paraná, a qual foi se consolidando como uma das principais ruas de comércio do centro de Londrina, além de ser a principal ligação entre as cidades de Cambé e Jataizinho (Folha de Londrina, 21 ago. 2005).

Nesse processo de transformação, Londrina avançava economicamente e o discurso do progresso ainda era (e é) presente nos habitantes da cidade (ARIAS NETO, 1998). Ainda segundo Arias Neto (1998), os habitantes se utilizam desse recurso como referência de suas experiências vividas. Assim, quer seja com os índios, com os grileiros, com os trabalhadores advindos de várias partes do Brasil e até mesmo com os gringos da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a cidade passou a ter sua história contada pelas relações sociais, posições ideológicas, práticas científicas, decisões técnicas, ou seja, pela práxis objetiva dos sujeitos envolvidos com ela.

Sobre a origem, a história e a intenção de um calçadão, Januzzi (2006) apresenta que o nome mais utilizado para denominar esse espaço é “rua de pedestres”. Os primeiros registros de “calçadão” (ou “rua de pedestres”) de que se tem conhecimento são de 1951, na Alemanha, apesar de já existirem registros de calçadões na Idade Média com conotação para escambo. Foi, entretanto, a partir da década de 1970, com o aumento da frota automotiva, que o conflito entre pedestres e veículos se intensificou, possibilitando a criação de inúmeras ruas de pedestres pelo mundo. O primeiro calçadão no Brasil foi o de Curitiba, que transformou uma

¹⁰ Disponível em: <<http://www.londrina.pr.gov.br>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

das principais ruas da cidade, a XV de Novembro, na famosa Rua das Flores (GUEDES, 2014).

As ruas de pedestres, geralmente, começam a partir da rua principal da cidade e devem ser um lugar agradável para as pessoas, favorecendo a interação social com espaços para o pedestre caminhar, conversar, sentar e brincar. As atividades promocionais, como espetáculos, feiras, comícios, desfiles devem ser pensadas levando em consideração as diversidades humanas, ou seja, para todos os grupos de idades e para os portadores de deficiências. A intencionalidade de se criar uma rua de pedestres está relacionada com o favorecimento às compras, atraindo clientes para o comércio presente nesse espaço. (GUEDES, 2014, p. 69).

As experiências compartilhadas pelos frequentadores desse local – comércio, manifestação, exposição, feira, apresentação artística, ponto de encontro e desencontro dos que somente passam por lá – fazem dele um patrimônio na concepção de García Canclini (1988). O valor atribuído ao espaço em questão coloca-o como patrimônio por entendermos que esse conceito, de acordo com García Canclini (1994), não é algo distante da vida das pessoas, mas parte integrante do cotidiano delas.

Analisando as questões teóricas de García Canclini acerca da recontextualização do “patrimônio”, o autor defende que sejam avaliados:

O patrimônio cultural e a desigualdade social; a construção imaginária do patrimônio nacional; os usos do patrimônio; os propósitos da preservação; o patrimônio na era da indústria cultural e os critérios estéticos e filosóficos [que o avaliam, preservam e difundem]. (GARCÍA CANCLINI, 1994, p. 96).

Nos dias atuais, o piso da Avenida Paraná está coberto pelo calçadão, o espaço é de convivência e as pessoas têm liberdade para passear, comprar, conversar, trabalhar e, aparentemente, sentem-se seguras para realizar tais atividades, o que o transforma em lugar à medida que os sujeitos atribuem um significado particular, pois “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983), possibilitando experiências únicas entre cada pessoa e o espaço.

Dessa forma, amplia-se o conceito de “patrimônio” incluindo as contribuições de diferentes grupos formadores de uma sociedade, não se

restringindo apenas às “autoridades ou elites”. Ao considerarmos “patrimônio” em seus diversos âmbitos e deixando de lado preconceitos, conseguimos refletir sobre a importância histórica e cultural do Calçadão de Londrina, valorizando as histórias singulares que ele carrega dos sujeitos envolvidos em sua prática cotidiana. Nesse sentido, o espaço em questão pode ser reconhecido como um importante auxiliar na preservação da memória.

A história do Calçadão de Londrina se entrelaça com a história da Avenida Paraná quanto às várias formas de utilização desse espaço pelos habitantes da cidade, e essa utilização, conforme mostram as imagens, é uma das características que definem o lugar como patrimônio. Mais que uma rua de comércio, as imagens apresentam a pluralidade das interferências humanas como uma de suas principais marcas em diferentes contextos. Trata-se de acontecimentos em comum a várias pessoas de uma época, no entanto, ali tiveram experiências de maneira singular.

As reflexões de Benjamin (1992) nos remetem à experiência do cotidiano, do singular e da sensibilidade ao outro, em que as tensões nos levam a valorizar as narrativas e as histórias de vidas. As pessoas continuam a movimentar esse espaço, porém, muitas vezes, pobres em experiências, com suas cabeças abaixadas olhando atentamente para uma tela, relacionando-se por um aparelho, enquanto tantas outras pessoas passam a sua volta. Nas Figuras 7, 8, 9 e 10, observamos experiências diferentes em tempos distintos desse mesmo espaço: pessoas observando a festa, carros sendo exibidos em manobras inusitadas, transeuntes em meio ao Calçadão, multidão isolada que parece reivindicar/protestar.

Figura 7 – Desfile cívico na Avenida Paraná - década de 1950



Fonte: André Camargo Lopes, acervo do Clube do fotógrafo

Figura 8 – Shows de carros na Avenida Paraná - década de 1950



Fonte: José Carlos Farina (arquivo pessoal)

Figura 9 – Avenida Paraná - Calçadão de Londrina - Manifestação (2016)



Fonte: Alberto - Repórter da Hora/RPC

Figura 10 – Avenida Paraná - Calçadão de Londrina – Movimento (2017)



Fonte: acervo da própria autora

Considerando que a avenida principal de uma cidade é o palco para as comemorações de um município (JANUZZI, 2006), geralmente é ela a escolhida para ser transformada em calçadão – nome popular de rua de pedestres. Ademais, os calçadões seguem um conjunto de normas estruturadas, considerando seus usuários e o bem-estar deles nesse espaço, modificando o cotidiano e transformando o modo de viver dos seus frequentadores. Em Londrina, as Figuras 9 e 10 mostraram que, com o Calçadão, a situação não foi diferente e, atualmente, permanece movimentado.

Trazendo à tona novamente a Figura 1, agora em comparação com a Figura 11 a seguir, podemos comprovar que o homem transforma sua realidade modificando o ambiente a seu favor, logo, da mata criaram a cidade, que ganhou uma importante avenida no centro. No início, a terra recebeu o paralelepípedo e, então, passou a ser asfalto. Hoje, por conta do grande número de londrinenses e visitantes, ela se transformou em rua de pedestres.

Figura 11 – Avenida Paraná, décadas de 1930, 1950 e 1970, respectivamente



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Esses acontecimentos e essas “passagens”, além de serem marcas registradas do local, são também uma temática importante para o Ensino de História, uma vez que possibilitam outros tratamentos para a construção do conhecimento histórico. Nosso objetivo com a apresentação das imagens é destacar as múltiplas experiências nesse local, fugindo da tradicional ideia de progresso e evolução. A disposição das imagens na ordem apresentada permite destacar as mudanças ocorridas em determinadas épocas, pois “os historiadores sequenciam fontes a fim de traçar as causas e efeitos das mudanças ao longo do tempo; para compreender como e por que épocas passadas foram diferentes e semelhantes a de hoje”

(COOPER, 2006, p. 157). Essa também é uma das possibilidades para se trabalhar na disciplina de História nos Anos Iniciais.

Tendo em vista que as transformações ocorridas no centro de Londrina decorreram do aumento populacional, que gerou confusão nas ruas do centro da cidade (YAMAKI, 2008), levando a administração pública a construir a rua de pedestres (Calçadão) de Londrina, as imagens possibilitam acompanhar essas mudanças e permanências ocorridas no local e levantam questionamentos sobre quais interpretações poderiam ser feitas diante delas: o que mudou e o que permaneceu? Quais as semelhanças e as diferenças? Essas reflexões permitem que os alunos desenvolvam uma observação atenta de seu entorno e, com isso, progressivamente, podem acentuar essas habilidades para outros tempos e lugares, para que possam, gradativamente, entender a dinâmica da vida humana e seus feitos, ou seja, a História.

2.2 AS PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O OBJETO DE PESQUISA

O olhar investigativo para o Calçadão de Londrina teve início, conforme já mencionado, no ano de 2011, com a participação no PIBID – Pedagogia/UEL, e, posteriormente, foi tema do TCC¹¹. A seguir, a Figura 12 estampa a reportagem que foi o disparador para a realização da pesquisa, a qual teve por finalidade elaborar uma narrativa histórica, tendo como tema as reformas realizadas no espaço, principalmente a relacionada à troca do piso. Já a Figura 13 destaca o que foi revelado no Calçadão de Londrina, para melhor destacar o que incitou nossa curiosidade.

¹¹ Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso: GUEDES, Silvana Muniz. O Calçadão de Londrina como lugar de memória e os desdobramentos como conteúdo a ser ensinado sobre a história da cidade nos anos iniciais do ensino fundamental, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

Figura 12 – Reportagem do Jornal de Londrina (2011)



Fonte: Jornal de Londrina (07 ago. 2011, p. 7)

Figura 13 – Flores no piso da Praça Gabriel Martins



Fonte: Arquivo PIBID/ Pedagogia/ UEL (2011)

Figura 14 – Adaptação da reportagem do Jornal de Londrina¹²

Obras no Calçadão revelam parte da história de Londrina

Ao retirar o *petit pavé* da Praça Gabriel Martins, operários descobrem o antigo piso com placas coloridas.

A terceira etapa da remodelação do Calçadão, realizada no trecho compreendido entre a Rua Professor João Cândido e Avenida São Paulo, trouxe à tona uma parte esquecida da história de um dos maiores cartões postais de Londrina. Na retirada do *petit pavé* que cobria o trecho, os operários da Visatec – responsável pela obra – encontraram um dos pisos que revestiam a Praça Gabriel Martins, originalmente localizada naquela área.

O piso de cimento com placas coloridas em formato de flores foi aplicado no piso da praça na década de 1970, na gestão do então prefeito José Richa e recoberto pelo projeto arquitetônico do calçadão, de autoria do arquiteto, urbanista e ex-governador Jaime Lerner, em 1977. Segundo o engenheiro aposentado da Prefeitura, Rodolfo Horner, Richa queria modernizar a praça, que já estava prevista na planta original da cidade, elaborada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. “Foi encontrado um arquiteto grego, que projetou a aplicação destas placas de cimento. E causou polêmica, porque a maioria da população não gostou”, disse.

A modernização programada por Richa acabou com o estilo tradicional da praça – idêntico ao de outra também escondida pelo calçadão, a Willie Davids, localizada em frente ao Cine Ouro Verde. De acordo com o urbanista e professor da UEL, Humberto Yamaki, as duas tinham traçado em forma de triângulo com três eixos formando os jardins. “O piso era de *petit pavé* e datava do final da década de 1940. O mesmo desenho estava aplicado na calçada em frente ao Centro de saúde, na esquina da Rua Souza Naves”, explica. Em seu livro, “Labirinto de Memória - Paisagens de Londrina”, Yamaki diz que a Praça Gabriel Martins é posterior a Willie Davids, mas os dois projetos incorporaram um tridente ou “*patte d’oie*”, “uma linguagem que foi insistentemente utilizada pela Companhia de Terras nos projetos dos patrimônios, dando estrutura aos planos.

No livro, Yamaki diz que o desenho original do *petit pavé* das praças apresenta motivos geométricos em onda e pinheiros estilizados.

Fonte: transcrição pela autora do Jornal de Londrina - Repórter Telma Elorza; Fotógrafo: Gilberto Abelha (07 ago. 2011)

¹² Optou-se por trazer a transcrição do Jornal para favorecer a leitura. Contudo, classificamos como figura para remeter à imagem que se teria do Jornal.

Essa reforma de 2011 fez com que as flores da década de 1970 “brotassem” do passado nas placas de cimento colorido. Essa “descoberta” feita pelos funcionários da empresa que retiravam o piso de *petit pavé* fez com que o serviço fosse interrompido. Os funcionários não tiveram coragem de destruir o “achado” por conta própria e comunicaram o ocorrido aos responsáveis. Por sorte, fomos até o local filmar e fotografar, por pouco não perdemos a oportunidade, visto que, após avisar às autoridades competentes sobre o achado, os funcionários receberam ordem para prosseguir com a reforma. Não sobrou nada além de um amontoado de restos de construção.

Não houve nenhum movimento por parte do poder público no sentido de preservar algum vestígio, pelo menos o desenho de uma única flor! Tal procedimento, conforme podemos verificar nas Figuras 15 e 16, foi utilizado na Praça Tiradentes – centro histórico de Curitiba – durante as obras de revitalização. Ao encontrarem o piso original da Praça, do século XVIII ou XIX, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente foi mobilizada e optou-se pela preservação. A obra foi adaptada e passou a contar com um piso de vidro de 119 metros quadrados, que protege e permite visualizar essa calçada original. Há, também, no local, uma placa de identificação sobre as calçadas históricas e a revitalização.

Figura 15 – Piso de vidro da Praça Tiradentes - Curitiba, PR



Fonte: Disponível em: <<http://curitibaparanaocuritibaanos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 16 – Placa de identificação na Praça Tiradentes - Curitiba, PR



Fonte: Disponível em: <<http://contandoashoras.com/tag/calçada-de-vidro-na-praca-tiradentes>>. Acesso em 20 nov. 2017.

A capital do Paraná demonstrou interesse em preservar algo que surgiu em meio a uma destruição, e essa calçada preservada conta a história de determinado tempo da cidade, além de possibilitar aos transeuntes realizarem vários questionamentos sobre o passado de Curitiba: por que se construiu outra calçada por cima? O que acontecia naquela época nesse lugar? Quem vivia por ali? Enfim, questionamentos que levam à reflexão sobre a história local. Na escola, essas questões, mediadas pelo professor, podem ser base para a construção do pensamento histórico nas crianças. Aprender sobre o passado, de acordo com Cooper (2006), por mais distante que seja, permite-nos compreender quem somos, como nos relacionamos, comportamo-nos e agimos, bem como permite-nos entender sobre os outros.

O mesmo poderia ter sido realizado em Londrina, caso tivessem preservado um pedaço do desenho das flores. Como isso não foi feito, o que ficou foram somente as perguntas, as dúvidas sobre o que tudo isso representava. Após a destruição do piso, avançamos em busca de respostas e nos aproximamos da história da cidade adentrando em quatro arquivos: o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da UEL; o arquivo do Jornal Folha de Londrina (impresso), localizado no centro da cidade; o Museu Histórico de Londrina; e a

Biblioteca Pública da cidade, na qual há uma sala denominada “Sala Londrina”, um espaço reservado aos materiais sobre a história local. O acervo da referida sala constitui-se por imagens de Londrina desde quando era uma mata fechada, textos, artigos, teses, dissertações, livros, enfim, uma série de fontes que podem ser acessadas para pesquisas.

Nos arquivos pesquisados, encontramos reportagens que abordavam diversos assuntos: fatos relacionados às experiências das pessoas nesses espaços, como as 25 roletas que foram instaladas na esquina da Avenida São Paulo (Jornal de Londrina, 29/04/1994, p. 5), artistas que andam na “corda bamba”, tocam gaita e peruanos que tocam música andina (Jornal Folha de Londrina, 17/08/2005, Cidades). Foi um trabalho árduo e demandou tempo, pois não havia, nesses arquivos, algo que nos mostrasse sobre as tais flores e sobre o contexto de construção delas, apenas propagandas em um jornal de lojistas da cidade que chamavam o público para a novidade: a Praça Gabriel Martins revitalizada.

Após um retorno minucioso de investigação na reportagem de 2011 (Figuras 13 e 14), chegamos ao arquiteto responsável pelo desenho, Sr. Panayote Saridaski (Takis), e tomamos conhecimento de que a “descoberta” no chão tratava-se de desenhos de flores de pés de café, uma homenagem feita à cidade pelo fato de ser reconhecida, na época da construção, como a capital mundial do café, época em que esse tipo de agricultura era farta na cidade e considerada a principal fonte econômica. O Sr. Takis nos forneceu informações que nos levaram de volta aos arquivos e, com algumas datas pontuais, pudemos ampliar nossos estudos sobre o espaço.

O ornamento colorido foi “ponto de partida para reurbanização do centro” da cidade, a intenção era fazer do lugar o ponto de encontro popular do centro (Jornal Folha de Londrina, 20/12/1976, p. 3). O piso da Praça – com as flores – estendeu-se até a porta das lojas, fechando um contorno onde comerciantes deixavam seus veículos. Esse feito foi, inclusive, chamado de calçadão, por conta de o tamanho do calçamento ter aumentado. Fatos instigantes nos levaram a refletir sobre as relações pessoais estabelecidas ali. Em uma reportagem de 28 de dezembro de 1976, do Jornal Folha de Londrina (p. 11), o título de uma imagem chamou-nos a atenção: “Gabriel Martins: primeiro passo para maior humanização do centro”. A área seria destinada exclusivamente a pedestres.

Essa investigação proporcionou que outras compreensões sobre o espaço fossem elaboradas, e um simples passeio ou uma passagem pelo local já não eram mais tão simples quanto eram antes de se saber sobre a história do Calçadão de Londrina. Essa experiência fez desse espaço nosso lugar, ao atribuímos um valor histórico (Tuan, 1983), ao organizarmos uma narrativa para ele, que possibilita o estabelecimento de vínculos.

Então, como se sabe, as flores foram “arrancadas” e prosseguiu-se com a reforma do Calçadão. Ficamos sem o elo palpável com o passado, sem o disparador de memória, o qual é tão valioso ao trabalho com a história com crianças. Esse “achado arqueológico”, considerando que a cidade, na época, tinha menos de 80 anos, foi o mote para a pesquisa. É devido a essa importância que, diante do material coletado no PIBID/Pedagogia/UEL, criamos uma narrativa histórica do Calçadão¹³ e, em conjunto com demais participantes, elaboramos um projeto para trabalhar esse importante espaço da cidade no Ensino de História dos Anos Iniciais, precisamente com 3º e 4º anos¹⁴.

2.3 A PESQUISA E O SABER HISTÓRICO ESCOLAR

Trabalhamos em duas escolas municipais entre os anos de 2011 e 2013, atingindo um total de 83 alunos dos Anos Iniciais, com a temática *As lentes captam o que o coração sente: Calçadão de Londrina*. Consideramos importante contemplar, no texto desta dissertação, partes do projeto desenvolvido com as crianças, a fim de salientar a importância e as possibilidades quanto ao Ensino de História ao tratar o Calçadão de Londrina como conteúdo a ser ensinado. Paralelamente, consideramos, também, que o aqui apresentado possibilitará estabelecer algumas comparações com os resultados advindos do curso ministrado para os professores e que compõe o capítulo cinco desta pesquisa

O objetivo do projeto foi trabalhar com os alunos, a partir da história da cidade, a vida das pessoas aqui agora e em outros tempos, lugares, espaços, transformações, mudanças e permanências, contribuindo para o sentimento de pertencimento e para a construção de identidade. Utilizando o preconizado por

¹³ A narrativa está disponível em: GUEDES, Silvana Muniz. As transformações no Calçadão de Londrina: elementos para a construção de identidade. Em: **História & Ensino**, Londrina, v. 18, p. 55-72, Especial, 2012.

¹⁴ Detalhes do projeto estão disponíveis no Livro do PIBID/Pedagogia/UEL, de 2013: *O movimento da ação docente no Ensino Fundamental I*, organizado pelas coordenadoras Sandra R. F. de Oliveira, Andréia M. C. Luge e Beatriz C. de L. Aguiar.

Cooper (2006) quanto ao iniciar uma discussão sobre o tempo e as mudanças nas vidas das próprias crianças e quais implicações isso traz, fizemos um levantamento prévio acerca do conhecimento dos alunos sobre o espaço, sobre História e sobre fonte histórica – concomitantemente à história de vida deles –, explicando a passagem do tempo, sequenciando os fatos. Em seguida, apresentamos o contexto histórico da construção do espaço por meio de fotos, reportagens e pequenos filmes sobre a história de Londrina e sobre o Calçadão – fontes datadas da década de 1970 até 2012. Assim, os alunos puderam fazer relações com suas vidas, com as vidas das pessoas mais próximas e também das distantes.

Nas atividades desenvolvidas, os alunos demonstraram o que estava em suas memórias ao pensar em “Calçadão de Londrina”. Então, apareceram o piso antigo, o novo e um pequeno texto sobre a história da cidade. O que está na memória relaciona a atividade desenvolvida nesse local, tal qual as compras (o comércio), o piso, que chama a atenção pelo formato e pelas cores preto e branco, e o que já teria sido abordado nas aulas de História quanto à cidade e história dela.

As Figuras 17, 18 e 19 retratam os alunos realizando a atividade de campo, na qual puderam observar, pela prática, os conteúdos trabalhados em sala de aula. Apresentando em sequência, na Figura 17, eles observam algumas pinturas de um artista expostas ao chão; a 18 mostra-os apreciando a música do sanfoneiro, ao mesmo tempo em que decidem se iriam entrevistá-lo; na Figura 19, os alunos, curiosos, conheceram a cabine telefônica.

Figura 17 – Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 1



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Figura 18 – Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 2



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Figura 19 –Trabalho de campo com os alunos no Calçadão de Londrina 3



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

A saída a campo tinha um questionário previamente elaborado, para que os alunos pudessem entrevistar algumas pessoas (pedestres, comerciantes e taxistas) – com questões curtas, facilitando a compreensão do que estavam perguntando –, eles também fotografaram e filmaram. Havia, nesse momento, um interesse pela cidade e como se desenvolveu a história dela até os dias de hoje. Fizeram comparações entre os tipos de pisos, opinaram sobre o que deveria ter permanecido e puderam constatar, de fato, as mudanças ocorridas no espaço em questão.

No retorno à sala de aula, os dados coletados foram analisados e compartilhados, os alunos expuseram suas observações, anotações, as entrevistas, o que mais chamou (ou não) a atenção. Como parte da materialização do conhecimento, as Figuras 20, 21, 22 e 23 mostram os alunos em momentos diferentes, produzindo uma maquete da área central de Londrina; outra do antes e do depois da reforma, focando nos pisos de pedra portuguesa e *paver*; bem como na montagem de uma exposição para outras turmas da escola.

A saber, esse trabalho foi realizado em uma das escolas e é possível observar que os alunos reproduziram fielmente como estudaram e observaram as

imagens trabalhadas em sala. A Figura 20, a propósito, mostra a maquete da planta central de Londrina, a maquete dos pisos pode ser vista na Figura 21.

Figura 20 – Trabalho com maquete 1



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Figura 21 – Trabalho com maquete 2



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Nota-se, também, nas Figuras 22 e 23, que foram utilizadas as fontes históricas (fotografias, reportagens) na exposição. Foi um momento que permitiu aos alunos uma compreensão das mudanças e das permanências do local. Os alunos, na Figura 22, explicam a exposição para outras turmas e, na Figura 23, evidencia-se como ficaram expostos os materiais na parede, tudo organizado pelos alunos e mediado pelas bolsistas participantes do PIBID Pedagogia/UEL.

Figura 22 – Exposição dos trabalhos 1



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Figura 23 – Exposição dos trabalhos 2



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Em outra escola, o processo de avaliação do conhecimento adquirido se deu pela confecção do jogo de tabuleiro “gigante” intitulado *Banco Inventário*. A Figura 24 estampa algumas peças do jogo, como o tabuleiro e as cartas, confeccionados pelos alunos e totalmente relacionados aos conteúdos estudados no projeto (História - Calçada de Londrina).

Figura 24 – Tabuleiro, notas e cartas do jogo *Banco Inventário*



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Figura 25 – Alunos na hora do jogo



Fonte: PIBID/Pedagogia/UEL/2013

Nesse processo de criação do jogo e do ato de jogar, os alunos, como bem descreve Giacomini (2013, p. 143), desenvolveram ações que os levaram a “levantar hipóteses, buscar dados, aplicar princípios do que estudou em outras situações”. Assim sendo, os alunos se identificaram com a história do Calçadão de Londrina ao aproximarem os fatos com a vida deles, e a compreensão histórica foi expressa em narrativas construídas por eles.

As reformas realizadas no Calçadão de Londrina serviram como pano de fundo para trabalharmos o histórico da construção do espaço, focando as alterações do piso, visto que a reportagem que instigou nossa investigação se tratava de um piso antigo escondido pela pedra portuguesa na construção do Calçadão. Nesse aspecto, compreender como se deu a necessidade de construção do Calçadão possibilitou aos alunos um conhecimento sobre as mudanças e permanências ocorridas não só nesse espaço, como também na sociedade e, conseqüentemente, na vida deles.

No esteio desse movimento, foi desenvolvida a pesquisa do trabalho de conclusão de curso em 2014. Para tanto, relacionamos o Calçadão de Londrina e o

trabalho desenvolvido com os alunos, concomitantemente aos conceitos de memória, identidade e patrimônio. Considerando a diversidade de atividades desenvolvidas nesse local, privilegiamos a concepção de patrimônio cultural no que tange às relações sociais, “a experiência de vida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modo de usar os bens e os espaços físicos” (GARCÍA CANCLINI, 1988, p. 99), ou seja, patrimônio cultural não é somente algo físico.

Além do mais, o pesquisador aponta que as tradições imateriais compõem um conjunto de bens culturais simbólicos capazes de fornecer sentidos à vida prática, criando identidades culturais devido a suas continuidades e permanências históricas, e está em constante relação com a memória coletiva dos grupos que as vivenciam.

Na pesquisa de TCC mencionada, foi possível concluir que grande parte da população da cidade não é levada a frequentar os espaços públicos de forma que se sinta pertencente a eles. Considerando que, enquanto seres humanos inseridos em determinada cultura, só respeitamos, preservamos e nos identificamos com aquilo que conhecemos, mesmo que de forma superficial, não basta falar em ou sobre patrimônio, é preciso viver com o patrimônio. Assim, é necessário pensar e construir possibilidades de educação voltadas à preservação dos diferentes bens patrimoniais.

No contexto de seis anos de pesquisa, consideramos o trabalho realizado com o piso uma mola propulsora para a pesquisa de mestrado aqui apresentada. Em decorrência disso, questionamo-nos sobre o que se ensina sobre o Calçadão de Londrina na escola. O que esse espaço tem a oferecer em termos de conhecimentos a serem levados à escola? O que as pessoas têm a dizer sobre esse local? Que outras narrativas podem ser construídas se considerarmos a fala dos que transitam no Calçadão? O que os professores ensinam sobre o Calçadão de Londrina? Essa temática se adéqua ao estudo sobre a cidade?

A busca pelo conhecimento do cotidiano do espaço nos levou a observá-lo, ao mesmo tempo em que estudos teóricos foram sendo realizados com autores que tratam de cotidiano, espaço e lugar, experiência, lugares de memória, cidade e ensino. Esse arcabouço de aprendizado vai se desenrolando no decorrer do texto da pesquisa, quando apresentamos, no próximo capítulo, o espaço em questão, o cotidiano dele e as pessoas observadas.

Os estudos apontam que a observação e a reflexão sobre o urbano permitem um olhar para a ação humana e, conforme apresentado no início deste capítulo, essa ação humana, independentemente de determinar de forma material o homem, também o determina como um ser pensante. Ao observarmos um espaço da cidade, percebemos que:

Cotidianamente, a cidade se apresenta aos nossos olhos como um aglomerado de casas, empresas, escolas, prédios, campos, praças e ruas. Essa assimilação que captamos da cidade, ainda que precipitada, ocorre pela falta de observação do que nela encontramos em meio ao nosso cotidiano. Vemos como um aglomerado porque não observamos com olhar minucioso e curioso. Ao aguçar o sentido da curiosidade, o olhar para a cidade se amplia. (SILVA, 2016, p. 34).

Nesse viés, nosso olhar se ampliou para as experiências do cotidiano em um espaço específico da cidade: o Calçadão. Quem são os sujeitos presentes no Calçadão de Londrina? Que atividade desenvolvem? Qual o cotidiano desse espaço? Quais experiências (*Erlebnis*), no sentido benjaminiano, teriam alguns sujeitos a nos contar e que possibilitariam criar nova narrativa acerca da história do Calçadão da cidade? Se forem criadas novas narrativas, os professores trabalhariam de forma diferente com essa temática em sala de aula?

Walter Benjamin, desde jovem, procurou uma definição para o que é a experiência e tentou elaborar um conceito baseado em categoria de temporalidade, valorizando o presente e refletindo criticamente sobre um passado como futuro. Após a Primeira Guerra Mundial, a preocupação com o futuro dos jovens foi o ponto de partida para o processo de profissionalização com vistas a servir o Estado, de cunho utilitarista.

O mundo se modifica e a sociedade muda, a preocupação em demasia com o futuro deixa o presente esquecido e isso traz sérias consequências, como a perda da experiência dos mais velhos por conta da falta de suas narrativas. Ao romper com o que é mantido pela tradição, perde-se o valor da experiência definida por Benjamin em *Experiência e Pobreza* como algo passado de geração em geração.

[...] nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: 'ele é muito jovem, em breve poderá compreender'. Ou 'um dia ainda compreenderá'. Sabia-se

exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos [...]. (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Para Benjamin (1987), então, a experiência está na História, que nos apresenta várias tentativas de experienciar, quer sejam pelas ciências exatas, quer sejam pela experiência humana. Para ele, para sabermos o porquê de estarmos aqui e reconhecermos que outros já passaram e que muitos outros ainda passarão, precisamos tomar conhecimento da tradição, mesmo que ela seja considerada ineficiente e catastrófica. Reconhece-se, ademais, que estamos em constante movimento, atualizando e revolucionando corpo, mente, pensamento e ação necessária, para que, assim, a experiência tenha sua continuidade.

CAPÍTULO 3

O PATRIMÔNIO NO COTIDIANO DO LUGAR E AS RELAÇÕES PESSOAIS

Para preparar o olhar do outro e para ampliá-lo, é preciso exercitar o seu próprio olhar, assim como para fazer o outro ver de diferentes formas o que vê todos os dias, é preciso olhar para o que vê e também se fazer perguntas. É preciso fazer um exercício de desnaturalizar e de causar estranhamento ao que, originariamente, é tido como sendo assim ou como sendo sempre da mesma forma.

LIMA et al. (2010, p. 217)

Apresentamos, neste capítulo, algumas interfaces entre o movimento cotidiano do Calçadão de Londrina, captado pela observação realizada em trabalho de campo, em conjunto com teorias que tratam do sujeito e da relação dele com a cidade. Esse diálogo entre prática e teoria, possibilitado pela pesquisa-ação, permite considerar que a multiculturalidade presente no espaço urbano promove situações diversas, que enriquecem a construção de uma narrativa pelo pesquisador ao olhar para os sujeitos que lá vivem cotidianamente. A opção, então, recai em explanar sobre o espaço em questão a partir dos seus diferentes movimentos.

Foi necessário saber quais elementos permitem tal criação e, em busca de respostas, adentramos em uma investigação de campo no intuito de averiguar o cotidiano desse espaço. O olhar foi em busca de algumas respostas para as seguintes questões: quem são os sujeitos lá presentes? Qual a relação que eles possuem com o espaço? Qual a característica dessa rua de pedestres, em termos de relação social, entre os que por lá transitam? O que mais chama a atenção desses sujeitos?

No intento de desenvolver uma observação com olhar sensível a essas questões, recorreremos à ideia de Miranda e Siman, quando apontam que são nas diversas experiências que emergem diferentes “formas de sensibilidades urbanas” (MIRANDA; SIMAN, 2013, p. 63). Assim, foi preciso parar, sentar, caminhar, ouvir, sentir, vivenciar e refletir sobre o local para saber o que ele tem a oferecer e o que, no dia a dia, foge ao nosso olhar.

Nessa perspectiva, o cotidiano da cidade é compreendido como fonte de inspiração para a pesquisa, a qual se propõe a discutir o movimento desse espaço a partir do movimento dos sujeitos que lá desenvolvem as mais diversas experiências. Condizente com o referencial teórico selecionado, compreendemos

que a cidade não é apenas uma bela vista de construções monumentais, patrimônios escolhidos para serem preservados ou simplesmente ruínas sem valor. Em uma perspectiva benjaminiana, não se trata de desprezar o passado posto em pedras, tijolos e concreto, é preciso considerar que os espaços ocupados por nós, humanos, têm vida e pulsam, e somos nós, sujeitos “cidadinos” (PESAVENTO, 2004), que reinterpretemos e ressignificamos a cidade.

Afinal, é por meio da relação sensível com a memória posta e com o que a cidade nos oferece para ler, ver, escutar e sentir que se faz História. Miranda e Siman (2013, p. 63) corroboram essa interpretação ao afirmarem que a cidade pode ser compreendida como:

[...] uma questão viva e pulsante, atinente a uma multiplicidade de experiências humanas ao longo do tempo, e dispersa por múltiplos espaços, a cidade é hoje um espaço no qual se materializa boa parte dos problemas e desafios interpostos para as sociedades no presente e no futuro, o que vem provocando, em proporções mundiais, reflexões acerca de caminhos de construções de seus projetos, tanto no passado próximo quanto no distante [...].

À medida que passamos a conviver nas cidades, a ampliação das necessidades humanas só foi aumentando, pois se fez necessário, de acordo com Pesavento (2004, p. 14), exercer uma vida “para além do tempo, do agora, do cotidiano da existência”. A aglomeração em torno de um núcleo fez com que vivências ficassem marcadas e registradas nas cidades em monumentos, construções, imagens, documentos, túmulos, livros e tantos outros registros. Nessa conjuntura, a História foi uma das ciências a assumir essas marcas e registros como potentes fontes para pesquisas sobre a preservação da memória e do patrimônio, dentre outros temas.

Para Pierre Nora (1993, p. 9), há de se considerar os sujeitos que vivenciam esses espaços de memórias e suas experiências, pois:

[...] a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Isso nos permite enveredar por caminhos complexos, os quais envolvem as relações pessoais, de consumo, de cultura, de sujeito e de apropriação do espaço/lugar nas diferentes camadas de tempo, passando de geração em geração, possibilitando reflexões sobre as experiências na cidade. Nesse sentido, considerando principalmente o modo como os habitantes da cidade vivenciam os espaços públicos, a memória, no que diz respeito às cidades, está presente tanto no material como em um fato ou um acontecimento considerado importante na relação das pessoas com o espaço, também no valor simbólico que esse espaço possui aos sujeitos.

Intercorre que a memória escolhida para ser contada e recontada aos mais novos sobre as pessoas e determinados locais, segundo Nora (1993), segue os princípios de uma minoria privilegiada. A exemplo disso, em Londrina, as narrativas mais divulgadas sobre a história da cidade e a narrativa referendada pelo poder público elegem determinadas classes e/ou pessoas como exemplos de bravura e de empreendedorismo, reforçando a tese de que foram os pioneiros ingleses que desbravaram, entre 1929 e 1939, essas terras despovoadas, ainda que, há mais de 20 anos, estudos contestem tais versões (ARIAS NETO, 1998).

Nesse viés, localizam-se na cidade marcas da narrativa oficial que homenageia os responsáveis pela formação primeira da cidade, destacando a relação com a cidade de Londres. Esses lugares e/ou construções são eleitos por muitos como “lugares de memória” (NORA, 1993) e estão espalhados pela cidade.

Recentemente, foi construído pela concessionária Econorte¹⁵ um portal para a cidade que remete ao conjunto arquitetônico do Parlamento Britânico de Londres (Figura 26); no Calçadão de Londrina e em outros espaços da cidade, há cabines telefônicas (ver Figura 19) semelhantes às de Londres¹⁶, bem como um shopping construído e estruturado com decoração inglesa (Figuras 27 e 28). As imagens são evidências do que está sendo eleito para sustentar uma narrativa

¹⁵ Empresa do Grupo Triunfo Participações e Investimentos S.A., constituída para atuar na administração de rodovias sob o regime de concessão. Dentre outras rodovias, ela atua na administração de um trecho da rodovia BR 369, que passa por Londrina, precisamente em frente ao Parque Governador Ney Braga. Segundo o site jornalístico *O Bonda* (03/09/2013), a solicitação de um portal foi feita pela Sociedade Rural do Paraná (SRP) devido ao volume de visitantes durante shows e exposições. Disponível em: <<http://www.bonda.com.br/bondenews/londrina/portal-de-londrina-na-br-369-vai-homenagear-londres-290543.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁶ Pesquisa recente realizada por Serrano, Oliveira e Costa (2012) indica que a primeira cabine com esse desenho foi colocada na cidade por um médico, em frente ao seu consultório. Posteriormente, a empresa de telefonia da cidade adotou a ideia e substituiu os “orelhões” por tais cabines. Em: OLIVEIRA, S. R. F.; ALVES, I. M. S.; COSTA, P. D. O. Tradição, passado e memória: o saber dos transeuntes do Calçadão sobre a história da cidade. *EntreVer*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 248-261, jan./jun. 2012.

histórica, a qual coloca alguns escolhidos como protagonistas em detrimento de muitos outros.

Figura 26 – Portal da entrada de Londrina sentido Londrina – Cambé; Passarela da Avenida Tiradentes, em Londrina, PR (2016). Destaque para uma das torres.



Fonte: arquivo pessoal da própria autora

Figura 27 – Fachada do Shopping Boulevard, em Londrina, PR (2016)



Fonte: arquivo pessoal da própria autora

Figura 28 – Parte interna do Shopping Boulevard, em Londrina, PR (2016)



Fonte: arquivo pessoal da própria autora

No entanto, já é potente a elaboração de outras narrativas no cenário londrinense, as quais contam a história da cidade a partir dos muitos que para cá vieram no mesmo período – portanto também pioneiros – para trabalharem no campo, colhendo café. Esses homens e mulheres, que não enriqueceram, são tão autores da construção da cidade quanto qualquer outro barão do café (ARIAS NETO, 1998).

Compreender os embates em torno da construção de uma história, ou de muitas histórias, situa-nos para olharmos um determinado espaço da cidade procurando ver além do físico, além das narrativas elaboradas a partir de uma só voz. Trata-se de assumir o sentido benjaminiano para sentir, vivenciar e experienciar as relações humanas com o meio em que vivemos, fugindo da maneira clássica na qual o que se sobressai é o oficial, o material – as construções e os monumentos (BENJAMIN, 1994).

Benjamin se ateu aos vazios da vivência na cidade para senti-la de uma maneira singular e errante (BENJAMIN, 1994). Assim, se considerarmos os diversos cenários presentes no espaço urbano, é possível falar da cidade por diferentes contextos, também por meio de diversos sujeitos e seus feitos em cada tempo que se fez presente no local.

Inicialmente, não havia intencionalidade de dividir o local em quarteirões, logo não foi definido, a priori, nenhum ponto de observação. Foi a partir das primeiras estadas, do andar intencionalmente, na concepção anunciada por

Alderoqui e Aisenberg (2007), que os pontos de observação foram se definindo. As diferenças de cada quarteirão foram sendo identificadas, além da paisagem, pois cada uma tem sua particularidade de frequentadores e de comércio.

Observar o cotidiano do Calçadão de Londrina, conversando, divagando por vários bancos e locais possibilitou refletir sobre o movimento, os fatos e acontecimentos, as relações das pessoas e delas com o local, como se apropriam, como interagem, a paisagem, o clima, o cheiro, o som e como esse espaço é visto por muitos. O espaço foi observado por meio das pessoas que o frequentam. Concluímos que, se tratássemos esses espaços (quarteirões) como um todo, perderíamos em muito quanto à compreensão do lugar e da relação que as pessoas estabelecem com cada um deles.

O espaço no qual o Calçadão de Londrina foi construído já era utilizado como referência para os que chegavam e para os que já estavam na cidade. Devido à grande quantidade de lojas comerciais, escritórios e à localização da igreja matriz, as pessoas frequentavam o espaço também para se distraírem. Por conta do aumento de transeuntes construiu-se a rua de pedestres. Esse feito aumentou ainda mais o volume de pessoas, gerando transformações, tanto pelas manutenções como por reformas.

No mais, o espaço continua fazendo parte do imaginário das pessoas quando se trata do centro de Londrina. Os cidadãos, considerados elementos cruciais, que fazem esse coração de Londrina pulsar, estão em destaque no catador de papel, no pedinte, no comerciante, nos trabalhadores, no pintor, no escultor, nessa diversidade de sujeitos, atividades e culturas presentes.

O olhar sensível foi um ponto a ser enfrentado enquanto pesquisadora¹⁷ inserida em um espaço que possui vários grupos de sujeitos em seu cotidiano. Com um caderno em mãos, mais lápis, borracha e celular, respirei fundo e sentei em um degrau da escadaria da Praça Willie Davids, quarteirão 5. Estava aberta a sentir tudo ali, pelo menos era o que eu achava, até perceber que os que ficam ali me observavam. O constrangimento fez eu me sentir nua, e a primeira pergunta logo surgiu: será que eles também se sentem assim ao serem observados? Era, no dito popular, “moeda trocada”, um “toma lá, dá cá”.

¹⁷ Essa narração se dará na 1ª pessoa do singular. Optamos por esse procedimento porque, diferentemente das demais fases da pesquisa, esta se faz exclusivamente a partir do olhar da pesquisadora.

Observando os hippies, que fazem parte do grupo de pessoas com as quais trabalharia de início na pesquisa, meu olhar se desviava o tempo todo para outros acontecimentos: um senhor sentado próximo a mim, as pessoas que passavam, aqueles que me olhavam com questionamentos, os consumidores, os comerciantes, era muita gente realizando diversas atividades, sendo impossível, como pesquisadora, observar somente um grupo. Com muita vergonha enfrentei o estranhamento e, gradativamente, fiz-me ser no objeto escolhido e recortado para a pesquisa.

Nos cinco quarteirões, o movimento tem início pela manhã, com a abertura do comércio, a chegada dos hippies, dos trabalhadores, dos comerciantes, das pessoas que passam. Funciona como um ritual, primeiramente chegam os comerciantes que fornecem alimentos: lanches, cafés, pastéis. Logo após, as pessoas se encontram para tomar um café antes de dar início à jornada de oito horas de trabalho que, em alguns estabelecimentos, é marcada pela criatividade, pelo entusiasmo e pela persuasão para vender seus produtos. Algumas lojas utilizam como recurso para alavancar as vendas colocar uma pessoa para fora, chamando os consumidores pelo microfone, além disso, vitrines são decoradas de modo a atrair o cliente, eletroeletrônicos são posicionados nas entradas das lojas. Os hippies chegam aos poucos, de bicicleta, a pé, aos pares, sozinhos, vão montando seus suportes e conversando descontraidamente, logo o público começa a passar, “se achegar” e, aos poucos, o Calçadão de Londrina vai ficando agitado e movimentado, a paisagem se altera.

Após definir observar o todo e não apenas um grupo em específico, vi-me inserida em um movimento cotidiano da cidade, o qual eu conhecia, até então, com olhar limitado de usuária. Caminhei, parei, sentei, conversei, escrevi, observei, senti calor, medo, angústia, julguei, entristeci e me alegrei por esse espaço. Migrei de um lado para outro em busca do que pudesse encantar meu imaginário de pesquisadora, de algo que chamasse a minha atenção e, em meio às construções e pessoas, fui, gradativamente, de acordo com Almeida (2011), sentindo e estabelecendo sentidos ao espaço e a tudo que ele tinha a me oferecer, procurando entender as práticas cotidianas dali, conforme Almeida (2011) quando cita Certeau (1994).

Em linhas gerais, o Calçadão de Londrina é definido por construções, prédios, árvores, mobiliários, piso. Está carregado de significados simbólicos, como

o Cine Teatro Ouro Verde; estéticos e funcionais, como as luminárias, as cabines telefônicas, o modo como são distribuídos os bancos e tudo mais. É um local destinado ao uso coletivo da população, com funções múltiplas para diversos grupos de usuários: pessoas que estão ali no dia a dia, de vez em quando, pessoas que não vão, mas conhecem ou já ouviram falar. Para os que moram nos edifícios, o Calçadão se torna uma extensão de sua casa.

Com olhar mais apurado, pude observar que cada um se apropria do espaço de maneira diferente, as pessoas se esbarram, caminham com fone de ouvido, conversam sozinhas, relacionam-se com objetos eletrônicos, sentam sozinhas, acompanhadas, expõem a fé, namoram, brigam, ficam em silêncio. No que diz respeito à relação humana, há, no Calçadão de Londrina, o encontro dos iguais e o confronto dos diferentes. Jacques (2012) coloca que esse encontro e esse confronto geram a “experiência da diferença”, e isso é uma ferramenta subjetiva e singular, pois o outro está presente o tempo todo quando se trata de relações humanas.

Nas cidades, há diversos tipos de relações, como amizade, amabilidade, afeto, cordialidade, fatores que humanizam as pessoas (MIRANDA; SIMAN, 2013), que se estabelecem pelo encontro com o outro, propiciando a construção da alteridade.

A cidade é um território real e um espaço de participação em torno do qual as pessoas se tornam conscientes ou inconscientes, usuários de serviços públicos ou consumidores de produtos (PAGÉS, 2004). Também é o espaço no qual, mais diretamente, nos vemos diante do “outro” e, portanto, nos deparamos com múltiplas alteridades, aqui tomadas em suas diversas acepções. (MIRANDA; SIMAN, 2013, p. 63).

Construída socialmente, a cidade é impulsionada por diferentes sujeitos, em diferentes camadas culturais e temporais. Assim, faz-se necessário estudar os sujeitos que estão nela inseridos por meio das relações sociais, organizacionais e educativas. Nesse sentido, exponho a observação dos cinco quarteirões que formam a rua de pedestres de Londrina, cada qual com uma característica dominante. As figuras apresentadas servem para situar o leitor acerca do lugar de onde falo.

A observação foi feita em todos os quarteirões, com dias e horários (manhã, tarde e noite) alternados, dias especiais, como final de ano e domingo, totalizando 400 horas e 45 minutos¹⁸. A narrativa elaborada sobre o local foi subdividida em 5 (cinco) taxionomias: quarteirão 1 PASSAGEM: entre as ruas Prefeito Hugo Cabral e Pernambuco; quarteirão 2 DESEJO: entre as ruas Pernambuco e Professor João Candido; quarteirão 3 POLÍTICA: entre as ruas Professor João Candido e Avenida São Paulo; quarteirão 4 PONTO DE ENCONTRO E FÉ: entre as Avenidas São Paulo e Rio de Janeiro; e quarteirão 5 POPULAR E ERUDITO: entre a Avenida Rio de Janeiro e a Rua Minas Gerais.

3.1 PASSAGEM

Figura 29 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (2015)



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2015)

A característica principal identificada no primeiro quarteirão pode ser definida pela palavra “passagem”. Por estar em uma das pontas, a sensação é de que quem passa por ali está chegando ou saindo do Calçadão. Esse espaço, geograficamente, faz confluência com as ruas Quintino Bocaiúva e Prefeito Hugo Cabral. Possui, em estrutura física, elementos de uso público, como bebedouro, bancos, piso tátil para deficientes, telefone público, iluminação e uma fonte de água. O local é bem arejado e iluminado, a arborização ainda é composta por pequenas árvores, arbustos plantados recentemente (pois na reforma trocaram tudo) e flores ornamentais.

¹⁸ Agosto de 2015 a janeiro de 2016.

Considerando a divisão do Calçadão em 5 espaços, a esse primeiro teve uma praça anexada, que se perdeu na memória da população da cidade, pois, de todas as praças que compõem o espaço, essa é a única da qual é mais difícil encontrar relatos e referências. Trata-se de uma marca do tempo que está, agora, apenas em uma placa exposta e escondida por grandes containers que servem como depósito de lixo. Quiçá esteja na memória de alguém.

Figura 30 – Placa de identificação da Praça Jorge Danielides



Fonte: arquivo pessoal da própria autora

Figura 31 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (1940)



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Figura 32 – Avenida Paraná em confluência com a Rua Quintino Bocaiúva (1950)



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Nos estudos anteriores sobre o Calçadão de Londrina, ao selecionar imagens que mostrassem o antes e o depois, deparamo-nos com fotografias (Figuras 31 e 32 mostradas anteriormente) quase com o mesmo ângulo, referentes ao mesmo local nas décadas de 1940 e 1950. Naquele contexto, não nos atentamos aos detalhes, pois o foco era o outro quarteirão (Praça Gabriel Martins) e as flores de cimento destruídas, literalmente, pela reforma.

Contudo, ao permanecer nesse espaço, lembrei-me da imagem e procurei fotografar (Figura 29) de um mesmo ângulo devido à importância de registrar as transformações que observamos em relação à diferença no tipo de revestimento do chão, dos carros que ainda circulavam por ali, de um posto de combustível na esquina e da praça que leva o nome da família (Danielides), proprietária desse posto de combustível, segundo uma comerciante local. É possível notar, também, a presença de pessoas.

Em outros tempos, os carros cruzavam a Avenida Paraná para irem às cidades de Jataizinho e de Cambé, e esse espaço era a entrada ou a saída para esse trajeto, sendo separado pela pequena Praça Jorge Danielides. Devido ao eixo rodoviário construído em torno da cidade, essa ação foi se modificando. Olhando a Figura 29 com o Calçadão, a impressão que se tem é que essa ligação foi interrompida, bloqueada pela grande calçada e a retirada da praça. No entanto, continua sendo uma linha que liga as três cidades. As pessoas ainda continuam utilizando esse espaço, em maior parte, como passagem, inclusive as que chegam da cidade Cambé com o ônibus intermunicipal, pois, próximo dali, há uma parada (ponto) de ônibus.

Durante o período no qual a observação foi realizada no espaço, constatei que o trânsito de pessoas é menor que o dos demais espaços do Calçadão; não presenciei nenhuma manifestação, tampouco apresentações artísticas. Talvez seja pelo fato de o próprio espaço não possuir tanto atrativo quanto os outros quarteirões. Os bancos são, na maior parte do tempo, utilizados por senhores e senhoras, moradores da redondeza que sentam para conversar.

Ademais, o tipo de comércio ali presente pressupõe passagem: agências bancárias, em as pessoas passam, entram para realizar questões financeiras, saem e passam novamente; é alta a rotatividade de diversos comércios como grandes magazines e pequenas lojas que já ocuparam esse espaço, a exemplo: Magazine Luiza e Casas Bahia, mas não ficaram por muito tempo, não

deixando outro tipo de marca que não de passagem. Também não há vitrines que chamem a atenção.

Nesse caso, a permanência é indicada mesmo pelas agências bancárias, restaurante e padaria. As pessoas passam para realizar atividades ligeiras: pagar contas, comer, fazer compras rápidas, chegar ou ir embora. Além de ser um espaço de início (ou fim) do Calçadão, como já abordado, a configuração atual dos estabelecimentos comerciais em seu entorno colabora para o trânsito mais rápido das pessoas.

Identifiquei que algumas pessoas mais jovens até param e sentam nos bancos, mas é para aguardar alguém. O restaurante é bastante frequentado, bem como a pastelaria, que está nesse local há 35 (trinta e cinco) anos, e a padaria, que, apesar da rotatividade de proprietários, está há 30 anos no espaço. O lugar tem significado de amizade para alguns, o bom relacionamento entre as pessoas do comércio faz com que se dirijam umas às outras – funcionários, gerentes/prorietários – pelo nome, o mesmo ocorre com os comerciantes informais da feira de artesanato que, dia ou outro, estão expondo seus produtos.

Esse quarteirão sofreu alterações ao longo da história. Foi o último a ser construído na constituição do Calçadão e o primeiro a sofrer alterações quando da reforma de 2010. Na década de 1990, foi inaugurado, nesse espaço, um coreto, o qual dava um ar de cidade pequena de interior. Ele foi demolido devido ao abandono por parte da população e da administração pública¹⁹.

Durante a observação, em conversas com uma ou outra pessoa, as falas remetiam a uma não utilização correta do coreto, relataram que mal cabia uma banda de música. Quem o utilizava, segundo uma comerciante, eram os políticos em época de eleição. Contudo, a Figura 33 abaixo mostra que ele era utilizado também para manifestações por jovens estudantes secundaristas, quando reivindicavam a aprovação da política de cotas e do passe livre, em 2005.

¹⁹ Lembro que, nesse período, eu passava pelo espaço à noite e não tinha ninguém, a não ser os frequentadores noturnos do coreto. Dava medo, mas era pelo desconhecido.

Figura 33 – Utilização do coreto para manifestação (2005)



Fonte: Folha de Londrina (01 abr. 2005)

Na Figura 34, há uma indicação (legenda do jornal) de que o lugar servia de abrigo para moradores de rua e para pessoas que consumiam drogas ilícitas. Essa foi uma das justificativas que levaram à demolição do coreto. Esse tipo de problema é comum na cidade e encontrado em outros lugares, como, por exemplo, a Concha Acústica²⁰. A forma de lidar com o ocorrido é, quase sempre, paliativa: as pessoas são removidas do lugar ou se acaba como o lugar. Quando o coreto foi retirado, ampliou-se o espaço para o trânsito de pessoas e foi instalada a fonte de água (Figura 35), que, durante todo o tempo de observação, somente uma vez estava ligada. Portanto, essas tentativas de fazer do local mais que um espaço de passagem parecem não funcionar.

²⁰ Inaugurada em 01/05/1956, de acordo com o site da cidade. Está localizada na Praça 1º de Maio, uma das Praças da elipse central. Na década de 60, a Concha foi utilizada também para o *footing* dos finais de semana e para apresentações artísticas. Ainda hoje a Concha Acústica é palco de manifestações populares. Algumas manifestações que partem do Calçadão finalizam nesse ponto devido à localização perante o centro. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=94&Itemid=117>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Figura 34 – Coreto no Calçadão sendo demolido



Fonte: Folha de Londrina (14 nov. 2007, p. 1)

Figura 35 – Fonte no Calçadão de Londrina



Fonte: Arquivo PIBID/ Pedagogia/ UEL (2013)

Aos finais de semana, essa parte do Calçadão se transforma em espaço de recreação e lazer. Em todo o Calçadão, há prédios residenciais no entorno, mas é nesse pedaço que se identifica uma maior frequência do uso dos

moradores. Com a chegada da noite e o fim de expediente do comércio, o espaço se altera com a presença dos moradores dos prédios, que descem com as crianças e seus cachorros para se divertirem, conversarem, observarem e descansarem. Os cachorros ficam soltos, as crianças andam de bicicleta, patinete, patins e jogam bola. Os mais velhos conversam, caminham, cuidam dos pequenos. Vira uma verdadeira área de lazer. Os cheiros se misturam entre os perfumes que remetem ao final de um banho e os dejetos dos cachorros, os quais os donos fazem questão de recolher, demonstrando cuidado com o espaço.

O que durante o dia é usado como centro mercadológico marcado pela correria do dia a dia, ao anoitecer se altera até no cheiro e na sensação de alegria, calma e descontração. O espaço, à noite, também é marcado pela passagem de estudantes de escolas próximas. No domingo, o local é ocupado por uma feira de artesanato até as 12 horas. Após esse horário, volta a ser um espaço de lazer e descanso.

Os espaços não são os únicos a sofrerem influência direta da forma como organizamos o tempo em nossa sociedade – tempo do trabalho, tempo do lazer, tempo do estudo. Os catadores de papel passam por aqui ao final do dia, tomam água no bebedouro, arrumam suas mercadorias e descansam nos bancos enquanto os trabalhadores “formais” passam com seus uniformes, olhando para seus celulares, com aparência cansada e sempre com pressa. Parece não haver tempo para sentar e descansar em um banco. Quais seriam as escolhas, as decisões, as singularidades que os diferenciam nesse espaço comum?

3.2 DESEJO

Figura 36 – Trecho do Calçadão de Londrina entre as ruas Pernambuco e Professor João Cândido



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

A Rua Pernambuco estabelece o limite com o quarteirão anterior, o qual denominamos de Passagem. Nesse espaço, nomeado nesta pesquisa de Desejo, a paisagem já se modifica. A imagem é de uma tarde de quarta-feira, na qual se pode observar que os prédios, na maioria residenciais, são mais altos e próximos uns aos outros, as marquises das lojas ficam mais próximas umas das outras e algumas árvores permaneceram após a reforma de 2010. Tem-se a sensação de ser um lugar mais escuro, se comparado ao quarteirão anterior. Duas fachadas de prédio chamam a atenção, uma vermelha, datada do início da cidade, e outra fechada em vidros, que remete a tempos atuais. Estão lado a lado, comprovando as mudanças e as transformações da cidade ao longo do tempo.

Esse quarteirão possui um trajeto reto, mantendo o desenho original da Avenida Paraná. São marcas que se sobrepõem ao passado e ao presente no desenho das ruas da cidade, como justifica Sandra Pesavento (2004). Apesar de

possuir uma enorme calçada sobre ela, a Avenida Paraná parte do eixo elíptico a partir do qual o desenho da cidade de Londrina foi pensado, ou seja, continua ali. A cidade, com todas essas marcas, compara-se a um grande palimpsesto, porque nela há traços de um tempo que se escoou,

[...] que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (PESAVENTO, 2004, p. 26).

São histórias advindas das experiências que as pessoas estabelecem, provenientes do passado e dos resultados daquelas que conservam maior relação com a dinâmica do presente.

As alterações no quarteirão do Desejo, na última reforma, não foram tão significativas quanto no quarteirão anterior, da Passagem. Os mobiliários e as luminárias foram mantidos, assim como algumas árvores e outras vegetações que oferecem sombras convidativas em dias de calor. Não tem bebedouro, também não há fonte. Tem agência bancária, lojas de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, móveis, roupas, tabelionato de notas, loja de presentes e de fotografia e lojas joalheiras. Há, ainda, lojas tradicionais, como as Lojas Americanas e a Riachuelo, cujas instalações foram alteradas com o passar das décadas, transformadas interna e externamente, em decorrência da modernização de equipamentos em prol de atrair clientes, os frequentadores do Calçadão.

Durante as observações, na tentativa de coletar mais informações acerca dessas lojas, conversei com um funcionário da loja Riachuelo. Ele relatou que a loja foi inaugurada na cidade no dia 08 de novembro de 1973, instalada na Rua Sergipe, mas não soube informar quando nem o motivo da mudança das instalações para a Avenida Paraná. Provavelmente, a razão tenha sido o comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios, o movimento e a importância desse local foram o grande atrativo para a mudança.

Ainda sobre as lojas tradicionais, a saber, a primeira escada rolante da cidade de Londrina foi instalada nas Lojas Americanas e, conforme relata uma frequentadora da loja: *“Na inauguração de tal escada, não me lembro quando,*

fazíamos fila para andar de escada rolante e tínhamos medo de prender o pé. Hoje é a mesma escada e as marcas do tempo estão nela". (Sandra)²¹.

Podemos interpretar esses breves relatos recorrendo a Pierre Nora (1993), quando afirma que se tratam de representações do passado enquanto memória do processo vivido. Transpondo a abordagem para o campo benjaminiano, trata-se da "vivência" (*Erlebnis*) da experiência no campo da sensibilidade. A memória dessa frequentadora das Lojas Americanas não apenas contribui para narrar um fato, mas se torna uma importante experiência (*Erlebnis*) inteira e verdadeiramente conectada à realidade:

Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. (BENJAMIN, 1994, p. 10).

Um senhor que toca acordeão em frente às Lojas Americanas confere som a esse espaço, às vezes calmo, em outras, acelerado. Quem, por algum interesse, gosta deixa sua contribuição, as crianças se encantam, aliás, as crianças são as que mais se encantam com as "diferenças" no Calçadão de Londrina.

O que marca esse quarteirão são o desejo e o encanto, pois os transeuntes, em sua maioria, admiram os produtos expostos como se o cérebro estivesse programado para isso. Funciona quase como um ritual: é obrigatório parar, olhar e desejar. Não só nesse quarteirão, como também nas ruas paralelas que chegam ao Calçadão de Londrina. As vitrines encantam e o desejo está estampado no rosto de cada um que para, olha, aprecia, compra (ou não).

Quanto mais nos aproximamos da Rua Professor João Candido, mais o movimento se amplia, isso devido ao fato de essa rua levar ao terminal central de ônibus da cidade. O número de pessoas que passam parece ser maior em comparação ao quarteirão 1, da Passagem. Isso, talvez, faz com que alguns comerciantes, com produtos valiosos expostos nas vitrines, sintam-se mais inseguros. Essa afirmativa foi possível ao observar dois seguranças realizando ronda pelo local em dias e horários diferentes.

²¹ As transcrições de falas (conversas, entrevistas, escutas) advindas do Diário de campo, realizado entre agosto de 2015 e janeiro de 2016, serão colocadas em itálico, seguindo a normalização de citações diretas. Após a transcrição, o nome do emissor será apresentado (quando for de conhecimento da pesquisadora).

Nesse quarteirão, o encantamento parece acometer nas pessoas um tipo de egocentrismo, pois mal percebem umas às outras, salvo quando estão acompanhadas. Essa parte da pesquisa foi muito solitária, talvez por isso também tenha percebido os sujeitos solitários, que não estavam ali nem para comprar, nem passear, nem desejar, somente sentar e parar, estacionar um pouco a vida em um local de grande movimento. Uma senhora chamou-me a atenção, com fisionomia triste, roupas surradas, de pele negra, sentou-se em um banco, não contemplou vitrines, tampouco abriu a boca para falar com alguém, olhava às vezes para baixo, outras para cima, suspirava e mantinha o olhar para longe. Para ela, o espaço que permite movimento, nas palavras de Tuan (2013, p. 14), tornou-se um lugar de pausa. À noite, apesar dos edifícios residenciais, não tem presença de moradores, torna-se também lugar de passagem.

3.3 POLÍTICA

Figura 37 – Panorâmica do quarteirão 3: Avenida Paraná com Rua Professor João Cândido e Praça Gabriel Martins (2015)



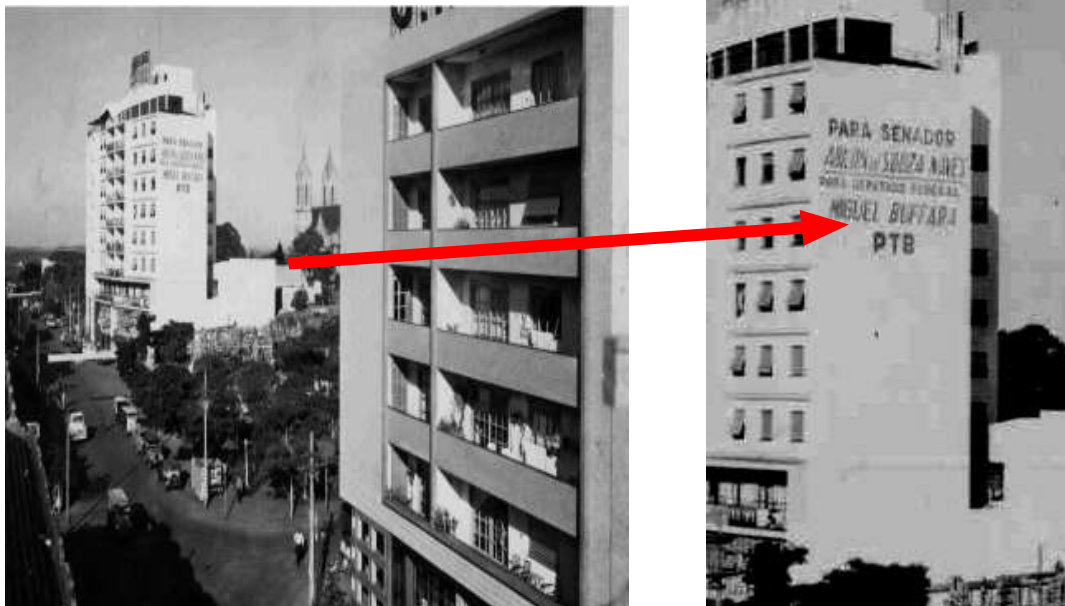
Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2015)

Esse quarteirão (três) localiza-se entre a Rua Professor João Cândido e a Avenida São Paulo. O espaço é amplo, tem ponto de táxi, agências bancárias, lojas diversas, bancos para sentar, flores, árvores, uma galeria de lojas reformada – que já abrigou o histórico cinema Cine Augustus e a loja Mesbla. Nele, localiza-se o ponto que deu origem a esta pesquisa, já tratado no capítulo anterior. Nesse

quarteirão, está também a Praça Gabriel Martins. As imagens são registros de que esse quarteirão carrega a história de ser um espaço de expressão da população. Por isso, a palavra que define essa parte do Calçadão é Política.

Em tempo atuais, o significado foi ampliado para um espaço de manifestações políticas, religiosas, partidárias e dos mais variados temas, espaço no qual as pessoas são ativas e as trocas de opiniões são constantes.

Figura 38 – Praça Gabriel Martins, na década de 1950, vista de cima; ao lado, o recorte de uma propaganda política



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Figura 39 – Avenida Paraná com Praça Gabriel Martins; ao lado, destaque para a propaganda política no poste



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Nesse quarteirão, conversas e ações políticas ocorrem rotineiramente e o direito de ir e vir é total. Os senhores, em sua maioria aposentados, reúnem-se para “pôr a conversa em dia”, discutem sobre economia, política, família, são verdadeiros possuidores de opiniões e soluções para diversos tipos de problemas que assolam nosso país. Falam com propriedade acerca das mudanças ocorridas nesse espaço, relembram de fatos históricos, como a inauguração do Calçadão, buscam na memória fatos e acontecimentos de quando o espaço ainda era o asfalto da Avenida Paraná e a praça se destacava. As imagens anteriores retratam um tempo em que a política já era assunto nesse local. As propagandas estavam em prédios, postes e, hoje, na boca do povo. As praças tornaram-se espaços ornamentados com árvores e canteiros de flores, o que favorece a interação.

Na observação, um dos senhores põe em evidência uma memória saudosa ao dizer: “*Bons tempos aqueles em que as crianças brincavam aqui na rua.*” (Diário de campo); o outro, entretanto, apresenta uma dose de realidade metafórica: “*Agora, se brincam no Calçadão são atropeladas por pessoas.*” (Diário de campo), e ambos riem alto. O movimento nesse local é agitado e variado, espaço de manifestações em forma de passeatas que, geralmente, têm seu início nesse ponto e partem até a Concha Acústica.

Havia uma placa em bronze presa em uma pedra indicando que no local “tem” ou que o lugar “é” uma “Boca Maldita”²². Certamente, ela foi retirada por alguém que, pelo fato de não se identificar com o espaço, sente-se à vontade em “vandalizar”. Nessa parte do Calçadão, muitos trabalhos em prol da comunidade, como políticas sociais, são realizados: campanha da vacinação, dia de atividade beneficente, corte solidário – cabeleireiros realizam cortes de cabelos com preços acessíveis –, entre outras ações. Há, também, propaganda do time de futebol da cidade, o Londrina Esporte Clube (conhecido por “Tubarão”), presença da viatura militar, mostrando que o espaço está seguro, pessoas conversando o tempo todo, indo e vindo de um lado para o outro em meio a prédios da década de 1950, de décadas anteriores e outros com fachadas recentes. É possível ver as marcas do tempo na fachada de um antigo hotel desativado.

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (PESAVENTO, 2004, p. 16).

Esse pedaço do Calçadão é marcado pela diversidade. A verdade é que o Calçadão todo é marcado por diferenças, mas esse quarteirão, em especial, traz essa marca. As atividades são bem variadas, bem como a movimentação, ora calma, ora agitada, impulsionada por alguma manifestação, algum anúncio ou chamado.

O sol é escaldante e, para tomar água, tenho que procurar por algum comércio, os mais próximos são uma farmácia, em uma ponta do quarteirão, e as Lojas Americanas, na outra ponta e do outro lado da rua. Se fosse há alguns anos, em 2008, por exemplo, entraria em um dos quiosques aqui instalados, como se pode ver na Figura 40 e, além de água, tomaria um café, comeria um lanche e até ouviria um samba. Mas, isso só foi possível até o ano de 2010. A imagem, apesar de pequena, evidencia o movimento em torno de um dos quiosques existentes na época.

²² “Boca Maldita” é a denominação de um espaço sem limite geográfico, ao redor de cafés, bancas de revista e agências bancárias, onde se reúnem algumas pessoas que discutem, livres em palavras e pensamentos, os mais variados assuntos presentes nas mídias.

Figura 40 – Quiosque no Calçadão



Fonte: Paulo Sérgio. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=708450&highlight=londrina>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Nesse trecho, havia vários estabelecimentos instalados em quiosques²³: a Lanchonete Grill, um tradicional café, uma floricultura e uma banca de jornais e revistas, o que proporcionava uma relação diferenciada entre as pessoas e o espaço, já que havia o chamamento para a parada, para o lazer e para o consumo mais direcionado à descontração. Na Figura 41 a seguir, evidencia-se a retirada de alguns desses estabelecimentos, colocando fim nessa relação.

Figura 41 – Espaço vazio onde era a Lanchonete Grill



Fonte: Marcel Nagão Maciel. Disponível em: <<http://janela-londrinense.blogspot.com.br/2010/07/calca-dao-saudades-ou-progresso.html>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

²³ Em 2017, os quiosques voltaram para alguns espaços do Calçadão, remodelados, com novos proprietários e novas regras (por meio de licitação).

O propósito era seguir a Lei nº 10.966, conhecida como “Cidade limpa”²⁴, apresentada pelo prefeito da época – Homero Barbosa Neto – em meio a uma política sanitária, a qual atingiu todo o centro de Londrina. Pelas novas normas, os painéis que escondiam as fachadas dos prédios deveriam ser retirados e instituiu-se um padrão para a instalação de letreiros e/ou placas, com limite de metragem proporcional à fachada do estabelecimento. Tal atitude não agradou a muita gente, mas isso faz parte de toda e qualquer mudança que envolve interesses relacionados aos vários aspectos que compõem a cidade.

A ideia que embasa o Projeto “Cidade limpa” era proporcionar maior visibilidade à arquitetura da cidade e também mais espaço para lazer, no que se relaciona à retirada dos quiosques, porém alguns comerciantes não foram a favor pelo fato de que a retirada dos *outdoors* das fachadas das lojas demandaria gastos e, claro, as lojas não chamariam tanto a atenção. Após a retirada, um emaranhado de fios e marquises desgastadas pelo tempo e pela falta de manutenção ficaram à mostra, provocando mais um embate entre o poder público, os comerciantes e a população.

Em meio a esses conflitos, a Lei foi cumprida e tanto a população quanto os comerciantes hoje comemoram pelos resultados. Fachadas de lojas “limpas” favoreceram a ampliação do olhar para os espaços. Todavia, essas mudanças são constantes no espaço do Calçadão e podem ser compreendidas a partir de um processo que teve seu início antes de 2010.

A retirada do coreto no quarteirão 1 (Passagem), em 2005, a retirada dos quiosques e a retirada das placas nas fachadas seguiram uma ideia de limpeza, de saneamento e, em outros quarteirões, foram retiradas pessoas: os comerciantes informais. Os movimentos da cidade são como cursos de água e encontram seus caminhos em meio à intervenção constante quanto ao que se pretende para um determinado espaço. No que se refere ao Projeto “Cidade Limpa”, identifica-se uma cadência ditando o que se entende por “limpa”, e esse entendimento define quem e o que deve ser retirado.

Analisando os fatos, conclui-se que tudo o que aponta para a diferença e para a aglomeração foi retirado, como o coreto e os hippies. Por outro lado, a retirada dos painéis das fachadas contribuiu para novas leituras do passado

²⁴ Lei nº 10.966, de 26 de julho de 2010. Súmula: Dispõe sobre a ordenação dos anúncios que compõem a paisagem urbana do município de Londrina – PROJETO CIDADE LIMPA e dá outras providências.

a partir dos desenhos das marquises e dos revestimentos coloridos de alguns prédios do local. É difícil tecer conclusões a respeito, por exemplo: a retirada dos quiosques com as lanchonetes e os cafés teve como ponto positivo a ampliação do espaço para o trânsito livre de pessoas – como as passeatas –, mas, por outro lado, teve como ponto negativo a eliminação de um local utilizado por muitos como ponto fixo para encontros diários.

Entre transformações e permanências, o que se tem atualmente nesse quarteirão é um espaço mais amplo, arejado e com equipamentos novos. As árvores ainda são pequenas e as mais antigas e maiores, entre as poucas que restaram, fazem sombras disputadas por muitas pessoas. Os mais velhos costumam se apropriar delas para conversar. Mesmo com a mudança, eles encontraram um lugar para se reunirem e conversarem, em pé, sentados ou escorados em qualquer objeto que dê apoio.

Na outra ponta desse local, no limite com a Avenida São Paulo, uma personagem singular permanece ali há anos, trata-se de uma mulher²⁵ que pede ajuda para sobreviver. O tempo todo ficam pessoas perto dela, senhores e senhoras que passam e conversam, contribuem ou somente “batem um papo”. Ela fica sentada em um carrinho de bebê em frente a uma agência bancária e, devido a um problema físico, não anda, tem uma estatura pequena e um rosto infantil, apesar de a fisionomia aparentar cansaço e possuir marcas da experiência.

Para essa mulher, a presença ali se dá por necessidade, pois ela não considera tal feito um trabalho. Mesmo tendo uma rotina normal, comenta que, se pudesse escolher, trabalharia formalmente. Ela também reitera que precisa de ajuda, por isso o Calçadão, com seu movimento intenso, é um local propício para conseguir essas ajudas. Um senhor sempre está ao lado dela vendendo bilhetes da loteria, mas o olhar de quem passa está voltado principalmente para a mulher.

Há pessoas que parecem conhecê-la há anos, ficam ali um pouco, conversam sobre vários assuntos e, apesar da aparência séria e mal humorada quando está sozinha, ela é muito alegre e sorri o tempo todo quando está conversando com alguém. Ora ou outra faz ligações do celular.

As manifestações, como apontado anteriormente, geralmente têm início nesse quarteirão do Calçadão. Toda atividade diferente logo chama a atenção

²⁵ Essa pessoa foi entrevistada e, no próximo capítulo, será apresentada com maior detalhamento.

dos que passam e, diferentemente dos quarteirões anteriores, se há um grupo de pessoas reunidas, é porque algo está acontecendo – uma apresentação, uma manifestação, uma demonstração de trabalho. Os que passam param, nem que seja por meio segundo, para verem o que é, alguns ficam observando curiosos por um bom tempo. Na escadaria de uma agência bancária, pessoas sentam à espera de algo ou de alguém, para descansar ou para conversar, quem deseja adentrar na agência desvia delas sem reclamar, como se fossem obstáculos a serem ultrapassados normalmente.

Novamente as imagens retratam que o movimento desse espaço, em especial, é multicultural, plural, com diversidade de sujeitos e atividades, em tempos idos e atuais. As transformações são nítidas e, na Figura 42, é possível ver parte do quiosque “Casa do café” e uma apresentação teatral. A mesma figura reúne várias pessoas e mostra um atrativo cultural para os frequentadores do local.

Figura 42 – Apresentação teatral da peça “A Pereira da Tia Miséria”, do Núcleo Às de Paus, na Praça Gabriel Martins (2010)



Fonte: Disponível em: <<http://nucleoasdepaus.blogspot.com.br/2010/08/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

Talvez em uma tentativa de impor a volta da Praça Gabriel Martins como uma praça, não como um adendo do Calçadão, após a retirada dos quiosques, foi instalada uma academia ao ar livre e um *playground* para crianças, inaugurados em 2010 por meio de uma parceria da prefeitura, da ACIL (Associação

Comercial e Industrial de Londrina) e da iniciativa privada, que oferecia equipamentos de lazer para seus frequentadores.

Nesse âmbito, um taxista recorda que o parquinho atraía muitas crianças, mas não era seguro, pois elas atiravam as pedras – *petit pavé* – para todos os lados. A prefeitura, segundo ele, interditou-o e, logo em seguida, retirou-o, afirmando que seria instalado no bosque da cidade. Quanto à academia, uma senhora disse que até utilizou em algumas noites, mas não sabe por que não usou mais, já um senhor comentou que gostava bastante, pois, enquanto utilizava, conversava com as pessoas. Todos, com exceção do taxista, são moradores do prédio próximo. Após o término da reforma, não foram reinstalados tais equipamentos e o local ganhou diversos canteiros de jardim, alguns bancos e o novo piso de *paver* colocado na reforma.

Ao finalizarmos a observação nesse quarteirão – Política –, concluímos que o movimento das pessoas no local faz com que tenha uma pulsação distinta dos demais espaços que compõem o Calçadão de Londrina: as pessoas transitam entrando e saindo das lojas, dos bancos, há muitas rodas de conversas, os taxistas ficam em um canto – cremos ser propositalmente – no qual as sombras das árvores antigas prevalecem, bilhetes de loteria são vendidos, negócios são fechados, opiniões são declaradas, acatadas e contestadas e várias manifestações são realizadas e, em alguns casos, os grupos saem em passeata em direção à Concha Acústica. Vivenciar todo esse movimento me remeteu ao pensamento de García Canclini (2010, p. 93), quando compara o papel do espectador de algum espetáculo com o leitor de um livro ou de uma obra de arte:

Se pensaba que la noción de espectador cambiaba según el objeto o espectáculo, y la distancia que tenía con los actores: de la platea al escenario en el clásico teatro a la italiana, de la tribuna a la cancha en los estadios, del sillón de la casa a la pantalla televisiva. Hoy, aun dentro de un mismo arte, deporte o medio de comunicación, el lugar del espectáculo es inestable. No están fijos los actores en la sociedad, ni las obras que sólo se contemplaban, ni la distancia entre unos y otras. Se asemeja a lo ocurrido con la noción de espectador, lo que sucede con los lectores. Así como había una distancia correcta para ver los cuadros, un cierto silencio mientras duraba la obra teatral o la película, se enseñaba una lectura pausada, algo así como una contemplación del libro. Se creía saber qué eran un cuadro, una obra y un libro, y existían lugares, posiciones del cuerpo y espacios institucionalizados para mirarlos con atención. El recinto teatral o cinematográfico, el museo o la galería, la biblioteca o el sillón de la casa pretendían ser, cada una,

escenas distintas y distantes de la vida real. (GARCÍA CANCLINI, 2010, p. 93).

Esse quarteirão do Calçadão transforma-se em um verdadeiro palco social, em que somos todos atores e espectadores de um espetáculo físico – do corpo a corpo, do corpo com as construções – e sensível – com um olhar atento e cuidadoso para o que acontece.

Aos finais de semana e à noite, inversamente ao que ocorre no quarteirão 1 (Passagem), o espaço em frente ao Banco do Brasil e à Loja Riachuelo não é lugar de recreação e lazer ou, quando é, acontece em bem menor intensidade. De noite, algumas pessoas tentam manter o espaço como extensão das casas delas, mas nada se compara ao quarteirão 1. Eles descem, mas vão embora logo.

3.4 PONTO DE ENCONTRO E FÉ

Figura 43 – Visão do quarteirão 3



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2015)

Esse quarteirão, assim como o quarteirão 2 (Desejo), tem seu formato estreito por ser outra parte da Avenida Paraná em seu curso reto, mas se difere do trecho denominado Desejo porque, de um lado, há prédios residenciais e comerciais e, do outro, uma praça. Os bancos para as pessoas sentarem são novos e foram colocados na última reforma. Tem telefones públicos, árvores, bebedouro, floreiras, luminárias e lixeiras.

Denominei o trecho como Ponto de encontro e fé pois o que observei com mais frequência foram encontros: entre amigos, namorados, conhecidos, encontro com o descanso e encontro com a fé, já que, logo acima da praça, está a Catedral Metropolitana de Londrina e, no Calçadão, abaixo da praça, um pastor faz suas pregações. Conforme representa a Figura 43 acima, o natal, uma festa religiosa, deixa estampado esse tempo festivo.

Localizado entre as avenidas São Paulo e Rio de Janeiro, acreditamos que o que propicia tais encontros seja a Praça Marechal Floriano Peixoto, conhecida por alguns como Praça da Bandeira. Importante lembrar sempre que esse é um espaço plural, logo, esses encontros fazem parte dessa pluralidade. Todavia, essa pluralidade faz de toda a rua de pedestres um espaço singular.

Na pesquisa que realizei por imagens da Avenida Paraná, esse foi o trecho do qual mais encontrei registros. As transformações apresentadas nas figuras encantam os olhos, desde quando a rua era de paralelepípedo, como mostra a Figura 44, até o Calçadão em *petit pavé*, como na Figura 45.

Figura 44 – Avenida Paraná com Praça MFP (década de 1940)



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Figura 45 – Poucos dias após a inauguração do Calçadão (final da década de 1970)



Fonte: Museu Histórico de Londrina

Estudiosos sobre a história da cidade apontam que esse trecho já era ponto de encontro das pessoas em outras décadas. Era nesse quarteirão e no próximo (5) que acontecia o *footing*²⁶ da cidade (YAMAKI, 2008). As pessoas saíam da missa e já desciam para a praça para conversar, passear, passar o tempo, apreciar, dentre outras atividades, e esse quarteirão ficou marcado como ponto de encontro, sendo assim até os dias de hoje. As pessoas estão, em sua maioria, reunidas nos bancos, nos canteiros de flores, no carrinho de lanche, à volta do pastor, conversando, sorrindo, com expressões de felicidade, amor ou, também, de desânimo e cansaço. Além disso, muitos casais ficam a namorar.

Os artesãos formam um grupo que deixou sua marca nesse local. Eles ficavam na escadaria que liga a Praça Marechal Floriano Peixoto ao Calçadão vendendo as peças produzidas manualmente, expostas em panos estendidos no chão. Com o tempo, esse comércio foi aumentando e alguns utilizaram barracas para ampliar e melhorar a visualização das peças à venda. Em tais barracas, os produtos não se restringiam ao artesanato e os comerciantes passaram a se incomodar com a concorrência. Durante a reforma, então, as escadarias foram transformadas em jardins e ficou proibida a instalação de barracas na praça, a não ser em épocas específicas, quando da realização de alguma feira ou exposição. Os

²⁶ Passeio, reunião de pessoas para esparecerem, distraírem-se e que ocorria muito em Londrina na década de 1950.

artesãos, por sua vez, retornaram em número menor para outro espaço do Calçadão, sobre o qual tratarei adiante.

Antes da reforma, esse quarteirão aparentava ser mais fechado e escuro, principalmente por conta dos painéis luminosos das lojas que ultrapassavam as fachadas. Era o trecho no qual o piso de *petit pavé* apresentava mais problemas, com pedras soltas e aspecto amarelado, o que causava uma sensação de abandono, além da sujeira proporcionada pelos dejetos dos pombos que dormiam nas copas das árvores.

Na reforma, parte da vegetação foi trocada. No momento da observação do espaço, flores ocupavam o espaço da escadaria de acesso do calçadão à praça, há um bicicletário e ampliou-se o espaço de movimentação para as pessoas. Na esquina do Calçadão com a Avenida Rio de Janeiro, fica sempre um pastor e várias pessoas param ao seu redor, permanecem muito tempo sentadas nos canteiros – que antes eram as escadas –, apreciando a pregação dele, observando o movimento e conversando entre si. Na maioria, são pessoas com idade um pouco avançada, os mais jovens geralmente sobem em direção à praça. Na esquina, o vendedor de lanches com o seu carrinho resiste há vinte anos, e pessoas aproveitam a pausa para comer.

Uma loja tradicional da cidade, a Pernambucanas, permanece no local desde que as ruas eram de terra. Assim como outras lojas, ela resiste ao tempo e se transforma com ele. Em tempos idos, a loja só vendia tecidos, depois passou a vender também roupas, calçados e eletrônicos. Por fim, deixou de lado o que lhe deu início, os tecidos. Em seu interior, há quatro pinturas que remetem às transformações da loja e, conseqüentemente, à história da cidade e do Calçadão.

A saber, as pinturas tratam de um momento do cotidiano registrado em óleo sobre tela, de um artista denominado Gato Preto. De acordo com a coordenadora administrativa da loja em questão, uma das imagens representa o início das atividades em Londrina – inauguração da loja em 04/02/1935 –, já as demais de tempos depois, visto que a rua está asfaltada nas imagens, mas ela não soube ao certo definir as datas.

As práticas que se estabelecem no Calçadão de Londrina retratam as formas como a população se apropria do espaço e do tempo e podem proporcionar estudos com o objetivo de buscar as memórias sobre esse espaço público, o qual não recebe destaque na narrativa que se assenta sobre uma memória oficial da

cidade. Nas afirmativas de Benjamin (1987), os sujeitos comuns também produzem História, por isso a necessidade de afinar a escuta para ouvir o que têm a dizer, a fim de construir outras narrativas e marcá-las materialmente na história da cidade. Nesse sentido, os senhores que ficam a conversar e a divagar sobre suas memórias são sujeitos que têm algo a narrar sobre o cotidiano.

No mais, à noite, esse quarteirão fica praticamente deserto e muito escuro. Alguns dormem nos bancos e poucos estabelecimentos funcionam no período noturno. Sinto certa insegurança e percebo que as pessoas evitam passar pelo espaço de noite. Porém, ao final do ano, quando o comércio tem horário de funcionamento ampliado até as 22 horas, o movimento é grande, nem por isso as características principais se perdem.

Outras pessoas também compõem a paisagem do espaço, como, por exemplo, o artista que interpreta uma estátua humana, mas a figura ímpar desse trecho – Ponto de encontro e fé – é o pastor. Trata-se de um senhor que, sem receber retorno econômico, dedica parte do seu dia para pregar a palavra constante na bíblia. À sua maneira, exalta os feitos de Jesus descritos por algum dos apóstolos na tentativa de salvar as pessoas do pecado terreno. Ele chega em horários diferentes, monta sua caixa de som acompanhada de microfone, cumprimenta algumas pessoas, conversa com outras, faz um momento que parece ser de introspecção, abre sua bíblia e dá início à pregação.

Algumas pessoas o tem como um homem de deus, outras fazem “cara feia” no sentido de reprovação, que pode ser tanto pela altura como pelo teor do discurso, afinal somos seres multiculturais e com crenças diferenciadas. Nos momentos em que para de pregar, alguns chegam para conversar com ele, pedem conselhos e desabafam. Ele orienta, então, conforme a crença dele, e convida as pessoas a visitarem a sua igreja. Algumas vezes, o pastor parecia direcionar suas palavras a apenas uma pessoa que passava, como se a escolhesse.

Esse pastor foi uma das pessoas que escolhi para fazer a entrevista. Entretanto, quando retornei ao local para agendá-la, havia outro em seu lugar. Conversando com algumas pessoas ao redor, recebi a informação de que ele foi “convidado” a se retirar do espaço por alguns comerciantes e funcionários do entorno. O “outro” que pregava em seu lugar nesse dia argumentou não ser pastor, mas pregador e que não poderia conversar “com a ciência”, segundo ele: “Sou

homem de deus e não da ciência, se eu der entrevista, estarei indo contra deus por colaborar com a ciência.”

Nesse trecho do Calçadão, o comércio também é concorrido e as tentativas de atrair clientes são as mais variadas. Uma loja contratou modelos com corpos exuberantes para panfletarem nesse quarteirão, e foi impressionante a reação das pessoas – homens e mulheres de idades variadas –, não tinha quem não olhasse, comentasse, cochichasse, ficasse bravo ou gostasse: um “mix” de experiências.

Tratando-se de experiência, a nostalgia se instala com a chegada de um grupo de músicos bolivianos que tiram dos instrumentos um som envolvente. Eram melodias que pareciam gritar o sofrimento de alguns. Fazia um bom tempo que o grupo não marcava presença na cidade. Com flautas bolivianas e teclado, tocam *Então é natal* (de Simone) e a música religiosa *Segura na mão de Deus*, dentre outras. A música também foi destaque na apresentação da Orquestra Sinfônica da UEL e do Grupo de Metais, que encantaram muitos que por ali estavam e ficaram a prestigiar.

Como parte da pesquisa, a observação também foi realizada no mês de dezembro. Então, verificou-se a presença de pessoas bem arrumadas, luzes e música por toda parte, as lojas com “pisca-pisca”, algumas com o Papai Noel para receber as pessoas em um tapete vermelho estendido: tudo para agradar a quem passa pelo trecho do Calçadão. É uma verdadeira Rua de natal!

Sobre as mudanças, foi o último quarteirão do Calçadão a passar por reformas, tendo em vista que o próximo trecho a ser apresentado no texto ainda não foi reformado (em setembro de 2017). A segurança, no trecho de Ponto de encontro e fé, tem por característica ser “de passagem”, a Guarda Municipal passa com motos, viaturas e a pé. A não ser as pessoas envolvidas com o comércio informal – vendedores ambulantes de eletrônicos e filmes, que parecem estar o tempo todo prontos para partir com suas araras de produtos –, os demais não se manifestam com a passagem de policiais e/ou guardas.

3.5 POPULAR E ERUDITO

Figura 46 – Vista da Praça Willie Davids para a Avenida Souza Naves - sentido sul da cidade



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

O quarteirão 5, a outra “ponta” do Calçadão, talvez seja o maior quarteirão em termos de extensão e é o último a ser apresentado nesta pesquisa, mas foi o primeiro a ser construído, em 1977. No espaço, está contida a Praça Willie Davids. Além disso, é marcado pela importância na história de Londrina, ainda que todos os demais espaços também o sejam.

Figura 47 – Vista da Praça Willie Davids para Calçadão/ Avenida Paraná/ Ouro Verde - sentido norte da cidade



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

Figura 48 – Alunos realizando pesquisa de campo no quarteirão 5



Fonte: Arquivo PIBID/ Pedagogia/ UEL (2013)

Figura 49 – Placa na Praça Willie Davids sobre a rodoviária que existiu no espaço



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

Como se constata pela Figura 49, tem-se uma placa, a qual mostra que, em frente à Praça Willie Davids, localizava-se a primeira estação rodoviária de Londrina, a qual foi estabelecida no espaço onde hoje se situa o Cine Teatro Ouro Verde. A saber, a CTNP construiu um escritório no local para comercializar os lotes de terra, mais uma vez as imagens enriquecem a narrativa: a Figura 48, colocada anteriormente, evidenciou a placa que há nesse espaço e que mostra que ali houve um movimento entorno da função profissional “corretor de imóveis”. Nesse local, portanto, fechavam-se os negócios de café, de imóveis, dentre outros.

Na praça mencionada, há um busto de um homem em bronze (Figura 50) e, na ampliação da imagem (Figura 51), evidencia-se a homenagem ao primeiro prefeito eleito de Londrina, que ficou no cargo de 1936 a 1940. A mensagem diz: “Homenagem de Londrina a seu grande benfeitor Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids 22 05 1952”. Ademais, essa praça é uma das quatro que emolduram a elipse do plano central de Londrina. Atualmente, ela se transformou em uma espécie de extensão do Calçadão, entre a Avenida Rio de Janeiro e as ruas Maranhão, Minas Gerais e Santa Catarina (BORTOLOTTI, 2007).

Figura 50 – Busto do primeiro prefeito eleito em Londrina: Willie Davids



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

Figura 51 – Homenagem a Willie Davids



Fonte: arquivo pessoal da própria autora (2016)

A ação do tempo deixou sua marca na praça e, como não foi realizada a reforma nesse trecho, é possível identificar as marcas do abandono nos bancos de madeira deteriorados. Não há muitos lugares para descansar e para parar. As árvores estão concentradas em alguns pontos isolados, em contrapartida são frondosas e produzem boas sombras. Ainda se discute sobre preservar ou não o piso de *petit pavé* no trecho que, como já anunciado, ainda não passou pela reforma iniciada em 2010, devido a questionamentos se deveriam ou não ser preservadas algumas características, a exemplo, o piso.

O Cine Teatro, inaugurado em 1952, leva o nome de Ouro Verde pois remete ao café, principal atividade econômica da cidade até a década de 1970. Após o apogeu cafeeiro, passou a ser administrado pela Universidade Estadual de Londrina, sendo palco de várias atividades culturais e principal palco do Festival Internacional de Londrina (FILO)²⁷, além de outros festivais. No mais, faz-se pertinente salientar que ficou desativado por cinco anos devido a um incêndio ocorrido em 2012, sendo reinaugurado em 30 de junho de 2017.

²⁷ Festival de teatro que ocorre anualmente em Londrina e recebe espetáculos de diversas companhias nacionais e internacionais.

Figura 52 – Ouro Verde sendo consumido pelo fogo



Fonte: Jornal online Diário dos Campos (2012). Disponível em: <<https://www.diariodoscamos.com.br/noticia/incendio-consome-edificio-do-cine-teatro-ouro-verde>>. Acesso em: 10 set. 2017.

É possível observar, na Figura 52, o fogo no Cine Teatro Ouro Verde, bem como o desenho do piso em *petit pavé* preto e branco e o contraste com os prédios do início da cidade. Após a construção do teatro, o local passou a ser bem agitado, principalmente à noite. As pessoas saíam da igreja matriz, passavam pela Praça Marechal Floriano Peixoto, no quarteirão 4, e chegavam a esse quarteirão (5), trecho no qual também ocorria o *footing* da cidade (YAMAKI, 2008).

Foi o primeiro local escolhido para observação, visto que, de início, meu intuito era pesquisar sobre os hippies presentes nesse espaço. Devido à grande movimentação e à diversidade de sujeitos no local, identifiquei que oferecia não só um grupo de pessoas, mas vários. A todo instante meu olhar voltava-se para o movimento ocorrido ali, para os outros sujeitos, para quem passava, quem dormia, quem pedia, quem vendia, quem comprava, quem observava, quem conversava, quem se intimidava com viaturas e cavalos da polícia. Muitas

diferenças encontradas em um só lugar, isso ampliou meu olhar para o cotidiano do Calçadão de Londrina.

Nesse trecho, de um lado fica a feira de artesanato das senhoras, liberada pela Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização de Londrina (CMTU), mais abaixo ficam os hippies, artesãos autônomos, alguns remanescentes dos que foram retirados da Praça Marechal Floriano Peixoto. Junto a eles estão algumas pessoas vendendo seus artesanatos, como os roqueiros – com suas correntes de couro e metal, braceletes, anéis – e, vez ou outra, um artista de rua atuando como estátua viva, um pintor de rostos, um pintor de paisagens, as ciganas, apresentações de grupos musicais e dançarinos que fazem parte de alguns projetos em desenvolvimento na cidade. Mesmo mudando os sujeitos, as atividades continuam. No geral, são personagens presentes no cotidiano do Calçadão.

O comércio é diversificado, com agências bancárias, restaurantes, loja de móveis, de roupas, de calçados, in(for)malidade artesanal. Nesse local, passam muitos jovens, mas quem permanecem são as pessoas mais idosas, que sentam nos degraus da escada e dormem embaixo das marquises de lojas desativadas. Muitos param e observam as mercadorias dos artesãos, mas poucos compram, a curiosidade é maior que o desejo. A relação entre as pessoas que passam acontece muito com esse grupo. Entre eles mesmos, a “camaradagem” está instalada, são bem unidos, cuidam dos produtos uns dos outros e os comercializam. Não conversam muito com os clientes, ficam concentrados em confeccionar o material. Chegam para trabalhar a pé, de bicicleta, sozinhos, aos pares, em grupo, preparam o ambiente com conversas e risos enquanto montam as araras, as barracas ou, então, enquanto estendem um tapete pelo chão.

Diferentemente dos outros quarteirões, as pessoas que frequentam esse local perceberam a presença de uma pessoa que não está no cotidiano deles. E, mais que observar, eles chegaram, questionaram e interagiram. Queriam saber o motivo pelo qual uma moça fica parada “olhando” e fazendo anotações. O fato de saber que existe uma pessoa pesquisando algo sobre o Calçadão, em especial nesse quarteirão, que chame a atenção para ser transformado em escrita acadêmica, deixou algumas pessoas decepcionadas: “*Nesse lugar sujo e feio?*” (Diário de campo, 2016); “*Você vê maravilhas nesses prédios velhos?*” (Diário de campo, 2016). Outra pessoa demonstrou seu preconceito com relação aos hippies e, sabendo que meu olhar estava direcionado a eles, julgou-me como louca.

Os frequentadores permanentes – aqueles que desenvolvem algum tipo de atividade que foge ao comércio formal – sentiram a necessidade de interagir com a forasteira pesquisadora. Perguntaram-me se era repórter, investigadora policial ou se estava procurando um pai que não pagou pensão. Tive a certeza, então, de que também estava sendo observada e analisada, de que estavam refletindo sobre minha presença.

No decorrer da observação, uma senhora perguntou o que eu era, pois eu estava indo muito àquele espaço. Ao saber de minha profissão como professora e de minha condição de pesquisadora, ela se exaltou de felicidade, ofereceu-me água e um banquinho para sentar e, quando me retirei, ao final do dia, presenteou-me com uma pulseira feita por ela, ali, enquanto conversávamos.

As mercadorias dos artesãos oferecem ao olhar dos transeuntes o fetichismo do encantamento nos produtos expostos. No dia a dia, são eles (artesãos) que marcam presença permanente. Artistas de rua, pintores, palhaços, entre outros sujeitos são fluídos, horas estão, outras não e, por vezes, nem voltam. Em uma das observações, havia um pintor que saiu de Santa Catarina e percorreria alguns calçadões do Brasil com o intuito de arrecadar dinheiro e voltar para casa.

De acordo com esse artista, gastamos muito tempo com pensamentos inúteis, não somos livres. Um japonês hippie, com aparentemente 60 e poucos anos, teve a mesma observação. Eles são livres, porém há necessidade de sobreviver no sistema de capital e de consumo em que vivemos, por isso o recebimento em troca do produto, sem lucro os materiais são doações.

Os hippies sempre foram pessoas livres da opressão dos governantes e do sistema social capitalista super tradicional, nos destacamos mundialmente com o Woodstock para mostrar ao mundo que não precisamos de guerra, mortes, lutas ou poder, podíamos ser todos livres, por isso a paz e amor, ficar nus foi para mostrar que somos todos iguais. (Diário de campo, 2016).

Na sociedade em que somos educados, prevalece a ideia de um padrão no qual as pessoas devem ser encaixadas, há pouco espaço para as singularidades, por isso é comum o encontro com pessoas cada vez mais aprisionadas em seus pensamentos e com medo do contato com os tipos “diferentes”. “O aprisionamento do indivíduo a uma função não permite o espaço para a singularidade” (BENJAMIN, 1987, p. 19).

Dessa maneira, a alteridade cultural presente nesse quarteirão surge como exemplo dos que modelam as próprias vidas. Mesmo em meio a tantos atrativos, tanta história, e com todo esse movimento existente no cotidiano do Calçadão de Londrina, a maioria das pessoas passa e nada a atinge, nada chama a atenção. Como infere Rita de Almeida (2011, p. 15), são “percursos invisíveis” para certos cidadãos, detalhes do local que, devido à pressa cotidiana, não são percebidos.

Além disso, o espaço possui algumas marcas que denotam a passagem do popular, sendo a cultura erudita a que é posta como oficial e transmitida principalmente pelas escolas. O que se observa, principalmente nesse quarteirão, é a cultura popular e da qual a maioria das pessoas que o frequenta faz parte. São os artesãos que sentam ao chão e confeccionam seus produtos, as pessoas que sentam na escadaria para descansar, as que deitam sob uma marquise para dormir, as lojas com produtos mais populares, as feiras de artesanato diverso. A cultura popular londrinense também está presente ali com os sujeitos errantes, que passam divagando sobre um assunto qualquer, com suas mercadorias em carrinhos de mão ou na própria mão, a enfrentar a CMTU, que fiscaliza e recolhe o que é considerado ilegal.

A via de mão dupla que se instala entre o erudito e o popular se apresenta também nos tipos de comércio, há o comércio popular, que não se prende muito às técnicas de acúmulo de capital nem ao marketing agressivo da concorrência, está ali pela sobrevivência; e há o comércio maior, imponente, formalizado, normalmente apreciado por um público com maior rentabilidade financeira. São comércios como restaurantes que têm tradição nesse espaço, lojas de móveis e eletroeletrônicos.

Ademais, noto duas culturas que se misturam – popular e erudita – pela história e pela tradição: busto de uma figura política, placas e o edifício Autolon, que homenageiam a comercialização, além de placas que remetem à história do transporte e de uma marca importante da cidade, a Viação Garcia. Há, também, memórias de tempos idos, em que a noite era celebrada por grandes espetáculos, novidades que chegavam ao Brasil. As reportagens nos jornais corroboravam a grande importância do Ouro Verde:

Cine Ouro Verde foi um edifício de impacto para a cidade, inovando a arquitetura de cinemas em Londrina e região, através de boa acústica, ar-condicionado, cadeiras móveis e um padrão construtivo. Desde sua inauguração, o prédio foi visto como marco de orgulho e ostentação cultural para a população londrinense. Considerado "majestoso" e "obra extraordinária de engenharia e arquitetura" pela imprensa da época, sempre centralizou as atenções da comunidade artística e cultural, até o ponto dos jornais da época ressaltarem a sua comparação com as "melhores casas de exposições de São Paulo e Rio de Janeiro" e sua inauguração um "motivo de júbilo e orgulho para o povo de Londrina". (FOLHA DE LONDRINA, 30 de setembro de 1952).

Entretanto, tudo se configura apenas como informações, caso não haja a narrativa daquele que experienciou ou experiencia os fatos. Segundo Bondía (2002, p. 21), "A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência". Mas, a discussão ainda se estende à questão de preservação de algo nesse quarteirão que remeta à conservação de algo físico, para que a memória não se perca. Yamaki (2008) publicou um artigo no jornal Folha de Londrina considerando o questionamento da preservação: "Londrina deveria considerar como prioridade o tombamento do calçadão com o que resta do piso *petit pavé*". (Humberto Yamaki, Folha de Londrina, Espaço aberto, 14/08/2011).

Em síntese, um passado não vivido possibilita a construção de alguns referenciais que levem à visualização do imaginário do passado. É sabido que a elite transforma em objeto de desejo algumas das festividades e em objeto de sucesso entre os populares. Por outro lado, as cabeças pensantes do capital pelo acúmulo de bens enxergam oportunidade e levam esses produtos e festividades para serem comercializados pelas próprias elites, ou até mesmo pela camada mais popular, que se vê "obrigada", por conta da questão da concorrência, a "atualizar" seus feitos: shoppings, feiras, turismo, favela, práticas sociais, entretenimento.

No trecho, à noite, passam as pessoas que saem do Shopping Royal Plaza, localizado no quarteirão seguinte, na Rua Maranhão, ou então elas ficam à espera do ônibus no ponto próximo. Antes da retirada dos quiosques, a noite era mais agitada, com som ao vivo, comida e bebida. Atualmente, aos finais de semana, é pouco frequentado, mas, em tempo natalino, o movimento aumenta muito e os artesãos comemoram.

Esses últimos parágrafos fecham o que denominamos de quarteirão Popular e Erudito, desvelando os múltiplos olhares sobre a experiência das pessoas com os espaços. Revelou-se que o espaço Calçadão de Londrina só é um lugar porque diferentes pessoas o significam como tal, a partir do momento em que estabelecem algum tipo de relação pelas experiências de vida que tiveram, em início, em um cotidiano. São essas questões que conferem singularidades ao lugar.

Foram oito dias alternados e especiais que transitei pelo Calçadão. O fato de não me fixar em apenas um local justifica-se pela pesquisa-ação, a qual possibilita a interação com os movimentos e com as pessoas no espaço. As andanças pelos cinco quarteirões proporcionaram um encontro com o diverso. A cidade carrega as marcas das mudanças ocorridas na Avenida Paraná, transformada em Calçadão, o qual foi alterado por várias reformas ao longo dos anos.

Nessas reformas, equipamentos foram criados, demolidos ou trocados. As luminárias agora são mais altas, pretas e com uma lâmpada, diferentemente das primeiras, que eram mais baixas, prateadas e com quatro esferas que comportavam as lâmpadas. O piso preto e branco de *petit pavé*, em formato de elos de uma corrente e que simbolizavam movimento, agora são coloridos, opacos e simétricos, mas ainda formam os elos de uma corrente.

Assim sendo, esses cinco quarteirões que formam a rua de pedestres londrinense, em conjunto com as praças que se unem a ela, compõem uma grande paleta cultural (referindo-me à arte), em que as experiências que se misturam se traduzem em uma grande tela de diversidades, na qual os artistas e os modelos somos todos nós, frequentadores desse local, cada qual com sua singularidade. Por mais que arranquem pedras, substituam plantas, alterem os equipamentos, sempre haverá pessoas com histórias a contar sobre o lugar. Basta parar, observar e ouvir as narrativas que estão pulsando dentre de cada um, prontas para sair.

CAPÍTULO 4 OUTRAS VOZES E OUTROS OLHARES PARA O CALÇADÃO DE LONDRINA

O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar.

José Saramago²⁸

No período em que esta pesquisa foi desenvolvida, diversos fatores, como o fluxo veloz de informações, a quantidade de propagandas nos veículos de comunicação, a rápida transformação da moda – de roupas, eletroeletrônicos, automóveis etc. – têm trazido algumas consequências para os sujeitos, entre elas podemos citar a deturpação nas experiências e vivências.

Esse processo em que estamos envolvidos faz com que as relações estabelecidas socialmente sejam cada vez mais rápidas e superficiais. Na teoria de Walter Benjamin (1987), um dos traços essenciais desse efeito é não possibilitar mais nas pessoas a experiência das sensações e das relações subjetivas. Com isso, a experiência transmitida por meio da narrativa e com o lugar vem se perdendo desde a modernidade. A julgar pela parada em um local, se observarmos um espaço dos grandes centros urbanos, é possível ver que os transeuntes apenas “passam” por ali com objetivo de chegar a outro local, isso se tornou um ato “consuetudinário” (HELLER, 2016). Nossas ações se tornaram automáticas, não realizamos mais uma travessia, e o local começou a ser somente de passagem.

Algumas análises poéticas quanto ao conceito de travessia, a exemplo de Guimarães Rosa, entendem que atravessar um espaço, observando detalhadamente a paisagem e os detalhes que o compõem, é o mesmo que ser um estrangeiro em terra desconhecida, que precisa de um olhar atento para fazer o reconhecimento do local, das pessoas, dos seus hábitos, da cultura.

Trata-se de uma visão sublime de olhar para o lugar e para as pessoas, mas que também se aplica aos sujeitos citadinos ao atravessarem um lugar da cidade que habitam. Perguntas como: que árvore era aquela? Tem uma casa nova? Quem são aquelas pessoas? Estão ali todos os dias? O que fazem? São perguntas que, na correria do dia a dia, são cada vez menos elaboradas ou pensadas pela maioria das pessoas que vive nos grandes centros urbanos. Não é

²⁸ Disponível em: <<http://caderno.josesaramago.org/137907.html>> Acesso em: 17 ago. 2017.

para menos. Estamos todos vivendo em locais cada vez mais fechados, com lojas cada vez mais atrativas e tendo o consumo como característica definidora dessa época.

Diante desse contexto, apresentamos, neste capítulo, a experiência singular que três sujeitos desenvolvem com o cotidiano do Calçadão de Londrina. A fundamentação teórica em que nos ancoramos se volta a partir dos pressupostos de Walter Benjamin, em especial nos textos *Experiência e Pobreza* (1933) e *O Narrador* (1936)²⁹, os quais oferecem uma perspectiva sobre os conceitos de experiência e narrativa, em que, no presente do autor, chamava a atenção para o efeito que a metrópole moderna, na época, causava nos comportamentos e nos modos de viver de seus habitantes. O autor argumenta:

Nossa pobreza de experiência é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Essa barbárie a que se refere o autor é decorrente da perda do que é tradicional em nome do que é novidade, daí a agressão consumista, os disparos de transformações e os bombardeios de informações.

Para Benjamin (1987), era por meio da narrativa enquanto experiência transmitida pela oralidade que os sujeitos traziam para perto dos outros (ouvintes) aquilo que vivenciaram em determinado tempo. No atual contexto, as experiências pela vivência que, antes, advinham de outras gerações, já não estão sendo mais preservadas como base para o conhecimento da vivência do presente e como perspectiva do futuro, isso se deve às transformações sociais que, no atual contexto, têm proporcionado a perda da relação entre oralidade, experiência e tradição, culminando na perda da sensibilidade, da escuta e da narrativa.

²⁹ Tais textos se encontram na publicação: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

No sentido contrário a essa conjuntura, intentamos preservar experiências transmitidas pelos sujeitos aqui apresentados. A seleção foi com base no observado do local, legitimando o que foi coletado e atribuindo importância e valor às narrativas de quem passa o dia todo no espaço em questão. Cabe ressaltar que poderíamos selecionar alguns sujeitos errantes para compor o grupo de colaboradores de entrevistas, todavia, esses mesmos sujeitos possuem autonomia em relação à permanência em um local: hoje estão, amanhã não mais, depois talvez.

Assim, atribuímos delimitação por tempo de permanência no local e, dentre as múltiplas possibilidades de escolha, elegemos como critério a relação estabelecida com o espaço por meio do trabalho (formal ou não). A escolha, então, prevaleceu por três mulheres que estão no Calçadão de Londrina há mais de 20 anos, exercendo atividades voltadas à sobrevivência, em um espaço onde o comércio, a história, a fé e a cultura se misturam cotidianamente.

No diálogo com a metodologia de pesquisa-ação, para realizar a entrevista, estabelecemos uma relação de proximidade com as colaboradas, foi preciso permanecer no local, observar as entrevistadas e as funções que desempenham, ver de perto a realização da atividade. Foi preciso vivenciar uma parte do cotidiano e interagir com ele. Em seguida, deu-se a aproximação com as entrevistadas para aproximar laços, tornar-se uma pessoa confiável para receber as narrativas.

Ainda que o ato da entrevista em si tenha sido realizado em um dia para cada uma das entrevistadas, foi preciso muito mais tempo para preparar esse momento, pois “[...] o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar” (PESAVENTO, 2004, p. 59). Foram momentos agradáveis, que proporcionaram aprendizado, no entanto, ao contrário dos momentos que antecederam as entrevistas, ao iniciar a gravação, as entrevistadas se sentiram um tanto apreensivas.

Intentamos descobrir o que essas pessoas teriam a nos contar sobre o Calçadão de Londrina para, depois, analisar como essas narrativas poderiam nos auxiliar no ensino sobre a cidade na escola. Quais são suas experiências nesse espaço? Como se relacionam com outras pessoas dali? A transformação arquitetônica, efetuada por meio das reformas, provocou também alterações na

forma das pessoas se relacionarem? Essas e outras perguntas deram forma ao questionário, o qual serviu de base para a entrevista realizada.

4.1 SUJEITOS DA ENTREVISTA

Optamos por apresentar, primeiramente, as três mulheres, de forma isolada e sucinta, para que se possa ter conhecimento acerca de quem são, o que fazem, de onde vieram, o tipo de atividade que exercem e em que local do Calçadão de Londrina elas permanecem. Em seguida, no decorrer do texto, dissertamos sobre a concepção benjaminiana em conjunto com as teorias estudadas, estabelecendo um diálogo com as falas das colaboradoras. Embora o ponto de destaque da nossa pesquisa seja a diferença, destacamos alguns fatores comuns entre elas, dentre eles a relação financeira.

Moradora de Londrina há mais de 20 anos, Maria Aparecida³⁰ é uma senhora de pele negra, estatura mediana, calma, de fala mansa, com um lenço na cabeça, que deixa alguns fios de seu cabelo branco à mostra. A conversa durou cerca de uma hora. Trinta minutos de conversa informal e mais trinta minutos com gravação, autorizada por ela. Maria saiu de Minas Gerais, divisa com Bahia, para vender almofadas e, dentre várias paradas, escolheu Londrina para ficar. A fala dela expõe uma história cujo eixo da narrativa é a luta por direitos, no qual o cerne da experiência está no corpo.

No quarteirão Popular e Erudito, à margem do comércio formal, essa senhora fabrica e vende acessórios para homens e mulheres, como mochilas em tecido, pulseiras e braceletes em couro, colares de diversos materiais, além de apanhador/filtro³¹ de sonhos, confeccionado com penas, linhas, madeiras, entre outros materiais que são comprados em São Paulo. É sabido por ela que alguns desses materiais têm origem no nordeste brasileiro, pois são sementes, pedras e madeira típicas da região nordestina. Alguns produtos que servem como ornamentos do corpo e que não são artesanais também são comercializados na sua barraca, sobre isso ela afirma que precisa diversificar para atrair os clientes.

³⁰ Nome real, autorizado pela entrevistada.

³¹ Mandala/ amuleto/ objeto indígena que simboliza a proteção. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/filtro-sonhos/>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

Seu horário de trabalho no Calçadão de Londrina segue o horário do comércio local, faça chuva ou faça sol ela monta sua barraca, a qual possui cobertura para proteger da imprevisibilidade da natureza. Quando encerra o expediente, ela desmonta tudo e deixa em uma pequena sala alugada no mesmo quarteirão.

Maria Aparecida conta que já foi hippie³² quando morava em Minas Gerais e desistiu por conta das eventualidades, prefere se fixar e seguir uma rotina. Esse fato veio à tona quando questionei sobre um grupo de artesãos que ficam mais afastados, homens de cabelos médios e longos, mulheres com roupas mais leves e largas, sentados ao chão com seus produtos expostos em grandes tapetes. Segundo ela, os hippies presentes nesse espaço só podem exercer suas atividades nesse quarteirão do Calçadão, permissão concedida pela CMTU.

Mais acima, na Praça Willie Davids, fica uma feira de artesanato autorizada pela prefeitura, com barracas próprias e padronizadas. Ao ser questionada sobre a concorrência, Maria Aparecida coloca que isso é bom, pois assim todos têm chance de mostrar seu trabalho.

Outra colaboradora da pesquisa e bem conhecida no centro da cidade tem sua permanência no quarteirão Política, trata-se da Lucimara³³. De pele branca e estatura de uma criança com cerca de 6 anos, condição que a impede de andar, Lucimara tem seu ponto garantido nesse espaço há 20 anos, em frente a uma agência bancária. Sua rotina conta com mais de seis horas por dia, em seis dias da semana, sentada dentro de um carrinho de bebê, pedindo ajuda financeira para seguir a vida. Muito falante e de voz aguda, nossa conversa se estendeu por mais de duas horas, dessas, trinta e dois minutos gravados (e autorizados) por ela. O movimento no dia da entrevista estava agitado no Calçadão, muitos queriam saber quem era a pessoa que conversava com ela e a todo momento parava um para conversar. A narrativa da Lucimara expõe uma experiência marcada por lembranças tristes e engraçadas, destacadas pela essência da diversidade de pessoas que ela vê.

³² Movimento social da contracultura ocorrido ao longo da década de 1960. Os participantes são protagonistas/atores sociais de uma expressão cultural, que apresenta singularidades, práticas, estilos de vida, fazeres e saberes que conferem as características dessa expressão. Para saber mais: GIORDANI, Tiago M. A. **Nomadismo e Sociedade de Controle**: estudo sobre os “malucos” em uma tese partida ao meio. 2016. (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

³³ Nome real, autorizado pela entrevistada.

Seu ciclo de amizade é muito grande nesse espaço e alguns se preocupam com quem se aproxima dela, outros ficam a sua volta, muitos passam e a cumprimentam, crianças só a observam. Todo esse assédio não a deixa se sentir sozinha, porém é cansativo ficar sentada por quase sete horas seguidas, sente dor, incômodo, frustra-se, mas a necessidade vai além, por conta disso fica mal humorada e sem paciência. Muito atenta à fisionomia das pessoas que por ali passam, ela vê o lugar como um espaço neutro, não é de ninguém, mas é de todos. Faz uso de termos próprios para se referir a algo ou a alguém, como quando se refere a uma senhora, diz que ela é “do condomínio fechado”, ou seja, pessoa que não se mistura, faz afirmações também sobre pessoas “pinheiro”, as quais ficam ali paradas.

Lucimara não considera sua atividade um trabalho, apesar de concordar que o tempo que passa ali e o objetivo de estar no local podem, de certa forma, enquadrar-se como um trabalho não formal. Se pudesse, até trabalharia, pois vive com a mãe, uma senhora que abdicou de uma vida para cuidar da filha deficiente. Sua maior vontade é aprender a escrever “mais corretamente”, segundo ela. Não frequentou a escola devido a sua especificidade e o que sabe foi apreendido por meio da convivência com as pessoas. Ela coloca: “*Nessa condição que estou as pessoas é que deveriam ter paciência comigo, né?*” (Lucimara, 2017).

Ela é uma conhecedora da história de Londrina e do Calçadão pelo que contam a ela e por meio do que já leu. Sabe também que, ali, ainda é Avenida Paraná, e que o movimento altera conforme o horário e o dia. Houve lembranças de ornamentos e de objetos, além de móveis que existiram ali, alguns, como um relógio, tinham sua importância para que ela pudesse se localizar no tempo e na temperatura. Atualmente, para ela, o uso do celular tornou obsoleta a necessidade do relógio, mas faz falta como decoração. Lucimara compartilha, além de tudo, que o que importa mesmo são as amigas.

Fechando o grupo de pessoas entrevistadas, no quarteirão 1 (Passagem), a conversa foi com Isabel. Comerciante, descendência japonesa, herdou a pastelaria “Utopia” do pai. Formada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina, ela se mostrou muito simpática e atenciosa com todos, deixou de lado a Arte para continuar com o negócio da família. A conversa teve duração de mais ou menos cinquenta minutos, desses, 27 foram gravados com sua autorização. O comércio existe no mesmo local há mais de três décadas, a

colaboradora relata que, quando criança, acompanhava seu pai na pastelaria, por isso conhece muito bem o espaço chamado, hoje, de Calçadão de Londrina. A narrativa traz a experiência da tradição de família possibilitada pela vivência do trabalho em um estabelecimento organizado formalmente e com sede fixa.

Isabel apontou fatos históricos do lugar, como a construção do Calçadão por cima da Avenida Paraná e os benefícios que essa transformação acarretou para a população. Porém, um fator que ela considera precisar de melhorar é a manutenção. Por trabalhar em frente à fonte de água, ela observa vários descasos, tanto da população quanto da administração da cidade.

Outrora, quando o piso da Avenida Paraná era somente de asfalto, havia ali uma pequena praça, denominada Jorge Danielides, em homenagem ao proprietário de um posto de combustível que existia ali e, hoje, conforme observa a comerciante, existe uma placa que ninguém vê. Ela cuida de algumas floreiras que ficam em frente à pastelaria, planta flores, arranca as ervas daninhas, molha, mas diz não ser o suficiente e, se cada um fizesse sua parte, o Calçadão ficaria mais bonito.

Além disso, ela gosta de sair da pastelaria vez ou outra para sentar no banco e conversar com as pessoas que por ali estão. O fato de ouvir os mais velhos e observar os mais novos a faz pensar mais na vida, no mundo, saber o gosto das pessoas, o que está em alta, e também se solidarizar com aqueles que parecem ser sozinhos. Segundo ela, apesar de ser proprietária de um comércio e viver nesse sistema social, a sensibilidade precisa se fazer presente, por isso gosta de observar as pessoas que estão no Calçadão enquanto cuida das floreiras.

As teorias que estudam o sujeito e suas experiências no cotidiano, tendo a cidade e seus lugares como pano de fundo, mostram que a experiência é “a fonte a quem recorre todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Ou seja, ao narrar, a pessoa transmite ensinamentos adquiridos da própria experiência, do encontro do corpo com o cotidiano do espaço transformado em lugar por meio da experiência advinda da “vivência” (BENJAMIN, 1987), e isso se mantém na memória das pessoas, podendo chegar ao ouvinte interessado, que, por sua vez, poderá materializar essa memória com intuito de contar para as próximas gerações.

Para Benjamin (1987), o problema em relação à pobreza de narrar está na transmissão da experiência do vivido. A saber, o termo em alemão utilizado por ele (*Erlebnis*) se refere a uma experiência sensível, momentânea, efêmera,

vivida individualmente, que requer também uma escuta sensível e uma arte ao narrar, seria essa a preocupação de Benjamin quando ele expõe o perigo da morte do narrador. A forma como a experiência afeta a pessoa é considerada vivência, e muitos sentem dificuldade de colocá-la em palavras. Bondía (2002), com um estudo mais recente, também mostra que a experiência *Erlebnis* é cada vez mais rara. Em um dos seus estudos, aponta que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDÍA, 2002, p. 21).

Trata-se do saber pela vivência, da experiência singular, única e pessoal que nos acontece. Essas mulheres estão comumente no Calçadão de Londrina pelo fator financeiro, mas, ainda que tenham a mesma finalidade, não possuem a mesma experiência, visto que:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (BONDÍA, 2002, p. 27).

Elas estão inseridas em um espaço que possui uma história que se entrelaça com a história da cidade. Mas nem sempre foi assim, o espaço passou por mudanças, assim como a sociedade passou por transformações consideráveis e novas necessidades foram surgindo, exigindo adaptações daquilo que já existia.

Na modernidade de Benjamin, as reformas urbanísticas desumanizavam os espaços. As máquinas e as vitrines cada vez mais conquistavam o gosto da população em detrimento dos próprios homens que as haviam criado (BENJAMIN, 1987). Diante dessa realidade, Benjamin (1987) viu o homem se transformando em autômato, para ele, o homem lidava melhor com a máquina que com o outro, e ele viu nas ruas das grandes metrópoles, como Paris, os mesmos gestos mecanizados entre a multidão.

Motivados pelo encantamento dessa transformação do espaço urbano, as pessoas, em massa, mudaram-se para cidades em busca de melhor estilo de vida que o vivido nos campos ou em vilarejos devastados pelas guerras.

Havia “a ideia de um lugar cheio de esperança, de sonhos de uma vida melhor” (ALMEIDA, 2011, p. 50). Alguns se apegaram a esse ideário, a exemplo de Baudelaire (BENJAMIN, 1987).

Enquanto muitos iam perdendo a vivência pela automação, o cotidiano desse poeta era marcado por novas experiências no cenário parisiense: a experiência pela cidade. Ao transitar tanto pelos becos mais profundos e obscuros de Paris, bem como flunar pelas galerias mais elegantes, Baudelaire (BENJAMIN, 1994) sentia a cidade, seus passos eram livres, soltos, como um pincel na mão de um pintor. Ele tinha em sua memória um desenho da cidade marcada pelo encanamento do tempo vivido e sentido.

[...] os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são escrivatinhas onde apóia o bloco de apontamentos; banca de jornais são suas bibliotecas, e os terraços de café as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda sua diversidade, em toda sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo [...]. (BENJAMIN, 1994, p. 35).

As cidades propiciam relações de amabilidade, afeto, amizade, descoberta, cordialidade, contato com as convivências, troca de experiências sem diferença de classe ou cultura, sem imposição de ideologia. Esses são fatores que “humanizam” as pessoas. Mas, na atual sociedade da informação, do consumismo, do “ligeirismo”, é preciso ser um observador e investigar intencionalmente a multidão dos grandes centros e estar preparado para julgamentos e olhares advindos daqueles que não estão acostumados a tal exercício.

Para Benjamin (1987), a narrativa floresce em meio aos artesãos, visto que foram eles que deram vida à arte de narrar trazida pelas histórias dos camponeses sedentários e pelos marinheiros comerciantes. Esses dois tipos, segundo Benjamin (1987), são os narradores típicos: o primeiro com o saber adquirido durante a vida, que remonta à distância temporal, e o segundo com o saber adquirido durante suas viagens, que se relaciona à distância espacial.

A artesã Maria, quando das suas experiências, ela e seus colegas se viram obrigados a deixarem o local onde já estavam habituados a venderem seus

artesanatos, mostrando o descaso com os que tentam, de alguma forma, sobreviver em meio ao comércio formal.

Maria: Porque, na época, eles desmanchou as barracas e disse que não era pra ficar lá.

Silvana: Eles pediram pra vocês virem pra cá ou só pediram pra vocês saírem?

Maria: Não, eles desmanchou as barracas que tinham feito pra nós e aí falou que era pra gente sai. [...] foi um brigueiro danado aqui, e aí que acabou a gente conseguindo ficar num lugar, a gente brigou e a gente conseguiu ficar aqui nesse lugar que a gente tá até hoje. E gente briga até hoje pra ficar aqui, pra tá aqui.

Vê-se a experiência a partir da moral imposta por quem detém o poder de governar e que deveria exercer essa função para toda a população de forma igualitária, sem a necessidade de alguns grupos lutarem para terem lugar em um espaço que pode fornecer o sustento deles.

Maria: [...] é, só aqui, só trabalho aqui, o lucro, o meu ganho é só daqui, eu ainda não sou aposentada e o que eu ganho aqui é pro meu dia a dia mesmo, pra minha vida mesmo, eu não tenho renda de lado nenhum, é daqui e daqui mesmo. Se eu ganhar, eu vivo, se eu não ganhar... Por isso que eu venho todo dia, tá chovendo, tá frio... Se você passar aqui, eu tô aqui [...].

Na tentativa de buscar lembranças da prática cotidiana dela no Calçadão, que remetesse à experiência como vivência, foi estabelecido um diálogo sobre a primeira vez em que ela esteve nesse espaço.

Silvana: A senhora se lembra da primeira vez que chegou aqui no Calçadão pra trabalhar? Como que foi?

Maria: Então, a primeira vez que eu vim pra cá, eu não vim trabalhar com isso aqui, não, eu vim vendê umas almofadas, eu tinha umas almofadas muito bonita feitas à mão com um cordão grosso, então eu tinha umas almofadas, eu tinha várias, eu vim expor, a primeira vez que eu vim eu já fiquei ali em cima e fiquei ali perto das Pernambucanas pra vender as almofadas, mas elas eram caras e difícil de vender, aí eu comecei a fazer essas pulseirinhas aqui, elas saíam rápido, porque era muito baratinho, né? Aí eu vi que era mais fácil trabalhar com isso, aí eu comecei a trabalhar só com isso aqui, a fazer essas peças, fazer colar, e ficou e deixei as almofadas de lado, eu aprendi artesanato com o rapaz, com o Onofre.

[Chegada de Cliente – pausa]

Maria: ...Ah, esse meu amigo, o Onofre, ele não tá mais aqui, ele já partiu pra cima...

Silvana: E, momentos marcantes a senhora tem algum aqui?

[Chegada de outro cliente]

Maria: Momentos marcantes? Ah, a gente teve vários aqui, de decepção, de tristeza, a gente já teve muitos aqui, momento bom mesmo é só os dias de trabalho, mas a gente já passou muito mal aqui nessa feira, por conta da prefeitura, às vezes briga aqui também... Se for pra falar um momento que... São muito os momentos que marcô.

Silvana: Algum que marcou mais?

Maria: Sobre o trabalho ou sobre minha vida pessoal?

Silvana: A sua vida aqui nesse espaço, pode ser de trabalho, pessoal...

Maria: Um momento que marcou muito na minha vida foi um dia que a CMTU chegou pra pegá o meu pano, na época eu não tinha banca, eu tinha só o pano no chão e eles vieram pra pegar o pano e eu me joguei em cima do pano, ai, esse dia, isso me custou muito, isso me marcou demais, porque foi muito terrível pra mim, né? Porque juntou muita gente, muita polícia, aquele povo querendo levar o meu pano e eu não deixei, por isso que nós tamo aqui ainda até hoje, foi uma briga terrível, e televisão, muita televisão, eu fiquei passando na televisão a semana inteira por causa daquilo. Até hoje eu tenho o recorte do jornal, e isso marcou muito na minha vida... Mas muito, marcou bastante.

Silvana: Mas, marcou pela luta ou pelo trauma?

Maria: Pela luta, cê vê a gente ter que lutar tanto pelo trabalho, uma coisa que podia ser liberada, podia já a gente ter nossa barraca num canto, que nem tem em Curitiba, tem a feira, no Embú, em São Paulo também tem. Então aqui eles podiam ter mais carinho com a gente, né?

A experiência pelo corpo fica evidente nesse diálogo, o ato de usar o corpo para defender o que é seu deixa à mostra que, mesmo sendo um espaço público de circulação econômica, deixa marcas pessoais, experiências sensíveis e, mesmo com a luta, jogando-se em seus produtos, Maria não deixou de lado a sensibilidade, a docilidade na interação com as pessoas e a maneira de olhar para esse local, como coloca: “O Calçadão é uma, é uma área do povo, é um espaço do povo pra quem passar aqui... Um lugar bom e um lugar abençoado, o Calçadão de Londrina, um lugar de todos, né? É um lugar pra todos”.

A experiência pelo corpo se destaca também quando Lucimara expõe sobre a educação das pessoas:

Lucimara: É porque temos em nossa natureza muito... É... Muito, pra mim, é bomba-relógio, que tem muito é muito conservador, é pessoa bomba-relógio, ou seja, explode a qualquer momento, no menor sentimento de animosidade explode. Passa na tua cara o que pensa lá no inconsciente. Não admite falar, mas acaba, é só irritar a pessoa que ela taca na sua cara. Entendeu? É assim.

Nessa fala, ela se refere às pessoas que não estão acostumadas a lidar com o diferente, ou que olham para ela no carrinho como alguém que está atrapalhando a passagem, ter que desviar de uma pessoa com deficiência se torna um problema na vida de alguns transeuntes do Calçadão de Londrina.

Assim como Maria, Lucimara também olha o Calçadão como um lugar neutro, está atenta às pessoas que passam, o que vestem, falam, e a maneira como olham também é destacada nos seus relatos, os quais comprovam que, de fato, a diversidade de atividades e de pessoas no Calçadão é atrativa aos olhos. “Quem é capaz de se entediar em meio à multidão humana é um imbecil e desprezível.” (BENJAMIN, 1994, p. 35).

Lucimara: A relação com o espaço... Aqui é neutro, né? O que é neutro, é neutro [...] um espaço que não é particular é neutro, é um misto de pessoas de diversas naturezas, comportamentos, fases e reações. Mas tem a turma da manhã também, né? Tem a outra parte da turma da manhã, que são, é....Aqui tem vários grupo, assim, que se mistura e não se mistura, tem o grupo dos aposentados, que não se mistura com os demais, é tipo do condomínio fechado.

Tem isso também aqui, gente. Tem muito de grupo de pessoas aqui que são separados, aqui tem os separatistas, tem, não parece, mas tem. Aqui tem os grupos fechados, os grupo que aceita falar com todo mundo, tem os aposentados, aqui, que fala com todo mundo, ali dos apartamento, tem muito... Tem os da manhã que fica aqui que é do condomínio fechado, até hoje eles nunca conversaram nem comigo. Essa daí é um barato, ela mora ali em cima no condomínio, é uma dos pioneiro.

Ela mora aqui no Calçadão, é pioneira aqui, muitos aqui são pioneiros, você já ouviu falar do primeiro juiz de Londrina, juiz Cunha? Morreu no ano dois mil, eu também conheci ele.

Uns são corretores de imobiliária, outros são aposentados. Paraíba é corretor e aposentado, corretor de imobiliária aqui tá cheio! De aposentados que é corretor de imobiliária.

Eu acho legal, ele é divertido, caótico, é paranoico também [risos]. Você vê as pessoas, vê a moda, não demora muito as pessoas começam a se vestir igual a novela, enfim, né? Nos programas, às vezes, ela fica bem adequada aquela moda e, às vezes, fica ridículo... Vê de tudo.

Podemos apontar que Lucimara, mesmo em suas condições limitadas, narra suas vivências de forma a imprimir sua marca sobre o Calçadão, assim como o artesão imprime sua marca naquilo que cria. Em suas palavras, compreendemos nas entrelinhas que é preciso reconhecer as pessoas, observá-las e estudá-las. Isso se assemelha ao trabalho dos fisiognomonistas, mas, Benjamin (1994, p. 37) esclarece que “qualquer um, mesmo aquele não influenciado pelo conhecimento do

assunto, seria capaz de adivinhar profissão, caráter, origem, e modo de vida dos transeuntes”.

Questionada sobre o que aprendeu convivendo todo esse tempo nesse espaço, Lucimara destaca sintomas de uma sociedade que discrimina, que desconhece, que é preconceituosa no sentido de definir conceitos que já estão marcados nas pessoas, não conceitos correlacionados ao conhecimento sobre o que de fato estão vendo: *“Aprendi mais a conhecer as pessoas, mas, quando que chegam perto de mim? Eu tenho noção quando as pessoas chegam perto de mim, eu tenho interpretação e raciocínio rapidamente”*.

Trata-se de um *flâneur* que observa atentamente as pessoas que ocupam um espaço da cidade, uma mulher que, em meio a pessoas, assim como *flâneur* de Poe, em Benjamin (1994, p. 45), “não se sente segura em sua própria sociedade”.

A narrativa da comerciante Isabel, por sua vez, está voltada à preocupação com a estética do espaço. Para ela, é preciso valorizar esse espaço feito para as pessoas, mas essas pessoas também precisam olhar para esse espaço como sendo delas, por isso a necessidade de um cuidado mútuo, entre população, comerciantes e administração pública.

Isabel: Então essa parte da fonte que foi legal... A única preocupação minha é que eu vejo que mães deixam as crianças mexerem na água, vi alunos da UEL, que fizeram trote, lavando o rosto naquilo, então de vez em quando eu vou lá e joga meio litro de “Quiboa” pra vê se dá uma esterilizada na água... É, eu aviso as mães, quando dá, eu aviso, eu digo ‘olha, não deixe seu filho mexer nessa água, porque ela é contaminada’.

Suas memórias são saudosas, vivências da construção da grande calçada que ocupou o asfalto da Avenida Paraná:

Isabel: Pra mim, como comerciante, melhorou muito o Calçadão, o que às vezes eu sinto falta é que, antigamente, na primeira fase da construção, tinha eventos da Orquestra, tinha apresentação de teatro, tinha bastantes atividades culturais que a gente gostava muito, inclusive os clientes. É que eu adorava os eventos, é lindo tudo que é cultural, é bom, e os enfeites de natal, eles enfeitavam todos esses postes e árvores e criava um ambiente muito gostoso, a gente entrava no clima e o comércio também, e agora tá desanimado por falta de verba.

Ademais, Isabel contribuiu para compreendermos o contexto histórico do local e reafirmarmos a funcionalidade do piso em *paver*, que substituiu as pedras portuguesas: “*muito resistente, essa parte tem capacidade de absorção que é importante, ecológico*”. Não tínhamos um conhecimento abrangente sobre a história desse quarteirão, principalmente acerca da Praça Jorge Danielides. A experiência posta em narrativa pela comerciante foi um elo com o passado. No diálogo abaixo podemos perceber a história:

Isabel: O Calçadão melhorou no sentido que as pessoas podem andar mais tranquilamente, porque antigamente era um perigo, a calçada era pequena e tinha fluxo de carros, que saía lá da Riachuelo e vinha pra cá.

Silvana: Ah, você fala quando ainda era asfalto.

Isabel: Isso. Nesse ponto era perigoso, mas o Calçadão, as pessoas caminham tranquilas, eu vejo que as pessoas sentam na praça, melhorou muito, porque o Calçadão era só pra lá da Riachuelo, que tinha um pedaço pequeno, né? E os idosos, vejo muitos idosos, sentando, conversando, né? A maioria dos idosos são moradores, principalmente do Edifício Santo Antônio e do Panorama, que são prédios mais acessíveis a idosos, né?

Desde que aquela pracinha era um triângulo pequenino, ali onde tá aquele senhor, ali é a praça do... Que é avô de um amigo meu, aqui nessa esquina onde tem o Baluarte era um posto de gasolina antigamente.

Apesar de, à primeira vista, vermos um espaço grande, que parece distanciar as pessoas, Isabel nos mostra o contrário. Para ela, as reformas aproximaram as pessoas.

Silvana: Você acha que essas alterações, essas reformas, afetou também na relação das pessoas, transformou a relação das pessoas?

Isabel: Ah, sim, aproximou mais as pessoas, quando era rua aqui, as pessoas paravam e gritavam que queriam um pastel, mas o trânsito era rápido, agora elas têm mais tempo, estacionam o carro, andam, o carro fica longe, então eu acho que as pessoas se conhecem mais também, tem um contato maior também com as pessoas, antigamente, no trabalho, ninguém tinha muito contato, funcionário de uma loja com a outra, agora, com o Calçadão, uma traz almoço de uma loja, outra conversa com outra amiga, quando tem problema, todo mundo vai socorrer e fica uma coisa mais próxima eu acho, né? O relacionamento entre os comerciantes.

Silvana: E você lá dentro, como você percebe o relacionamento das pessoas que estão aqui fora, você percebe uma aproximação ou um distanciamento?

Isabel: Eu acho que mais aproximação... Das pessoas aqui, e outra que sempre se encontram, sentam na mesma cadeira, marcam

encontros no Calçadão, vira referência, é mais fácil para se localizar: 'olha, eu tô lá no Calçadão, em frente ao chafariz', sempre é o ponto de referência.

A experiência, para ela, tornou-se imprescindível na mediação entre perpetuar a tradição carregada pela pastelaria de seu pai e o cotidiano do Calçadão. Ela cuida do espaço que fica em frente a seu comércio e afirma que as crianças também deveriam ser educadas para tal. Isabel, uma pessoa que também gosta de ouvir, respondeu de forma singular quando questionada sobre o que preservaria desse espaço:

Eu acho que um banco da praça, porque eu descanso lá, respiro um pouco e as conversas que eu tenho com as pessoas são experiências que eu tenho, com idosos, que vê uma pessoa jovem sentada, gosta de conversar com a gente e contam tudo sobre a vida deles, é uma forma de atenção também. (Isabel)

Precisamos de muitas “Isabéis” para que não tenha continuidade a morte da arte de narrar e de ouvir.

Essas três mulheres apropriaram-se do espaço Calçadão de Londrina, transformando-o em lugar, conforme argumenta Yi-Fu Tuan, para quem lugar está relacionado à afetividade: “sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203). Lucimara, devido a uma característica que a impossibilita de andar, diariamente espera a oferta de ajuda, em forma de bens materiais ou financeiros. Para uma melhor sobrevivência, ela, ainda que manifeste querer estar em outro espaço, apropriou-se afetivamente do Calçadão, transformando-o em seu lugar.

Já Maria Aparecida, para se manter em um sistema de comércio já posto, lutou por um espaço de trabalho no Calçadão de Londrina e fez dele seu lugar. O mesmo com Isabel, pois o afeto de seu pai construído pelo local e pelo o que proporciona às pessoas, transformou-o em seu lugar de convivência, de paisagem e de lembrança quando ela herdou a Pastelaria Utopia.

Esse afeto, no sentido posto por Yi-Fu Tuan (2013), mistura-se com o fator financeiro presente nas atividades. Essas mulheres buscaram, em suas memórias, fatos do passado e, diante da conversa/entrevista, selecionaram aqueles que consideraram importantes para compor a narrativa. Os dados coletados possibilitaram identificar algumas temáticas em comum nas experiências dessas

três mulheres: sobrevivência, descaso, interesse político, experiências agradáveis, situações gratificantes, algumas tensões e fatos marcantes sobre a história do local, além do fator econômico. Mas, cada uma elabora sua narrativa ancorada em sua própria experiência. Evidenciam-se histórias nas quais o espaço, entendido como lugar de memória, vincula-se às singularidades dos sujeitos.

Sendo o elemento financeiro o maior elo temático entre essas mulheres, esse fator não as deixa como autômato, pois uma consegue, após muitas lutas, sentir-se à vontade e tranquila com seus produtos em um espaço de bastante movimento, barulho e corre-corre. Outra, impossibilitada de andar e dependendo sempre de alguém para se locomover, conseguiu estampar, a todo momento, na entrevista, risos e gargalhadas. Apesar da aparência cansada e por vezes entristecida, revela-se uma pessoa que olha para questões positivas, faz piadas, cria seus próprios jargões e possui laços de amizades para além daquele espaço.

Em outra ponta, a mulher que abandonou seu sonho para perpetuar o sonho do pai torna o espaço mais humano quando sai de dentro de seu comércio e se senta no banco, apenas para escutar aqueles que parecem não ter quem os ouça. Percebe-se, com isso, traços do *flâneur* de Benjamin (1994, p. 50), para quem era preciso “espaço livre” para não “perder sua privacidade”. Nesse viés, o Calçadão para essas mulheres é tão familiar como as casas delas.

Observar, conversar e participar de parte do cotidiano delas fez acreditar que a arte de narrar não pode se perder, é preciso se abrir para aqueles que querem falar, é preciso treinar uma escuta sensível, mesmo em tempos de interações virtuais. Se não mantivermos viva essa arte, corremos o risco de nossos descendentes serem possuidores de uma única história, manipulada e inventada. É preciso manter a tradição de passar as experiências *Erlebnis* e narrar com fidelidade.

Acreditamos que, por meio da educação, seja possível trabalhar a narrativa passada para outras gerações e, assim, considerar também os múltiplos sujeitos colaboradores da história de uma cidade. No que tange a Londrina, é preciso investigar se professores já consideram as experiências e vivências de sujeitos que não estão oficialmente na história da cidade. Sendo assim, no próximo capítulo, será apresentado o que acontece quando toda essa pesquisa se transforma em material de estudo para um curso com professores.

CAPÍTULO 5

CALÇADÃO DE LONDRINA PELO OLHAR DE PROFESSORES

O conhecimento e a compreensão que professores têm sobre o Ensino de História nos Anos Iniciais podem conduzir a uma reflexão sistematizada em torno do patrimônio, compreendido pelas experiências (*Erlebnis*) estabelecidas nos lugares da cidade. Esse entendimento proporciona respeito às diferenças culturais e grupais presentes nos grandes centros urbanos.

Entretanto, existem temáticas em forma de conteúdo a ser ensinado que não foram produzidas pela historiografia. Dessa maneira, resta ao professor buscar e produzir determinados conhecimentos. Essa afirmação registra-se nas enunciações dos professores quando analisamos suas falas sobre como trabalham o Ensino de História com os alunos, os materiais disponíveis e o que consideram ao trabalhar sobre a cidade.

Este capítulo refere-se à última etapa desta pesquisa, na qual buscamos responder nossa problemática acerca das alterações possíveis (ou não) no ensino da história da cidade, quando diferentes narrativas sobre um local são apresentadas para professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, nossa coleta de dados se deu por meio de um curso de formação de professores realizado no Laboratório dos Anos Iniciais (LAI), da UEL (Apêndices A e B).

A saber, não podemos classificar esta investigação no campo de formação de professores, ainda que esse diálogo se faça necessário, pois isso implicaria um aprofundamento teórico específico, o qual não é possível ser feito considerando os recortes eleitos para esta pesquisa.

O objetivo foi apresentar aos professores outras possibilidades de se trabalhar a temática “cidade” no Ensino de História com crianças, levando em consideração, também, os sujeitos coadjuvantes de uma história tradicionalmente contada na sociedade e trabalhada nas escolas. Para a composição da nossa análise, foram de fundamental importância os capítulos anteriores e as reflexões realizadas, utilizados para compor o material de estudo nos encontros com os professores.

Este quinto capítulo está escrito em duas etapas: primeiramente, apresentamos uma análise seguindo o corpo teórico da pesquisa, contextualizando de forma geral o curso, apontando questões que envolvem a apropriação das

diferentes fontes trabalhadas (a narrativa sobre o Calçadão de Londrina pela observação, a narrativa construída pelas entrevistas com quem está no local cotidianamente); os diálogos estabelecidos entre a interpretação pessoal e como é realizado o trabalho em sala de aula; o conhecimento do professor sobre o local antes e ao final do curso; entre outras que suscitam possibilidades de aprofundamento da pesquisa.

Em um segundo momento, será apresentado o que altera (ou não) na prática de ensino desses professores a respeito do Calçadão de Londrina e dos lugares de suas cidades de origem, a forma como construíram os projetos antes e após o curso, o que consideram ao ensinar História, as reflexões estabelecidas e qual o olhar sobre o Calçadão de Londrina que obtiveram.

Os textos, as imagens, as entrevistas e a observação de campo foram organizados de forma articulada, considerando o conhecimento e o aprofundamento dos estudos sobre o tema de forma progressiva, o que proporcionou um encadeamento das ideias dos participantes em torno do conteúdo. Nesse sentido, a metodologia do curso seguiu as especificidades de uma sequência didática: “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p. 18). Nas análises desse autor, a sequência didática – ou sequência de atividades – é tida como oportunidade de construção de conhecimento, tanto para alunos como para professores.

Tal oportunidade envolve estabelecer uma série de relações, o que conduzirá o aprendiz à elaboração de seu entendimento sobre determinado conteúdo. Zabala (1998, p. 92-104) destaca, dentre várias, algumas funções do professor:

Planejamento [...], prever ação do aluno [...], estabelecer metas ao alcance dos alunos [...], promover atividade mental auto estruturante [...]
Promover ambientes que promovam autoestima e autoconceito [...], promover canais de comunicação [...].

Para isso, é preciso elaborar sequências considerando o que será proposto de maneira significativa. Sob os aspectos de conteúdo, aprendizagem, atenção à diversidade, o professor tem um ganho na avaliação constante que poderá realizar quanto ao processo de aquisição do conhecimento dos alunos.

O curso contou com 5 professoras da rede pública que trabalham com os 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, um professor, que também trabalha nos Anos Iniciais, e uma professora do Ensino Médio. Conforme tabela abaixo, o curso foi realizado em três sábados, com total de 16 horas, distribuídas em estudos teóricos e práticos.

Norteadado pela metodologia da pesquisa-ação, o curso pautou-se em uma sequência didática, na qual colocamos os professores em contato com diferentes fontes, para que pudessem conhecer as várias experiências que podem ser vivenciadas nas cidades pelos seus “lugares de memória” (NORA, 1993) e como esses lugares podem ser trabalhados pelos diferentes movimentos do Calçadão de Londrina, potencializando o uso dos espaços públicos e comunitários também como espaço formativo.

Quadro 1 – Cronograma do curso

08/07/2017 8h às 12h	15/07/2017 8h às 12h	4 horas de estudo teórico	22/07/2017 8h às 12h
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Tempestade de ideias • Grupo Focal • Criação de projeto • Apresentação da pesquisa e de materiais já produzidos e de trabalhos realizados com a temática “Calçadão de Londrina no Ensino de História para os Anos Iniciais”. • Leitura e diálogo do texto “Calçadão de Londrina - O que sabemos sobre o lugar?” • Avisos 	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada do encontro anterior • Apresentação de dois pequenos vídeos: “Saga Cidade” e “Retalhos do chão, do corpo e do céu”, ambos organizados e realizados pelo Cineclube Ahoramágica e editados para esse curso • Apresentação dos livros de Tony Hara: “80x Londrina” e leitura do texto de abertura desse livro, escrito pela psicanalista Eliana Louvison; e o livro de Edson Holtz: 	<ul style="list-style-type: none"> • Outros olhares para o Calçadão de Londrina • O patrimônio no cotidiano do lugar e as relações pessoais • O patrimônio pelas experiências à luz de Walter Benjamin e Nestor Garcia Canclini 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de campo: encontro no Calçadão de Londrina com caminhada em todo o espaço • Discussão sobre esse caminhar na cafeteria de um Hotel próximo ao quarteirão Passagem. • Discussão acerca do texto encaminhado por e-mail • Grupo focal para finalização do curso com apontamentos da reflexão realizada até então • Criação de um projeto considerando o que foi estudado

	<p>“Noites Ilícitas”, com a leitura do texto de apresentação do livro, escrito pelo Prof. Dr. Antonio Paulo Benatti.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Breve discussão acerca da maneira de contar a história de Londrina nos livros • Discussão dos textos encaminhados por e-mail • Apresentação da pesquisa do Rafael Nascimento Silva sobre a cidade de Tamarana • Avisos 		<ul style="list-style-type: none"> • Agradecimentos
--	--	--	--

Fonte: a própria autora

Embora o critério de seleção fosse apenas para professores e professoras do terceiro ano do Ensino Fundamental, da rede pública e particular de Londrina, o grupo apresentado foi diversificado em termos de local de trabalho e moradia, enriquecendo nosso trabalho e superando expectativas. As composições dos participantes ficaram da seguinte maneira: quatro professoras trabalham na rede municipal, em Londrina, dessas, uma mora em Florestópolis (Vânia), uma em Cambé (Denise), outra (Edinéia) em Londrina e a professora do Ensino Médio (Elizabete), que também mora em Londrina; o professor (Rafael) leciona em Tamarana e em Londrina; outras duas participantes (Poliana e Isabela) moram em Londrina e trabalham na rede municipal da cidade vizinha, Cambé.

A idade e tempo de serviço foi também diversificada, professora Denise, pouco mais de 45 anos, é formada em História pela Universidade Estadual de Londrina, cursou o Magistério no Ensino Médio profissionalizante e está na ativa há mais de 20 anos, mora em Cambé, mas sempre trabalhou em Londrina, atualmente está com o terceiro ano. Edinéia, 40 anos de idade, é formada em pedagogia, está a quatro anos na rede municipal de Londrina e trabalha com terceiro ano. Poliana possui 25 anos, é formada em Pedagogia pela UEL, sua experiência vem de instituição privada e este ano ingressou na Rede municipal de

Cambé com a disciplina de Regente II História e Geografia. Vânia, 41 anos, possui experiência de 20 anos na Educação mas em Londrina ingressou neste ano com uma turma de terceiro ano. Isabella que completará 26 anos nesse ano, possui dois anos de experiência na rede pública de Cambé, mas já exerceu a profissão na rede particular de ensino, é formada em Pedagogia também pela UEL. Rafael, 28 anos, graduado em Pedagogia e mestre em Educação, e, Elizabete, 45 anos, Historiadora, mestre em Educação que faz parte do quadro de funcionários do magistério do Paraná. Esses dois participantes tiveram como objetivo no curso conhecer um pouco mais sobre o Calçadão de Londrina além de contribuir com relatos de algumas práticas realizadas nas escolas que contribuem para o Ensino de História³⁴.

Trabalhar com sequência didática pressupõe trabalhar com os conhecimentos prévios do aprendiz no intuito de buscar sentido e significado para o conhecimento que virá adquirir. Beatriz Aisenberg e Silvia Alderoqui (2007), pesquisadoras argentinas, apresentam como contribuição para uma didática no ensino de Ciências Sociais considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Elas apontam que: *“La psicología genética, bien sostiene que los conocimientos previos desempeñan un papel fundamental para la construcción del conocimientos de ninguna manera los considera suficientes.”* (AISENBERG; ALDEROQUI, 2007, p. 139). Trata-se da articulação entre esses conhecimentos e determinado conteúdo que será apresentado, para a autora o conhecimento novo procede de conhecimentos anteriores.

Foi preciso, então, investigar o que essas pessoas interessadas no curso sabiam sobre o Calçadão de Londrina e no primeiro encontro exploramos o que os participantes já conheciam acerca do Calçadão por meio de uma “tempestade de ideias” exposta em uma folha sulfite, individualmente, os que estavam presentes foram convidados a expor palavras que viessem à cabeça quando pensassem no Calçadão de Londrina. Essa dinâmica foi posteriormente digitalizada, separada por categorias em seguida foi posto no programa *Tanguil*³⁵ e

³⁴ Tomazini, Elizabete C. de Souza. **Aprender a ser professor**: contribuições da educação histórica na formação inicial de professores (PIBID História/ UEL 2011-2013). (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

Silva, Rafael Nascimento. **Entre o sim e o não**: história da emancipação política de Tamarana e seu ensino na escola. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

³⁵ É um criador de arte com palavras pelo WordArt.com. Disponível em: <<https://wordart.com/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

deflagradora para iniciar essa discussão foi: vocês conhecem o Calçadão de Londrina? Se sim, o que conhecem? Se não, por quê, como imaginam ser? Outras perguntas necessárias nesse momento foram: para trabalhar os conteúdos de História, quais os materiais disponíveis e quais são utilizados? Como trabalham com a História nessa etapa escolar? Vocês trabalham esse lugar da cidade na disciplina de História? De que maneira? Se não, por quê? Diante da diversidade de participantes, foram feitas, em relação à cidade em que moram e trabalham, algumas questões semelhantes: como é trabalhado o ensino da história em Cambé e em Florestópolis? Quais materiais estão disponíveis e quais utilizam para trabalhar a história da cidade?

Com o propósito de despertar o interesse dos presentes sobre esse espaço e as memórias que possuem do local, eles foram questionados sobre momentos marcantes nesse local. Ao se expressarem, algumas professoras deixaram a preocupação da gravação de lado e apresentaram as singularidades de cada uma ao percorrerem, em suas memórias, imagens frágeis, incompletas, fatos que as ligavam ao Calçadão de Londrina. Além disso, não passaram somente lembranças, elas buscaram por algo que realmente valesse a pena compartilhar, que fosse significativo, tal qual a professora Denise, que trouxe em sua fala memórias da infância:

Prof. Denise: Calçadão pra nós era passeio, a gente ia passear. Comer alguma coisa gostosa... Quando minha mãe falava que ia pra Londrina, a gente já sabia que ia no Calçadão, que a gente ia ver as Lojas Americanas. Quando éramos crianças, era uma festa [...], trazia felicidade.

A fala está relacionada a um lugar de memória em que, nas andanças de criança, as experiências (*Erlebnis*) foram deixando impressões em sua vida, além de sentimentos que, nesse curso, puderam ser recuperados e assimilados em sua singularidade.

Todos os participantes conheciam o Calçadão de Londrina, porém quase não o frequentam, por conta da falta de tempo ou por morar em outra cidade. Relataram que, quando vão ao espaço, geralmente é para comprar ou pagar contas. Na questão do trabalho com a História, em Londrina, os participantes, sem pormenorizar, apontaram para uma maneira clássica de ensinar, com a utilização do

livro didático disponível na escola³⁷ e por meio de alguns projetos que partem da Secretaria de Educação. Dentre os projetos, em Londrina, elas trabalham o Conhecer Londrina³⁸.

Até a data do curso, segundo as participantes, estavam entrando no segundo ano em que a visita a campo não acontecia por questões de verbas destinadas a esse fim. Diante disso, o trabalho com esse projeto não estava sendo realizado, todavia, utilizavam o material didático em algumas aulas, como as imagens, os vídeos e os mapas disponíveis pelo projeto.

O Museu Histórico de Londrina foi um ponto citado pelas participantes como mais uma forma de fixar o conhecimento nos alunos, pois o que trabalham na escola sobre a história de Londrina está nesse museu. Utilizam, também, meios midiáticos, como slides e pequenos filmes disponíveis na internet. Trabalham muito com construção de maquetes e exposição de trabalhos na escola. A questão indígena não apareceu no diálogo.

Em Cambé, as disciplinas de História e Geografia, nos Anos Iniciais, são ensinadas pelo Regente II e seguem a linha do progresso. A professora ou o professor que assume esse cargo fica responsável por trabalhar essas disciplinas com sete turmas da escola, uma vez por semana. As turmas vão desde a Educação Infantil até o 5º ano, e se pode trabalhar com 3º, 4º e 5º anos.

Entretanto, é no 3º ano que a temática “cidade” aparece. A Secretaria de Educação de Cambé, a propósito, elaborou o projeto “Viagem histórica: pelos caminhos de Cambé” e distribuiu, para cada escola, mapas e uma caixa com fontes históricas da cidade – com jornais antigos, imagens diversas, livros, panfletos e cartões postais –, bem como disponibilizou aos professores slides com imagens para trabalharem com os alunos. Após o trabalho com a teoria em sala de aula, os alunos realizam o percurso histórico pelos principais pontos da cidade. O conhecimento se materializa, além das clássicas provas, pela produção de trabalhos, os quais são expostos no Centro de eventos da cidade, aberto para a comunidade. Também não apareceu o índio nem sujeitos que não fazem parte da “elite” progressista.

³⁷ TUMA, Magda Madalena Peruzin. **Viver é descobrir**. História do Paraná. [S.l.: s.n., 199-].

CANDOTI, Eliane Aparecida; FRANÇA, Eliane Teixeira. **Londrina: olhares sobre o tempo e o espaço**. [S.l.: s.n., 199-].

³⁸ Nesse projeto, o professor trabalha, em sala de aula, com um material didático-pedagógico sobre a história de Londrina, criado e distribuído pela Secretaria de Educação da cidade. A parte prática e o ápice desse projeto é a aula de campo, quando os alunos visitam os locais que estudaram. O objetivo é possibilitar aos estudantes, por meio de visitas aos pontos históricos mais expressivos da cidade, o estabelecimento de relação entre os conhecimentos adquiridos em sala de aula e a vivência em campo. A prefeitura da cidade é responsável pelo fornecimento do transporte para o trajeto a conhecer Londrina.

O trabalho com projetos também é contemplado em Florestópolis, todavia, não há um professor específico para a disciplina. Segundo a professora, a história da cidade é ensinada considerando o que é contado pelos mais velhos. A narrativa também é a do progresso, do desbravamento e da lavoura. O planejamento das aulas segue o livro didático disponível na escola e a equipe gestora não autoriza saídas, dificultando o trabalho sobre os lugares de Florestópolis. Por conta desses motivos, a história da cidade é trabalhada de forma superficial.

A professora ainda relata ter *“muita expectativa nesse curso para aprender como trabalhar com a História, tanto de Londrina como para levar o que eu [ela] aprender para Florestópolis”* (Prof.^a Vânia). Então, ela busca compreender o lugar que vive ou que trabalha para dar sentido à identidade dos sujeitos, fator importante para o trabalho com o Ensino de História com crianças.

Em geral, os professores apontaram que, com a quantidade de conteúdo com que precisam trabalhar, concomitantemente aos projetos externos que, vez ou outra, surpreendem-nas, ou até mesmo pela falta de material em algumas cidades, não há espaço para que um trabalho mais dinâmico – que envolva os alunos, a comunidade, a saída da escola, uma aula mais leve – ocorra.

Apesar disso, as falas dessas pessoas remetem a um trabalhar com crianças em que a diversidade de fontes históricas é mostrada aos alunos, com a fotografia, um texto jornalístico ou mesmo um vídeo: *“Nós apresentamos imagens de Londrina antiga e as relacionamos com um vídeo ou outro que passamos aos alunos. Procuramos deixar o trabalho mais no visual, acho que marca mais para o aluno do que ficar lendo um monte de datas.”* (Prof.^a Denise).

Os professores também relacionam o conteúdo a ser trabalhado com fatos próximos à realidade da comunidade escolar. Devido a esse fato, o Calçadão de Londrina é pouco citado nas aulas, aparece apenas quando abordam o centro da cidade:

O que acostumamos fazer também é trabalhar o bairro que a criança mora, o entorno da escola, pedimos fotografias da família e, quando dá, saímos para conhecer o bairro. Nessa saída, mostramos aos alunos como é e falamos como era, visto que já passamos as imagens de Londrina antiga para eles. (Prof.^a Edinéia).

Ao trabalharem dessa maneira, os professores consideram o contexto atual dos alunos, o tempo presente, os sujeitos oficialmente inseridos na história da cidade e tudo mais que possa ser analisado.

O ensino da história, nesta perspectiva, tem muito a contribuir para cada um de nós. A ideia de um corpo docente em constante ação, vendo e revendo conceitos e conteúdo, lendo e relendo materiais de fontes variadas, questionando-se sobre as verdades tidas como absolutas em relação a essa área do conhecimento e desconfiando da visão romântica sobre os fatos históricos, são formas de ampliar as possibilidades de trabalho com os alunos. (LIMA et al., 2010, p. 217).

Acontece que essa maneira de trabalhar nem sempre é possível. A diversidade de documentos auxilia na apreensão dos olhares múltiplos para a cidade e sua história. Porém, para um trabalho em que o olhar seja diferenciado e ampliado, considerando outros sujeitos – os esquecidos, os invisíveis, os que vivem à margem de uma hierarquia socialmente construída, os quais refletem a maioria dos alunos de escola pública de periferia –, é preciso direcionar os encaminhamentos metodológicos de ensino, trazendo à tona tais sujeitos e suas diversidades, suas experiências e suas vivências para os trabalhos na escola, com foco no Ensino de História.

Para que isso ocorra, o professor ou a professora que trabalha a disciplina de História no Ensino Fundamental precisa de habilidade em buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra, para que, assim, possa ensinar os alunos com propriedade sobre o assunto, não apenas reproduzir uma orientação. No entanto, essa afirmação resvala em outro assunto que não nos cabe analisar nesta pesquisa, mas que aparece nas falas do grupo focal e que se torna importante destacar:

O fato de não sabermos onde procurar, o que procurar e como procurar quando chegamos para trabalhar em uma escola nos aproxima de professores que já estão nesse ambiente há anos, com isso aprendemos com eles o que devemos e como devemos trabalhar, em todos os sentidos, desde os conteúdos e a forma de trabalhar até a maneira de se relacionar com todos da escola. Pensando que é o certo, seguimos a orientação. (Prof.^a Poliana).

Diante da fala dessa professora, fica claro que o que ainda predomina como ensino é o repasse de conhecimento adquirido pelo educador quando se

insere no ambiente escolar. Trata-se de um processo natural que ocorre nas escolas quando novos professores chegam a um ambiente já formatado.

Para valorizar a construção de conhecimento para compreensão das próprias dificuldades dos professores, cada momento do curso foi pensado metodicamente com os objetivos, materiais e estratégias de trabalho. Realizamos a leitura do texto que compreende o segundo capítulo desta pesquisa, o qual intitulamos: Calçadão de Londrina: o que sabemos sobre esse lugar? (Apêndice D), um resumo do contexto histórico e geográfico do lugar, abordando brevemente a origem do termo “calçadão”.

A leitura enriqueceu o conhecimento dos participantes ao aproximá-los da relação que a história do lugar possui com a história da cidade. Na discussão, o apontamento dos participantes foi para perda da identidade do local, uma vez que identificaram, na leitura, que o espaço já não é pensado como foi em sua construção, como sendo para a população. Foi dada a justificativa que as mudanças ocorridas foram para beneficiar o comércio, com o argumento de disponibilizar mais espaço para a população.

Foi difícil, por exemplo, quando o camelódromo mudou. Eu tinha referências, que ia no camelô lá no Calçadão, de repente tenho que mudar o pensamento e ir para outro lugar, o que aconteceu? Abriu-se um espaço, achando que ia fazer bem para a população, na verdade não fez. (Prof.^a Denise).

Colocaram nada que pudesse favorecer quem estava ali, passando por ali. (Prof.^a Poliana).

Foi para favorecer a visão do comércio que tem ali. (Prof.^a Denise).

Com esses processos de problematização, os professores começam a ampliar o olhar sobre o Calçadão de Londrina como sujeitos questionadores. Conhecer a história do espaço por meio de um texto científico fez com que se apropriassem do lugar pelo sentimento de pertencimento. Já não se trata mais de uma informação, mas de conhecimento. A conversa delas também remete ao que García Canclini (2007, p. 70-71) chama de “espectadores da própria cidade”:

Lo que antes se llamaba planificación urbana y se concebía con el fin de atender a las necesidades sociales, incluso de los constructores, fue sustituida por el marketing urbano que destina la ciudad al turismo, a captar inversiones y competir con otras, más que por sus bienes o su cultura, por las imágenes y las marcas. Se nos convoca a ser espectadores de nuestra propia ciudad, y de las otras aun

antes de visitarlas o aunque nunca lo hagamos, accediendo virtualmente a sus simulacros en la web.

Para o autor, o contexto globalizado, que nos colocou diante das rápidas e diferentes transformações tecnológicas, transformou também o olhar das pessoas para o que é visualmente mais atrativo. O professor, um ser social, teve seu olhar também direcionado ao que é encantador, e as ações educativas no que tange ao patrimônio ficaram a cargo, quase que exclusivamente, dos espaços físicos concebidos como “lugares de memória” (NORA, 1993), sem diálogo com os sujeitos que fazem esses espaços ou que estão neles cotidianamente.

Esse pode ter sido um dos motivos para que os shoppings ganhassem mais popularidade que as ruas de um bairro, por exemplo. As lojas dos centros urbanos tiveram que adequar suas vitrines para chamar mais a atenção e não perder o público. O mesmo ocorreu com os espaços mantidos pelo poder público, devido à autonomia desse setor para manter ou alterar, no caso, o Calçadão de Londrina, independentemente do que ele continha ou representava. Havia a necessidade, então, de torná-lo mais atrativo para os “espectadores da cidade” (GARCÍA CANCLINI, 2007).

A afirmação acima foi igualmente percebida ao utilizarmos algumas imagens destacadas nesta pesquisa, juntamente com as seguintes reportagens do Jornal de Londrina e da Folha de Londrina (Anexos): “Comerciantes querem formar nova identidade” (JL, 24/05/2002, p. 4); “Calçadão: espaço da diversidade social” (FL, 17/08/2005, Cidades); “Obras no Calçadão revelam parte da história de Londrina” (JL, 07/08/2011, p. 07); “Caminho de pedras” (FL, 14/08/2011, Espaço aberto) e “Ambulantes pressionam para voltar ao Calçadão” (JL, 29/08/2014, p. 04). Esse último jornal traz estampada na capa uma imagem do Calçadão de Londrina com a seguinte chamada: “Livre e sob pressão”.

Admirada com a imagem das flores do pé de café estampadas no chão da Praça Gabriel Martins, a professora Vânia questionou onde estariam tais flores, pois não se lembrava delas no calçadão. Ao realizar a leitura da reportagem de 07/08/2011 (Jornal de Londrina) sobre a descoberta desses ornamentos no piso, relacionando com a leitura de 14/08/2011 (Folha de Londrina), que trata de uma indignação quanto a não preservação do piso em *petit-pavé*, outra professora percebe que o poder público, o qual deveria preservar as marcas da cultura, foi

omisso: “O Calçadão de Londrina é um lugar singular, que precisa ser repensado em termos de memória.” (Prof.^a Denise).

Trabalhar com as diversas fontes resultou na compreensão dos participantes quanto aos discursos e às representações construídas acerca da realidade do processo de transformação no espaço, bem como auxiliou na criação de possibilidades em que houvesse a análise da própria realidade social por meio do confronto de opiniões.

Por que estudar o Calçadão de Londrina? Porque ele é diferente, não existe nenhum outro lugar como ele. Ele conta a história da cidade diferente do Museu. O Museu é importante, mas é montado, o Calçadão, não. O Calçadão traz a história ao longo da existência dele pelas relações que ocorrem ali. (Prof.^a Denise).

As reflexões realizadas nesse primeiro dia levaram os participantes a perceberem o que acontece e o que contam sobre onde moram e trabalham. Refletiram sobre quem são os sujeitos que contribuíram para construção da cidade, quem são os sujeitos que estão lá e quais os valores defendidos por eles, contrapondo os defendidos pela cidade e que são levados para a escola:

Em Primeiro de Maio, cidade que morava, havia um calçadão que foi retirado para abrir passagens para carros, que desfilam de um lado para outro nos finais de semana. Lá não deu muito certo. (Prof.^a Poliana).

Em Florestópolis, não temos um calçadão nem uma história que não pareça com as de outras cidades. (Prof.^a Vânia).

A apropriação do material pelos professores foi em tal intensidade que não lembraram do projeto nem das outras dinâmicas realizadas no início do curso. No texto, foram exaltados os conceitos de patrimônio, lugar e espaço, a fim de serem trabalhados com as crianças no ensino da cidade. Foram processos de construção de uma visão crítica sobre os processos de relações de poder que são estabelecidas nas escolas e que, muitas vezes, advêm do meio social, o qual determina a construção de uma história sobre a cidade.

Para aprofundamento do tema, outros dois textos extraídos do trabalho de campo e das entrevistas (Apêndice D) foram encaminhados por e-mail e, no segundo encontro, discutimos sobre o Calçadão de Londrina em termos de lugar de

memória, espaço da cidade e espaço de muitos. Esses textos provocaram diversas situações, como angústias, recordações e reflexões.

Nesse contexto, a Lucimara foi a que mais chamou a atenção pelo fato de as professoras e o professor saberem que ela está lá, mas nunca se atentaram para saber por que está. Trata-se de um confronto entre nossas atitudes consuetudinárias e o que de fato queremos: transitamos pelo Calçadão de Londrina sem nos deixarmos marcar, quando, outrora, poderíamos passar e nos deixarmos sentir pelas pessoas que ali estão. Um dos presentes afirma, ainda, que esse espaço já é da Lucimara, pois ela se apropriou dele pela relação que estabeleceu nele.

A fragmentação da ciência afetou a sociedade, que se tornou também fragmentada e criou a agenda. Temos hora para tudo: “agora é hora de ir às compras, mais tarde de pagar as contas, hora de comer, de ir à academia”, com essa correria toda, não nos sobra hora de olhar as pessoas pelas quais passamos durante todas essas horas. Inclusive na escola é assim: hora de Matemática, hora do lanche, hora de História. Faz-se necessário, portanto, revisitar nossas concepções enquanto ser humano e professor.

A fala do professor da rede municipal de Tamarana, Prof. Ms. Rafael da Silva, sobre a sua pesquisa e o impacto que gerou na rede de educação da cidade, favoreceu para a construção de ideias pela professora Vânia em pesquisar sobre a sua cidade de origem, Florestópolis, visto que a cidade não possui uma história oficial publicada, apenas narrativas expostas pelos mais velhos. Essas narrativas, por sua vez, precisam de um olhar de pesquisador para que possam ser investigadas, analisadas e construídas sistematicamente para, posteriormente, serem levadas à escola como fonte de trabalho e de pesquisa com os alunos de Florestópolis. Assim, mais uma vez, estamos na contramão da morte do narrador.

As discussões prosseguiram com reflexões sobre as passagens pelo Calçadão de Londrina, e as recordações surgiram ao lermos sobre determinados pontos no texto que apresentam as taxionomias do espaço. Nesse momento, trouxeram passagens da infância, da adolescência até momentos recentes em relação à data do curso. Cada quarteirão serviu para fazer uma retrospectiva das passagens. Ação importante que estabeleceu um vínculo com a escola:

Como podemos levar o Calçadão de Londrina para as escolas? Ou como podemos trabalhar diferentes espaços de uma cidade, já que temos pessoas de outras cidades aqui, de maneira que os alunos possam estabelecer um vínculo como nós estabelecemos aqui, que possa fazer sentido pra eles? (Prof.^a Poliana).

Não se trata somente de estabelecer relação com o espaço, mas das formas como os participantes podem voltar seu olhar para o lugar que vivem considerando outros sujeitos, aqueles que não participaram de uma elite social ou não possuem sobrenome que fez parte da política ou de herói, mas que, de alguma forma, estavam lá. São sujeitos que fizeram e participaram de uma história e podemos, enquanto professores pesquisadores, produzir saberes culturais fazendo parte da cidade, por isso é importante compreendê-la por meio dos múltiplos olhares. Enquanto sujeito social, nós, professores, temos um papel estratégico na construção de alternativas para trabalharmos as transformações das comunidades sem deixar que a história se perca.

A história é uma coisa que a gente vê se perdendo ao longo do tempo, as pessoas não se atentam mais em conhecer como era, o que é, toda aquela trajetória necessária pra mudança... Você está fazendo modificar meu olhar, ter esse olhar mais sensível. (Prof.^a Vânia).

Apresentar um espaço da cidade na visão de outros sujeitos que estão presentes no local diariamente há um longo tempo, por meio do olhar de quem para, observa atentamente, anota o que vê, o que escuta, o que sente e o que não vê, apresentar também parte da teoria estudada no que tange ao patrimônio e às relações pessoais visa convidar e provocar os professores a conhecerem outras perspectivas que podem (ou não) influenciar na forma como trabalham com esse conteúdo na escola.

Para finalizar esse segundo dia, apresentamos algumas metodologias, tais quais as desenvolvidas pelo PIBID - Pedagogia/UDEL, nos anos de 2012 e 2013, acerca do tema e que estão pormenorizadas nos capítulos anteriores. Para lembrar, as professoras manipularam os materiais informativos, como textos e sequências didáticas, além de jogos e imagens. Assim, discutiram as formas de trabalho em sala de aula e em como os alunos iriam aprender construindo os jogos, por exemplo. Refletiram também acerca dos trabalhos com projetos e o quanto envolver outras disciplinas enriquece o aprendizado dos alunos.

Diante de todo o material, os professores do curso destacaram a importância do LAI para adquirir novas possibilidades de trabalhar com os alunos, perguntaram sobre a disponibilização das caixas temáticas³⁹, sobre cursos, sobre a disposição dos materiais escritos e sobre como foram desenvolvidas as atividades. Ressaltaram, além disso, a importância de trabalhar com diversas fontes com abordagens diferentes para a história da cidade.

No terceiro e último sábado de curso, a prática foi realizada como trabalho de campo no Calçadão de Londrina e, para a sintetização do aprendizado, foi finalizado no Restaurante do Cedro Hotel (Rua Quintino Bocaiúva, 15 - Centro, Londrina, PR), próximo ao quarteirão Passagem, onde realizamos o grupo focal e as professoras criaram outro projeto para trabalhar esse espaço da cidade, considerando que foi estudado. O objetivo foi levar os professores a vivenciarem a teoria trabalhada e a verificarem se houve a mudança de olhar quanto aos sujeitos dos espaços.

Ao passarmos pelos cinco quarteirões, deixamos as professoras⁴⁰ livres para fazerem anotações, registros de imagens, além de conversarem com algumas pessoas, se assim fosse necessário. A Prof. Ma. de História Elizabete Tomazini (2017) sistematizou sua pesquisa (anteriormente citada) apresentando a importância dos trabalhos desenvolvidos com o PIBID. No hotel, realizamos o grupo focal para coletar o aprendizado das professoras e detectar se, com o contato que obtiveram com os materiais e estudos no curso, considerariam outros olhares para o que ensinar sobre as cidades aos alunos.

O dia estava propício para caminhar, com temperatura mediana, sol e sem vento. O movimento estava iniciando, apenas as portas do comércio alimentício estavam abertas e movimentadas, as feiras de artesanato estavam quase prontas com seus produtos à mostra para receberem os transeuntes. Iniciamos nossa aula pelo quarteirão Passagem (Rua Prefeito Hugo Cabral), em direção ao quarteirão Popular e Erudito (Rua Minas Gerais), com olhar livre e andar tranquilo. Em seguida, voltamos no percurso contrário, com olhar direcionado às pessoas que estavam por lá, ao movimento e ao que mais chamava a atenção das professoras.

³⁹ Caixas com materiais produzidos em projetos desenvolvidos no e pelo LAI, que podem ser socializadas com as escolas.

⁴⁰ O Prof. Ms. Rafael não pôde comparecer no último sábado do curso, sobrando apenas mulheres, por isso a referência no feminino para a descrição da pesquisa a campo.

No percurso de ida, as professoras olharam para o alto buscando compreender a arquitetura das construções e a temporalidade marcada em algumas delas. Observaram o piso e fizeram referências, comparando ao que haviam estudado. De acordo com os comentários delas, mal é possível perceber o desenho estampado no piso em *paver*.

No mais, repreenderam a administração da cidade em relação à vegetação não existente. Apesar da feira chamar bastante a atenção pelos produtos, deixaram claro que deveria ser um comércio mais livre, não estruturado em um padrão da prefeitura, o que torna o produto mais caro. Além disso, compararam com a feira dos artesãos no quarteirão Popular e Erudito, que é mais livre, mais manual, não tem barracas padronizadas, os artistas não precisam pagar nada e, por isso, os produtos se tornam mais interessantes, financeiramente mais acessíveis e únicos.

Alderoqui [20--?], em seu artigo "*Pensar el patrimonio em la escuela*", resgata uma proposta realizada em 2004, na cidade de Bogotá, na qual propunha "navegar" pela cidade para conhecê-la, para desenvolver conceitos e sentimento de identidade. Seguindo essa proposta, pode-se perceber que os professores se sentiram mais próximos do Calçadão de Londrina ao relatarem maneiras de preservar determinado espaço, objeto ou até mesmo fachadas. A conservação e a limpeza também foram apontadas. De apenas espectadores do espaço, passaram a fazer parte dele.

O grupo ficou disperso, duas professoras para um lado observando o local de algumas praças, outra dupla conversando sobre os quiosques que, nesse dia, já haviam sido instalados em alguns pontos do Calçadão. Uma professora parou para conversar com uma feirante sobre os produtos, perguntou onde morava, há quanto tempo exercia a atividade ali e o que aquele espaço representava para ela. Diante das respostas, a professora indagou se a feirante sabia que, no lugar da fonte de água, existia uma praça, e a mulher respondeu que não sabia e não demonstrou curiosidade, o que deixou a professora intrigada: "*Como ela, que trabalha aqui há mais 10 anos, não sabia disso? Geralmente procuramos saber sobre o lugar que tiramos nosso sustento, igual um concurso público, eu procuro investigar pra onde vou.*" (Prof.^a Poliana).

As Lojas Americanas foram um ponto de parada que demandou tempo, a fachada foi analisada, as janelas, a porta, a escadaria. Se pudessem, entrariam para investigar cada canto da loja. Percebemos que elas tentavam puxar na

memória algum momento que passaram ali ou algum ponto do estudo, quando perguntavam se a fachada era a mesma desde a construção da loja ou falavam que tinham esquecido que a loja tinha uma vitrine de vidro, ou mesmo relataram já ter visto o sanfoneiro, mas que jamais lembrariam que ele fica ali há muito tempo.

Observaram a cabine de telefone público, o bebedouro, destacaram a loja Riachuelo e a história da loja ali. Antes de ser a loja, havia um prédio residencial. Trouxeram memórias olfativas quando entravam na loja e sentiam cheiro de talco, sempre o mesmo cheiro, *“parecia que colocavam perfume no ar-condicionado”* (Prof.^a Poliana).

Outra parada que demandou tempo foi na Praça Gabriel Martins: *“Aqui ficavam aquelas flores!”* (Prof.^a Vânia), *“Deveriam ter preservado ao menos uma!”* (Prof.^a Elizabete). Elas conversavam, apontavam para um prédio, uma árvore, observavam as placas, as luminárias e, na agência bancária, sentiram falta da Lucimara, pareciam querer conversar com ela. Contaram histórias desse lugar de outros tempos, em que os táxis eram charretes e transportavam pessoas que são consideradas excluídas da história, mas que fazem parte dela:

Elas estavam ali, por que ninguém conta? Você trouxe a Lucimara e a hippie nos seus trabalhos, por que ninguém conta das prostitutas? Dos barões do café e dos seus escândalos com bebidas? Por que tentam colocar em nossa cabeça que somos filhos de Londres? Não tem nada a ver! (Prof.^a Edinéia).

Durante a andança, nada apareceu nas falas que remetesse ao trabalho na escola, as professoras pareciam desenvolver atitudes de investigadoras, querendo comprovar o que viram nos textos e nas imagens. Na Praça Willie Davids, houve uma admiração geral: pelo busto do primeiro prefeito eleito de Londrina, pela homenagem escrita no monumento que segura o busto. A placa que indica o lugar da primeira rodoviária de Londrina também chamou a atenção, bem como a dos corretores, que já não mais tinha as folhas do pé de café em bronze.

Muitas dessas placas de bronze haviam sido roubadas, uma desvalorização do patrimônio. Placas com informações turísticas do local mal utilizadas, danificadas, servindo de apoio para vendedores ambulantes, sinalizações para deficientes simplesmente quebradas: *“Parece terra de ninguém, os hippies, que achava não ligar pra nada, são os que mais estão organizados aqui, o resto parece tirar proveito próprio”* (Prof.^a Edinéia).

O trabalho da História nos Anos Iniciais precisa colocar o sujeito como parte integrante da história e, desde pequenos, oportunizar aos alunos reflexões permanentes acerca das suas ações como membros ativos da sociedade. A falta de uma educação voltada ao patrimônio cultural, que coloca a cidade e seus lugares como parte da vida das pessoas, do seu cotidiano, da sua identidade, oferece ameaça quanto à valorização dos bens produzidos culturalmente, reiterando uma importância em demasia para uma história possivelmente inventada e generalizada.

Os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1997), valorizam o estudo do local para a formação do ser social, o “que possibilita aos estudantes adquirirem progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo em que fazem parte” (p. 09).

Desse modo, para a construção da problematização que leve o aluno a refletir e a contrapor o que está posto, faz-se necessária a apresentação de histórias variadas, com bases em diversos sujeitos que não foram considerados ao escrever a história oficial da cidade. Para mais, favorecer a recuperação de experiências individuais ou de um grupo (artesãos, trabalhadores, aposentados) faz com que os alunos se identifiquem com a constituição da história e passem a respeitar os lugares da cidade e o que neles possui em termos materiais e de pessoas.

O trabalho com a História também se constitui em considerar como fonte de ensino as memórias dos mais velhos, como acontece com a professora Vânia, que trabalha a história de Florestópolis pelas narrativas dos mais antigos. E, se consideramos o patrimônio como uma narrativa em si, fazemos valer as definições de Benjamin, para quem a intenção da narrativa não está em transmitir a pureza e a neutralidade da “coisa narrada”, a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca da mão do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

O Cine Teatro Ouro Verde, em nossa caminhada, foi o disparador da memória da professora Denise, que traz lembranças da mãe:

Minha mãe conta que já assistiu filmes aqui, que se encontrava com os amigos aqui, vinha com meu pai. Me lembro quando criança, passamos por aqui e ela me contou isso, hoje eu olho e vejo que a construção ainda está aqui e eu nem passo mais por aqui, mas está em minha memória, senão não lembraria. (Prof.ª Denise).

Esse relato, juntamente com a metáfora utilizada por Pesavento (2004), ao afirmar que a cidade é um grande palimpsesto, com suas sobreposições de camadas de tempo, mostra-nos as diversas camadas de memórias que podem existir sobre um determinado lugar. Nesse momento, a professora intensificou seu laço de afetividade com o Ouro Verde.

O percurso de retorno pelo Calçadão de Londrina até a chegada ao Hotel teve o olhar direcionado às diversas pessoas presentes no Calçadão, queríamos conhecer quem as professoras observariam. Duas delas dispararam na frente enquanto outras duas ficaram mais atrás, estas tiveram mais calma para observarem, e as observações apareceram no grupo focal. O que mais chamou a atenção, nesse momento de passagem, foi o olhar despretenso das professoras para uma mulher indígena e uma criança sentadas ao chão e encostadas na parede de uma padaria, elas comiam pão ao mesmo tempo que alimentavam uma pomba. E, pela primeira vez, os indígenas aparecem nesta pesquisa, que trata de uma narrativa sobre a história da cidade.

O grupo focal teve início com a seguinte questão: o que vocês conhecem do Calçadão? Diante de alguns instantes de silêncio, outras questões foram disparadas: qual a contribuição do curso para a formação de vocês e para o trabalho com a História? A gravação deixou as professoras um pouco tímidas, mas logo iniciaram as falas.

Achei bem interessante, uma outra visão que a gente não tinha quando vai falar da história de Londrina, que, no nosso caso, no quarto ano [onde leciona], a gente muda o olhar quando passa no local, muitas coisas que a gente não observava vai indo e observando. Algumas coisas que a gente já estudou sobre a história de Londrina a gente volta a ter outro olhar e buscar mais conhecimento, como no caso das leituras. Vai ser interessante a gente contar a história de Londrina e focar um pouquinho mais no Calçadão. [...] E aquilo que a gente ensina em relação à História: pra que a gente precisa saber a história de um lugar? A gente sempre frisa na escola. Para primeiro adquirir conhecimento e depois valorizar e cuidar do lugar. As crianças precisam ter essa visão. Seja pela sua história, seja pelo bairro, que a gente começa lá no bairro, começa pela própria família. E agora com esse aspecto da história... Muito bom pra mim, com relação a mais um aspecto que a gente buscou em relação à história de Londrina. (Prof.^a Edinéia).

Os relatos também trouxeram à tona a importância do Calçadão para a população em geral a nível econômico e social, além de que o curso proporcionou a

mudança de olhar ao passar por um determinado lugar e se perguntar a história dele, porque tudo tem história, e o que está no lugar, seja em forma de decoração ou de utilidade pública, foi intencionalmente colocado, instalado, construído para um fim, podendo ser considerado patrimônio, mesmo não sendo oficialmente reconhecido pelas leis de preservação.

Pra mim, que vim de fora e sempre tive como lugar de referência mesmo pra me localizar, foi muito importante, hoje a gente pode ver que ele tem uma história e eu gostei bastante de conhecer a história do lugar, os pontos principais, a construção mesmo, a origem do Calçadão. Eu fiquei bastante triste em ver as mudanças que vêm sendo feita, as discussões de quererem terminar de destruir o que começou, toda uma história. A gente percebe que é necessário trabalhar com os alunos pra que eles tenham essa consciência de guardar a história, porque daqui um tempo não vai ter mais nada pra eles contarem. (Prof.^a Vânia).

Os estudos realizados na UEL foram fundamentais, porque a gente já veio com um embasamento teórico pra cá e visualiza tudo o que foi conversado. O que me marcou e que vou levar pra sala de aula com certeza é entender que esse Calçadão... Ele marca muito mais que a gente pensa em sentido de memória. O que ele está deixando pra nós? Se nós apagarmos a memória, tudo que ele representou, a história dele vai se perder, por isso que nós temos que ter marcado na memória. E que cada pessoa que está no Calçadão, que seja somente passando, tem uma memória desse lugar, e isso é o mais interessante. Às vezes a gente passa e pensa que é só um calçadão, com todas as suas transformações, e não é. Na verdade, a história está em cada indivíduo que passa e vive o Calçadão, e a preservação dessa memória é que é mais importante. (Prof.^a Denise).

Professora Denise nos reporta a Nora (1993), quando ele aponta o momento após a Segunda Guerra, em que, em uma tentativa de elevar a França camponesa a *status* de superpotência, as principais forças políticas colocaram-na em uma crise de identidade nacional. Por isso, houve a necessidade de buscar pelos lugares onde a memória ainda resistia, construindo e desconstruindo os mecanismos de pesquisa, refletindo sobre o que havia de história e de memória e estabelecendo elos. Para tanto, foi preciso se distanciar de uma narrativa histórica que tentava criar uma única nação francesa como verdadeira, “um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva à sua sobre determinação recíproca, vontade de memória, intenção de memória” (NORA, 1993, p. 22).

Buscamos, no Calçadão de Londrina, memórias que possam ser transformadas em narrativas sobre a história da cidade, assim como existem outros lugares pela cidade que também podem oferecer narrativas acerca dessa história. Porém, é preciso buscar esses “lugares de memória”.

Na tentativa de conhecer se, o que e quem as professoras haviam observado, elas foram questionadas sobre o que mais havia chamado a atenção no Calçadão. Uma trouxe lembrança de um Calçadão que não existe mais e colocou em evidência a importância de trabalhar a memória das pessoas, colocando-as em narrativas, pois, devido aos choques constantes de transformações, os espaços se modificam a todo momento: *“Interessante como ele muda, a cada vez que você vem é um novo espaço, alguma coisa foi tirada e alguma coisa foi colocada. Que Calçadão que eu me lembro? De quando era esse Calçadão que eu me lembro?”* (Prof.^a Ms. Elizabete).

O Calçadão, para Elizabete, está muito “padronizado”. Segundo ela, parece que houve uma higienização em termos de pessoas, objetos e construções. Os idosos também foram observados, eles são muitos, *“observando as pessoas, percebi alguns idosos que estão sempre ali sentados e conversando sempre que venho”* (Prof.^a Vânia). Em relação à ideia de ponto de encontro, a professora Denise relata ter escutado a frase “Sabia que ia te encontrar aqui”, de uma mulher para um senhor. Apontaram pontos positivos e não tão positivos quanto à troca do piso e quanto ao descaso com o espaço onde está o Cine Teatro Ouro Verde.

O descaso também foi apresentado em outra ponta do Calçadão, que faz referência à Praça Jorge Danielides. Refletiram sobre o que já existiu naquele espaço, como o coreto, a própria praça, as lojas e o que veio primeiro: os containers de lixo que ficam estacionados ali e que tampam a placa ou a placa que identifica a praça? Chegaram à conclusão de que não importa quem apareceu primeiro, o planejamento de uma mudança, de uma reforma deve considerar o lugar de cada item e, se existe uma placa identificando a existência de algo, é porque esse algo estava ali antes. Nesse momento, esperava-se que comentassem sobre as indígenas que haviam avistado, mas nada foi relatado e a discussão sobre o descaso prosseguiu. Em seguida, as professoras levaram o assunto para o trabalho desenvolvido por elas nas escolas.

Até que ponto elas trabalham a sensibilidade nos alunos? A reflexão em torno dessa questão possibilitou um momento de silêncio, e a fala que seguiu

apontou para mudanças na forma de trabalhar com os conteúdos e com os materiais disponíveis nas escolas. A ideia é ter um trabalho em torno da sensibilidade, a fim de a memória não se perca e haja mais conscientização por parte dos sujeitos que estão sendo formados. As mudanças são positivas, as transformações são inevitáveis, pois novas necessidades surgem, placas, monumentos, luminárias, floreiras, mas, se não houver um trabalho de sensibilização quanto ao reconhecimento diante do espaço, tudo se perderá e se diluirá no tempo.

Os materiais nas escolas não apontam o olhar sensível, os conteúdos não contemplam a sensibilidade. A dificuldade, segundo a professora Denise, “*está em vencer os conteúdos*”, porém outras professoras apontaram que é a didática que determina o tom. A direção que o professor indicará com as imagens, os vídeos, o livro didático, dentro de um conteúdo, abre possibilidades para diferentes direcionamentos.

Além disso, problematizar o que elas têm em mãos para trabalhar seria gratificante para o aluno, mas questões externas foram outro fator colocado por elas como obstáculo para um trabalho diferenciado: provas, projetos, provas extras e regras atrapalham, inclusive, na apropriação dos alunos: “*Os projetos seriam valiosos se não fossem engessados, com exceção do projeto Conhecer Londrina, que deixa o trabalho mais livre. Os outros precisam ser inseridos na escola da maneira como vêm, não abre espaço para criatividade*” (Prof.^a Denise).

Em Cambé, apenas uma escola está com um projeto-piloto de empreendedorismo, as demais, segundo a professora Poliana, trabalham debruçadas no novo currículo, que foi lançado em 2016. As escolas municipais de Florestópolis trabalham com projetos interdisciplinares, os conteúdos englobam todas as disciplinas, de acordo com a professora Vânia. Em ambas cidades, as escolas municipais recebem material da Secretaria de Educação, como livros, cadernos, jogos e, caso necessitem de materiais, basta fazer a solicitação documentada e aguardar um período. Geralmente, a distribuição ocorre duas vezes no ano. Em Londrina ocorre o mesmo, no entanto, como relatam as professoras, os materiais não chegam às mãos delas, talvez por falta de “*alguém qualificado para explicar, para indicar o material*” (Prof.^a Denise).

Para elas, o projeto Conhecer Londrina deu certo porque a Secretaria foi até as escolas, houve curso sobre a utilização do material, onde ficaria disponível na escola e o acesso era permitido. Por consequência do assunto, os relatos

começaram a aparecer em tom de desabafo: *“nas escolas cria-se os proprietários”* (Prof.^a Denise), isso dificulta o trânsito nas escolas, *“se quisermos utilizar a cozinha para aula de culinária, não podemos, biblioteca, sala de informática, é implícito e, para não criar casos, deixamos assim”* (Prof.^a Denise). Em Florestópolis, o trânsito é livre, a dificuldade está no material para trabalhar a história da cidade e nas saídas a campo, as quais podem ser feitas somente pelo professor de Educação Física.

Ao final desse grupo focal, os professores ficaram incumbidas de criar o projeto para trabalhar o Calçadão de Londrina, considerando o curso. Os textos eleitos serviram de base para que as professoras realizassem uma reflexão sobre como é desenvolvido o ensino de História e o que podem realizar para trabalhar nessa disciplina, mesmo que a escola seja conteudista e a história da cidade seja contada pelo viés do progresso.

5.1 O OLHAR DE PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A TEMÁTICA “CALÇADÃO”: TRANSFORMAÇÃO? INCLUSÃO?

Os resultados de estudos sobre diferentes lugares de memórias na cidade nem sempre estão à disposição das professoras e dos professores para que sejam utilizados enquanto saber histórico a ser ensinado para as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso instiga ainda mais a adentrar em pesquisas como esta aqui apresentada que, em última instância, dialoga com os professores sobre outras possibilidades de se ensinar sobre a história da cidade de Londrina.

Sob a ótica da organização curricular, os documentos e os órgãos responsáveis (Parâmetros Curriculares Nacionais; Secretaria de Estado da Educação) orientam que o estudo sobre as cidades seja trabalhado nas disciplinas de História e Geografia. As orientações apontam, também, que os conceitos devem ser tratados em relação constante entre o presente e o passado.

Indagar o passado a partir de vestígios do presente a fim de conseguir respostas. [...] Trabalhar história nos anos iniciais é fazer com que o aluno vá além das aparências, e estabeleça um diálogo com as fontes apresentadas, com objetivo de criar uma imaginação histórica válida, pautada em evidências. (OLIVEIRA, 2010, p. 119-134).

Os PCNs (1997) também sugerem que seja o estudo da história local e do cotidiano seja trabalhado por meio das vivências pessoais dos alunos. Pois,

conhecendo a história local, os alunos não estudam apenas um acumulado de datas e fatos, mas também o processo de formação daquele local, os sujeitos, o porquê daquela realidade, os primeiros conceitos históricos e, assim progressivamente, aprenderão a construir ligações entre vida deles e os aspectos mais amplos do mundo ao redor.

Mesmo com as orientações dos documentos mencionados acima, as escolas trabalham com o que tem disponível como material didático, e este, por sua vez, apresenta uma característica de tradição pautada na narrativa do desenvolvimento da cidade, com vistas ao progresso, às figuras políticas e ao poder econômico, considerando as memórias dos que detêm o poder.

Algumas escolas municipais de Londrina utilizavam, até meados de 2016, como suporte para o ensino da história da cidade, principalmente, o livro didático *Viver é Descobrir História – Londrina* (2012), com autoria de Magda Madalena Peruzin Tuma. Após a reformulação das etapas da Educação Básica, que teve como inclusão o ensino de nove anos, novas edições foram lançadas, algumas abrangendo o estado do Paraná e não somente Londrina. Direcionado para o Ensino Fundamental, esse novo livro possui ilustrações, tais quais mapas, desenhos e fotografias, distribuídos em vários eixos temáticos.

No livro, a história de Londrina é narrada a partir do viés do progresso da cidade. Os ingleses e a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) são apontados como fundadores da cidade, ainda que, nas últimas edições, tenha se ampliado consideravelmente a abordagem sobre os povos indígenas da região.

Partindo do conteúdo do livro, pode-se acreditar na dificuldade do aluno em ver a história de Londrina relacionada a sua identidade. Em meados do ano de 2012 e ao longo de 2013, durante a realização dos projetos do PIBID⁴¹, quando questionados sobre o que sabiam da história de Londrina, os alunos – de 9 a 11 anos de idade –, em suas falas, citaram os ingleses, que chegaram e deram início à cidade.

Se considerarmos o interpretado por Oliveira (2010) no documento da SEED/PR, quando cita Ferro (1983), o que se ensina para as crianças deixa marcas para o resto da vida, e um dos objetivos do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos.

⁴¹ Para maiores detalhes, rever Capítulo 2.

Além disso, ainda segunda a autora, o papel da história é a contribuição na construção da identidade do sujeito, é preciso questionar o que se trabalha nas escolas no tocante à história de Londrina, e buscar propor o estudo de outros conteúdos que contemplem outras histórias, não somente a referendada pelo poder público e uma determinada parcela da sociedade londrinense.

Parafraseando García Canclini (1999), se não houver um movimento de interação atual entre o popular e o de massa, o tradicional e o moderno, o público e o privado, a única cultura a ser preservada é a erudita ou a tradicional.

Essa abordagem colabora para que as professoras e os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental construam outras concepções para um espaço importante da cidade, que nem sempre é tratado no ensino da história local. Tendo em vista que:

Os problemas e as potencialidades do ensino-aprendizagem de história não estão restritos à relação professor - aluno na sala de aula, mas envolvem o meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas famílias, na igreja ou outras instituições que frequentam e nos meios de comunicação de massa aos quais têm acesso. (CERRI, 2001, p. 110).

A contribuição de Cerri (2001) remete ao trabalho que aborda a aprendizagem histórica com o olhar voltado ao cotidiano dos alunos e professores. Nesse sentido, as orientações para o estudo da História para os Anos Iniciais da SEED/PR vão ao encontro desse ensino de História real (CERRI, 2001), favorecendo o desenvolvimento do pensamento histórico.

A finalidade última do ensino de história com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental deve ser o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma proposta com esse objetivo deve ter como base a epistemologia da História, entendida como as formas de investigação que tornam um estudo histórico diferente de outras abordagens do conhecimento. [...] a constante relação entre o passado e o presente, condição teórica elementar para o estudo da História, não no sentido de constatação de “como era” e “como é”, mas no intuito de analisar os porquês das permanências e transformações, e o trabalho com as diferentes temporalidades. (OLIVEIRA, 2010, p. 124).

Assim sendo, as particularidades de uma pesquisa sobre cidades, que tem como pano de fundo o cotidiano de um de seus lugares, permitem identificar a

dinâmica das transformações do local, exercitam a curiosidade e a experiência do professor e do aluno, trabalhando narrativas históricas acerca da cidade, construídas por memórias de sujeitos que constroem sua história diariamente, mas que não estão nos livros didáticos, tampouco fazem parte da história oficial. Todas essas operações históricas proporcionam o desenvolvimento do pensamento histórico nas crianças.

No contexto apresentado anteriormente, o grupo focal foi um momento de compreender como o estudo sobre o Calçadão de Londrina, na perspectiva anunciada nesta pesquisa, pode alterar (ou não) a concepção e a forma como os professores participantes trabalham o ensino da História com as crianças.

Para tanto, valorizamos o saber já existente deles a partir de uma investigação e formulamos, ao final do processo de estudo, uma análise comparativa entre o que já sabiam e o que ficaram sabendo no decorrer da abordagem. A criação dos projetos de História para trabalhar o Calçadão de Londrina seguiu a mesma intenção do grupo focal. Em um primeiro momento, no primeiro dia de curso, os professores montaram um trabalho considerando o que sabiam (projeto 1), no último dia, o trabalho deveria considerar o que foi apreendido (projeto 2).

Os diferentes instrumentos de coleta de dados no curso – grupo focal, “tempestade de ideias” e elaboração de projeto – seguem a mesma lógica metodológica da pesquisa. Estamos lidando com pessoas que, no dia a dia, lidam com várias outras pessoas, compartilham dúvidas, multiplicam as perguntas com vistas à criação cotidiana de práticas diferenciadas de ensino. Diferentemente das ciências exatas, que têm uma forma clara e objetiva, com métodos engessados, os quais distinguem a teoria da prática, nesta pesquisa, responsabilizamo-nos por narrativas que são construídas e marcadas pela trajetória de quem as escreve e pelos múltiplos olhares da realidade social.

A diversidade de documentos (fontes) que foi levada ao curso possibilitou a multiplicidade de olhares para os conteúdos a serem ensinados, pois, de acordo com os professores, eles auxiliam na construção da identidade do aluno e na forma de perceber a história local e se sentir pertencente a ela. Trabalhar na História considerando a pluralidade de sujeitos exige, também, um trabalho que entrelaça as informações, com ida e volta ao conteúdo, relacionando conceitos com cotidiano, sem isolar fatos e somente seguir um ensino cronológico.

A sequência didática foi considerada para trabalhar em sala de aula. Na produção do projeto, uma professora afirmou: *“Vamos iniciar como a professora aqui fez com a gente, um levantamento prévio do conhecimento deles, trabalho com conteúdo teórico, uso de várias fontes, visita a campo e retorno com conclusão”* (Prof.^a Denise).

Nos projetos 1 e 2, os professores não detalharam o passo a passo do trabalho que desenvolveriam, destacaram, de forma sucinta, em tópicos, o que considerariam ao trabalhar o tema “Calçadão de Londrina”. Com o auxílio dos demais suportes de coletas de dados, foi o suficiente para analisarmos e respondermos à problemática da pesquisa.

Ambos os projetos iniciaram com levantamento de conhecimentos prévios dos alunos em roda de conversa, contudo, no projeto 2, é possível ver a inserção das fontes históricas, como a fotografia e a identificação do local como um todo. Os professores colocaram o que esperam dos alunos na observação das imagens: *“Espera-se que os alunos relatem aspectos voltados à sensibilidade e à presença humanizada”*.

Os projetos também se conversam quando se trata do envolvimento da família como forma de trabalhar a memória do Calçadão de Londrina. A ideia das professoras foi levar os alunos a realizarem uma pesquisa. Assim sendo, o projeto 2 traz o que necessariamente os alunos precisam pesquisar: “a vivência” dos pais no Calçadão de Londrina, seguida de um levantamento de dados dessa entrevista.

A parte teórica também aparece no projeto 2 por meio de análise com leituras de alguns gêneros textuais, entendidos aqui como fontes históricas: jornais, trechos de dissertações que tratam da memória e do patrimônio. A visita – ou trabalho de campo – foi contemplada nos dois projetos, com ênfase no projeto 2, no qual detalharam como seria feito o trabalho antes, durante e depois da visita.

Sobre esse detalhamento: o preparo anterior partiria de uma conversa com os alunos sobre o que eles pesquisariam desse espaço, as curiosidades e o que mais chamava a atenção deles. Diante das respostas, elegeriam as mais relevantes e seguiriam com o preparo do roteiro. Durante a visita, os alunos seriam instruídos sobre o que observar. Nesse momento, as professoras consideraram a visita delas ao Calçadão e os olhares que tiveram – para cima, para baixo, para os lados e para as pessoas –, escutando os sons e as falas que vêm de todas as direções. Essas observações seriam anotadas para a socialização –

compartilhamento – no retorno à sala de aula. Ao final, propõe-se a produção de um texto coletivo para apresentação.

No projeto 1, os professores encerraram o trabalho, nesse retorno à sala de aula, com um relato de experiência e uma exposição na escola com as fotos organizadas de forma linear e com legendas. Para finalizar o projeto 2, além do trabalho de exposição, o qual enriquece o aprendizado e valoriza todo o trabalho dos alunos, os professores lançariam um desafio: “Agora que vocês conhecem o Calçadão de Londrina, sua história, que outro lugar da sua região mereceria o mesmo olhar? Elabore sua pesquisa”.

Ao problematizarem as práticas pedagógicas, os docentes voltaram o olhar crítico para o contexto cultural da escola e para o fazer educativo dos professores, a priori, tentando identificar como o contexto criado culturalmente influencia ou está presente no cotidiano das relações entre professores, parte administrativa e funcional da escola, buscando perceber as práticas docentes. São processos de problematização nos quais se pretende compreender como os processos de dominação e de reprodução de algumas práticas se consolidam no contexto das escolas.

As muitas falas das professoras nos levam a identificar que existem algumas práticas referendadas pela cultura escolar como tradição, nas quais se repetem argumentos construídos sob outro poder além da escola. Algo não pode ser feito porque, em algum momento, alguém disse que não poderia.

Desse modo, conforme os novos professores chegam à escola, essa “tradição” ou “cultura” vai passando de pessoa a pessoa pela narrativa. Um determinado espaço da escola não pode ser utilizado, um outro material não está disponível e, diante dessas barreiras, uma cadeia de “não pode isso ou aquilo” perpetua-se. Assim, professores continuam a desenvolver suas aulas nas salas, com metodologias tradicionais, suportes e instrumentos considerados “clássicos” para o ensinar.

Ademais, a visão conteudista das escolas gera cobranças aos professores e, mesmo que idealizem novas propostas, novas práticas e olhares diferentes para o mesmo conteúdo, a tendência é seguir as regras que são colocadas por aqueles que estão no comando, seja por respeito ou pela prática de obediência à hierarquia do cargo que exercem.

Essa atitude pôde ser constatada no momento das falas, quando uma das professoras que tinha maior facilidade em falar expôs determinadas situações escolares – enquanto as outras acenavam com a cabeça de forma positiva ou negativa, além de tecerem afirmações como “isso mesmo”, “também”, “como ela colocou”, “verdade” –. Trata-se de uma cultura criada nas escolas em que o mais velho tem mais experiência e, por consequência, ganha o respeito.

Problematizando a história ensinada sobre a cidade, podemos afirmar que os estudos desenvolvidos embasados no que foi coletado para compor esta pesquisa e o que foi trabalhado com as professoras em forma de sequência didática desenvolveram nelas uma nova forma de olhar para a cidade, considerando seus diversos espaços como lugares de memórias. No mais, perceberam que as práticas educativas construídas no ensino de História dos AI do EF, considerando a escola que cada um trabalha, não atingem os diversos sujeitos, criando processos de exclusão e/ou negação quando consideram somente as narrativas professadas de uma História tradicionalmente imposta como sendo única e verdadeira.

Estar junto em uma ação planejada, didatizada, projetada para despertar o olhar de professores para pesquisarem sobre a cidade possibilitou um olhar mais sensível, o qual entendemos como mudança de pensamento. As professoras manipularam as fontes, ora com interpretação própria, observando detalhes, comparando as temporalidades, por não terem conhecimento do que estava em mãos, ora estabelecendo diálogos de trabalho com a cidade pelo que ela é, não somente pelo que contam dela.

Sendo assim, os docentes tiveram a oportunidade não só de descobrirem-se no Calçadão de Londrina, mas também de desvendarem os vários outros calçadões de que não tinham se dado conta, bem como os vários elementos políticos e culturais que influenciaram e ainda influenciam nesse espaço e na construção de uma ou outra visão sobre os lugares de memórias. Dessa maneira, o olhar sobre a história da cidade foi modificado pelo trabalho realizado com o Calçadão de Londrina.

O conhecimento que os professores tinham sobre o espaço era de quem passa por lá e não tem conhecimento sobre a história dele. Dentro da linha que trabalham no ensino de História da cidade, o Calçadão não é eleito como um lugar a ser ensinado, assim como nas escolas das outras duas cidades (Cambé e

Florestópolis), onde a história que prevalece é única e parada no tempo: a do progresso.

O que chama a atenção pra mim é a questão da humanização, o que disse no final do texto: desumaniza o espaço, a gente não vê com esse olhar humanizado, a gente vê a parte da história que teve o progresso, o financeiro que ajuda a cidade a crescer, mas a gente não tem esse olhar humanizado. (Prof.^a Edinéia).

Com isso, consideramos que foi estabelecida uma relação entre a prática pedagógica no Ensino de História e a valorização das relações que as pessoas criam com a cidade. Isso demonstra que os participantes do curso se apropriaram das leituras de Benjamin (1984, 1987, 1992, 1993, 1994, 2007) e de García Canclini (1988, 1994, 1999, 2007), quando esses autores defendem sobre a experiência, a narrativa e o patrimônio, bem como a história. O olhar foi modificado e percebido na travessia que realizamos para vermos os lugares da cidade enquanto lugares de memórias.

De acordo com as reflexões desenvolvidas, tendo como base os depoimentos dos professores e as observações realizadas durante a pesquisa, fica evidente que este trabalho pode contribuir para que os professores construam uma nova visão sobre o que e como ensinar ao trabalhar a história da cidade e qual o papel da escola no desenvolvimento de novos saberes e conhecimentos voltados para a valorização dos sujeitos considerados comuns e, portanto, excluídos de uma história tradicionalmente inventada e divulgada. Ou seja, as práticas pedagógicas construídas a partir dos valores e dos saberes da comunidade tornam-se mais dinâmicas e envolventes, tendo em vista que estão voltadas para o trabalho com o cotidiano do aluno e com os saberes da experiência dele. Depende de como contamos a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo se deu a partir da hipótese de que as relações entre o campo da História, do patrimônio e do Ensino de História podem oferecer potencialidades para que seja estabelecido um vínculo positivo entre escola e cidade, chamando a atenção para as questões que provocam e requerem algumas sensibilidades no trato. Essa concepção prevê algumas diferenças na maneira de ver a cidade quando se elege o olhar para o que nela existe em termos de sujeito e da relação dele com os “lugares de memória” (Nora, 1993). Tais potencialidades, então, vão além da perspectiva que trata a história da cidade de forma linear e estática. Buscam-se, portanto, outras formas de abordagem de tal conteúdo.

Estudar o Calçadão de Londrina com olhar voltado para o seu movimento exigiu, primeiramente, apresentar o espaço em um contexto histórico e geográfico. Essa apresentação fez parte das três narrativas sobre esse espaço que elaboramos nesta pesquisa. Empreendemos essa investigação com a certeza de que as narrativas precisariam ser produzidas primeiro, para expor ao leitor o que é esse espaço, sua relação com a história de Londrina e sua localização.

No mesmo momento, apresentamos como se deu a aproximação com essa temática pelos trabalhos realizados anteriormente. Historicamente, o Calçadão representa o coração da cidade, onde a pulsação é o movimento criado pelas pessoas. Se, em um certo tempo no passado, esse espaço era tido como uma grande avenida movimentada pelos veículos, em tempos atuais, ele é uma extensa calçada, conhecida por muitos como rua de pedestres ou, popularmente, Calçadão. O fato é que, pela diversidade de fontes históricas, pudemos apresentar nosso objeto de estudo e como ele se configura como um importante lugar de memória e potente fonte histórica para se trabalhar a temática “cidade” nas escolas.

Que a sociedade está em ritmo frenético já não é segredo nem novidade no meio acadêmico e para as demais áreas do conhecimento, e o espaço urbano é o que mais sente essa aceleração devido à concentração de pessoas e de comercialização diversa. Por isso, a pesquisa apresentou que, por estarmos cotidianamente com pressa, passamos por lugares sem nos atentarmos aos detalhes, ao movimento, nem procuramos saber o que nele possui em termos de pessoas e de relações.

Nessa perspectiva, nossas experiências também tomaram forma acelerada e, cada vez mais, ocorre o que Benjamin anuncia como “pobreza da experiência” e “morte do narrador”, visto que, se não há experiência, não tem o que compartilhar.

Decorrente disso, a segunda narrativa elaborada para o espaço se deu pela observação do cotidiano, que nos mostrou um Calçadão onde a singularidade dos sujeitos é o traço que o caracteriza, mesmo que coexistindo com o comum. Os horários e dias alternativos de permanência no local suprimiram nossa necessidade em compreender que cada sujeito tem sua particularidade e, com isso, formamos e completamos o todo. Dentro da pluralidade, somos únicos pelo que fazemos, como fazemos e como pensamos no cotidiano, assim, somos sujeitos singulares.

Esse fato se dá pelas experiências que compartilhamos, pelas vivências que possuímos e que nos marcam. Ao sermos marcados, podemos compartilhar (narrar) essas marcas como vivência (*Erlebnis*), desse modo, não apenas existiremos, mas viveremos, experienciando e compartilhando. Tivemos essa visão no Calçadão e o destacamos pelos cinco quarteirões, evidenciando as características de cada um. Ao todo, nesse espaço, não há indício de morte de narrador, as pessoas estão querendo compartilhar e falar, apenas precisam de alguém para ouvi-las.

A permanência nos cinco espaços que formam o Calçadão de Londrina estendeu nossa compreensão quando dialogamos com as pessoas, escutamos as conversas em roda e as falas daqueles que passavam rapidamente, além do silêncio de alguns. De artistas, pedintes, trabalhadores, artesãos, comerciantes.

Faz-se pertinente lembrar que, em nossas observações, transitamos de um lado para outro e não vimos indígenas, mas sabemos que são presença constante no centro de Londrina, tanto que, no último dia de curso, lá estavam alguns encostados na parede, comendo enquanto suas duas crianças brincavam com os pássaros. É importante destacar que essa cena não chamou a atenção dos participantes do curso, o que nos leva a concluir que a relação que as pessoas estabelecem com o lugar pode ser denominada de patrimônio a partir da cultura a qual pertencem.

Por meio dos estudos sobre a cultura na contemporaneidade, concluimos que as alterações na maneira de se relacionar e de ver o mundo de forma globalizada e “conectada” alterou também a forma de consumo. Dessa forma,

quando a reprodutibilidade de produtos passou a ser em alta escala, mudaram, inclusive, as formas de pensar, agir e sentir comumente nos indivíduos. Um dos campos a sofrer a consequência dessa transformação foi o do patrimônio.

Outro fator existente é o efeito pós-globalização, que promoveu um processo de homogeneização da população como um todo, mas ainda é possível ser único. Nessa realidade, seguindo a teoria de García Canclini (1999), o movimento do Calçadão de Londrina se constitui como um patrimônio ao destacarmos os transeuntes desse espaço e as mais diversas atividades ocorridas, com sujeitos que se fixam e outros que passam. Assim, dadas as observações, indagamo-nos: o que poderia levar essas pessoas a esse espaço, quem eram e quais eram suas histórias nesse lugar? Então, fomos em busca do que teriam a nos contar.

No exercício de compreender o movimento do lugar, entre tantos sujeitos, selecionamos três mulheres para serem entrevistadas e serem nossas colaboradoras na terceira narrativa, dando sentido à nossa investigação. Foi preciso, então, participar de parte do cotidiano delas no Calçadão. Essa relação de se colocar no lugar do outro permitiu um olhar sensível ao que é igual ou diferente em cada sujeito. Assim sendo, concluímos que a alteridade permite que cada um saiba onde se encaixa no mundo e decida se continua ou muda de direção.

A princípio, nosso objetivo com as entrevistas era somente poder constatar o que foi observado. Pelas falas dos sujeitos selecionados, comprovaríamos quão importante era o movimento do Calçadão de Londrina para relacionar com o trabalho em sala de aula. Ocorreu, entretanto, que ouvir e considerar os presentes nesse espaço foi importante para percebermos que o local, além de um ponto de comércio e referência, propicia relações de amizade, amabilidade, cordialidade, afeto e cuidado. Uma convivência que humaniza um espaço onde o que predomina são as perdas dos laços de pertencimento. Sem dúvidas, os relatos nos ensinaram que é preciso força interior e muita persistência para se fazer ser em uma sociedade classista e excludente. As mulheres entrevistadas são exemplos de trabalho e compromisso.

Diante desses fatos mencionados, os estudos propostos de Benjamin e de García Canclini, em conjunto com um corpo teórico que valoriza os sujeitos e as relações que se estabelecem na contemporaneidade, permitiram-nos refletir sobre o movimento cotidiano do Calçadão de Londrina. Descobrimos que uma cidade, em

termos de sujeitos, tem seus iguais e seus diferentes, e eles formam o todo, que, na concepção de Pesavento (2004), chamamos de “cidadinos”.

Assim, para desvelar o movimento desse local, foi preciso adentrar no seu cotidiano e observar as pessoas que ali ficavam e passavam, olhar atentamente para as atividades ali desenvolvidas, escutar, sentir, refletir sobre cada quarteirão que forma o Calçadão de Londrina.

Um impasse apareceu. À medida que descobríamos sobre esse cotidiano e apreendíamos as leituras, precisávamos estabelecer uma relação com o Ensino de História e com a Educação. Para tanto, pensamos em produzir um caderno temático, mas a imaginação desse material envelhecendo nas estantes não nos deixou seguir adiante com essa ideia. Também não poderíamos somente criar algum produto, isso fugiria da teoria estudada. Assim, seguindo os caminhos teóricos e metodológicos, decidimos por investigar o olhar do professor para o Calçadão de Londrina quando colocado frente a um trabalho sobre a história da cidade, que considera os diferentes sujeitos de uma história contada e diversa da oficial.

É fato que a leitura linear desta pesquisa vai contra o desenvolvimento intelectual de Benjamin, que prima por um caminho não fragmentado. Porém, transformar esta pesquisa em um material de estudo para um curso de professores, apresentando as três narrativas – histórica e geográfica, da pesquisadora e das três mulheres –, que colocam os sujeitos comuns como centro dos acontecimentos, das relações, dos movimentos, das transformações, da interferência e da consequência, legitima a visão de Benjamin.

Por se tratar de uma pesquisa no campo da Educação, elaboramos um curso para professores da rede municipal e particular de Londrina, com foco nos professores do quarto ano, os quais trabalham com a temática “cidade”. Para nossa surpresa, os participantes vieram também de cidades vizinhas, esse fator enriqueceu nossa pesquisa e estendeu o campo de investigação para o que antes seria apenas local.

O curso foi, então, um momento de compreender como o estudo do Calçadão na perspectiva anunciada na pesquisa pode (ou não) alterar as concepções e a forma como o professor trabalha o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como mencionado, não classificamos essa investigação no campo de formação de professores, mesmo que o diálogo se faça

necessário, o que pode vir a ser tema de pesquisas futuras. Tratou-se, efetivamente, de um trabalho com um lugar de memória.

Ainda sobre o curso, seguimos os mesmos passos da pesquisa, com leituras teóricas, atividades, trabalho de campo e retorno para as conclusões, bem como elaboramos resumos das narrativas construídas para pesquisa como forma de aproximar os participantes do contato com o olhar sensível para a cidade, considerando os sujeitos coadjuvantes de uma história contada, inclusive, na escola. A metodologia seguiu a proposta de sequência didática, que permitiu um movimento de vai e volta nas leituras, assim, os participantes analisavam imagens, retomavam leituras e refletiam sobre o apreendido.

Foi assim que a apreensão dos enunciados falados e escritos pelos participantes, no diálogo entre eles sobre como trabalham o ensino de História, quais materiais utilizam e como utilizam, possibilitou-nos compreender que os espaços da cidade, concebidos como lugares de memórias, não dialogam com as atividades desenvolvidas nas escolas e, quando ocorrem, é em forma de citação. Os materiais que são utilizados nas escolas para se trabalhar com o ensino da cidade não apontam para uma didática em que há a sensibilização do olhar. Pelas atividades realizadas, ficou evidente que os participantes têm o Calçadão como um espaço de referência (localização) e comércio.

Com as leituras e a prática, o olhar desses participantes em relação ao espaço foi se modificando à medida que se tomava conhecimento sobre que espaço era esse, a importância para a cidade e para trabalhar relações. O curso favoreceu também quem era de outra cidade, que teve seu olhar despertado para pesquisar e conhecer sobre seu local de origem. Nos diálogos entre uma leitura e outra, os participantes realizaram um movimento para dentro de si na tentativa de analisarem o que sabiam, como ensinavam e o que os impedia de ensinarem de forma diferente. Assim, constatamos que há, em algumas escolas, um tipo de cultura que influencia na didática desenvolvida pelos professores. São processos de dominação e de reprodução de algumas práticas que se consolidam no contexto das escolas, advindos do contexto social e cultural em que estamos inseridos.

Das experiências e vivências emergidas, das palavras escritas e dos diálogos estabelecidos, percebemos que os professores, não só de Londrina, como também de outras cidades, trabalham com o ensino de uma história única, a do progresso. Porém, diante do curso e da forma como ele foi elaborado, bem como

dos materiais apresentados, entendemos que foi estabelecida a relação entre a prática pedagógica no Ensino de História e a valorização das relações que as pessoas estabelecem com a cidade. O olhar foi modificado e percebido na travessia que realizamos para vermos os lugares da cidade enquanto lugares de memórias.

Aprendemos, nesta pesquisa, que é preciso dialogar com o entorno o tempo todo, não somente como professores, mas também como sujeitos na realidade. Precisamos, enquanto seres humanos, sentir-nos parte da realidade social e cultural na qual estamos inseridos.

Enquanto professores, precisamos olhar para a comunidade escolar, não como um problema a ser enfrentado, mas pensando como podemos trabalhar juntos, para que não sejamos enganados por uma história que foi inventada para ser perpetuada. Assim, precisamos considerar que essa história tem seus objetivos, mas que, também, existem outras que podem ser narradas a partir de experiências de outros sujeitos. Tomamos conhecimento de que não há os seres humanos do progresso e todos os outros, somos únicos, mas participamos do todo, formamos um patrimônio. Depende apenas de como contamos a história.

A possibilidade de transformação no Ensino de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na atual sociedade, pôde ser refletida e compreendida a partir dos conceitos de experiência e narrativa de Walter Benjamin, por meio da maneira crítica dele de estudar a vida social e política, contrapondo-se ao conservado ritmo do século XX.

O fato de Benjamin não privilegiar uma ou outra concepção, orientação científica ou opinião de partido nos fez refletir sobre o enfraquecimento da experiência pela vivência ao se trabalhar um espaço da cidade – neste caso, o Calçadão de Londrina – sem considerar os sujeitos lá inseridos no presente. O empobrecimento da narrativa artesanal de Benjamin não foi exclusivamente dos soldados que voltavam da guerra, é também a imagem do ser cidadão que, por consequência, afetou o campo educacional.

Os professores, por sua vez, tornaram-se pobres de experiência de comunicação, estão cada vez mais amarrados a burocracias, as quais os impedem de estimular o ato de narrar para se desenvolver, não somente pela troca de experiências entre alunos e professores nas salas de aulas. Esse entrave mantém um ensino, principalmente em História, estático, baseado em livros didáticos e projetos que chegam das secretarias.

Estamos certos de que, para ocorrer a mudança/transformação de pensamento, demanda tempo, entretanto, um processo precisa ser instaurado. Trata-se de um chamado à responsabilidade do professor que trabalha com a História e o Ensino de História. Diferentemente das ciências exatas, Benjamin nos mostra isso: a distinção da teoria e da prática com formas claras e objetivas. Em pesquisas no campo da educação, não há uma neutralidade, pois se trata de uma narrativa que é construída e marcada pela trajetória de quem a escreve.

O movimento do Calçadão de Londrina foi investigado, apresentado e transformado em material de estudo. Pode ser que, nas escolas, seja considerado o olhar dos sujeitos singulares da cidade ao se ensinar História para as crianças, porém, a comprovação demanda outra pesquisa. O que fica, com certeza, é a semente que foi lançada em forma de conhecimento.

REFERÊNCIAS

AISENBERG, Beatriz. *Para que y como trabajar en el aula con los conocimientos previos de los alumnos: Um aporte de la psicología genética a la didáctica de estudios sociales para la escuela primaria*. Em: AISENBERG, Beatriz; ALDEROQUI, Silvia (Orgs.). **Didáctica delas ciencias sociales: aportes y reflexiones**. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 137-162

AISENBERG, Beatriz; ALDEROQUI, Silvia (Orgs.). **Didáctica delas ciencias sociales: aportes y reflexiones**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

ALDEROQUI, Silvia. Pensar el patrimonio en la escuela. [S.l.: s.n., 20--?]. Disponível em: <http://www.dibam.cl/dinamicas/DocAdjunto_1388.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017.

ALMEIDA, Rita de Cássia Mesquita de. **Palimpsestos Urbanos**: aprendizagens históricas em tramas de memórias da cidade. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

ARAÚJO, Vanessa Barboza de. **Ensinar a ler a cidade [manuscrito]**: práticas de estudo da urbe na educação básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação, 2014.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina – 1930/1975. Londrina: EDUEL, 1998.

AUGUSTO, Luciano. Calçadão: espaço da diversidade social. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 ago. 2005. FOLHA Cidades, Tipos humanos.

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007, p. 03 - 36. Série Pesquisa, v. 3.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

_____. A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. Em: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

_____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1993. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi, da Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. **Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas**. Traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso:** memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007. Ilustrado. 204 p.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLADO, Tereza de Castro. **A experiência da origem em Walter Benjamin**. Fortaleza: EDUECE, 2006.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2, p. 93-112, inverno. 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COOPER, H. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. Tradução de Elizabeth Moreira dos Santos Schmidt e Luciana Braga. **Educar** (Editora UFPR), Curitiba, Especial, p. 171-190, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. G. Gramsci e as culturas populares na América Latina. Em: BADALANI, N. et al. **Gramsci e a América Latina**. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Mauricio Santana Dias. Em: **Revista do Patrimônio Histórico**, [S.l.], n. 23, p. 95-115, 1994.

_____. G. Gramsci e as culturas populares na América Latina. Em: BADALANI, N. et al. **Gramsci e a América Latina**. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Los usos sociales del patrimonio cultural*. Em: CRIADA, E. A. (Coord.). **Patrimonio Etnológico: nuevas perspectivas de estudio**. Andalucía: Instituto Andaluz Del Patrimonio Histórico y Comares, 1999. p. 16-33.

_____. **Lectores, espectadores e internautas**. Barcelona: Gedisa, 2007.

GIACOMINI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. **Jogos e Ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

GUEDES, Silvana Muniz. As transformações no Calçadão de Londrina: elementos para a construção de identidade. **História & Ensino**, Londrina, v. 18, p. 55-72, Especial, 2012.

_____. **O Calçadão de Londrina como lugar de memória e os desdobramentos como conteúdo a ser ensinado sobre a história da cidade nos anos iniciais do**

ensino fundamental. 2014. trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

HARA, Tony. **Oitenta vezes Londrina**: cotidiano, história e trajetórias de vida. Londrina: Kan, 2014.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOFFMANN, M. L. **Guardião de imagens**: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/hp-content/uploads/2010-maria-luisahoffmann.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2013.

HOLTZ, Edson Leme. **Noites ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. Londrina: Eduel, 2009.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela Memória**: arquitetura, monumentos, mídias. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

JANUZZI, D. de C. R. **Calçadas**: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LE GOFF, J. Memória. Em: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Iana Gomes de. et al. Olhar para a cidade: o ensino de história nas séries iniciais através de sequências didáticas. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, jul. dez. 2010.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do Conceito de Experiência na Obra de Walter Benjamin. Em: **Princípios Revista de Filosofia**, Natal, v. 20, n. 33, p. 49-484, 2013.

LOUVISON, Eliana. Prefácio: Cidade Rizomática: Território dos Desejos. Em: HARA, Tony. **Oitenta vezes Londrina**: cotidiano, história e trajetórias de vida. Londrina: Kan, 2014. p. 11-16.

MALERBA, Jurandir. **Ensaio**: teoria, história e ciências sociais. Londrina: Eduel, 2011.

MIRANDA, S.R; SIMAN, L.M.C. (Orgs.). **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7 - 28, dez. 1993.

OBRAS no Calçadão revelam parte da história de Londrina. **Jornal de Londrina**, Londrina, 7 ago. 2011. Editoria Cidade, p. 7.

OLIVEIRA, S. R. F. História. Em: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações pedagógicas para os anos iniciais. Curitiba: SEED, 2010. p. 119-134.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004.

POWELL, Richard A.; SINGLE, HELEN M. *Focus Groups*. **International journal for quality in health care**, Oxford University Press, v. 8, n.5, pp. 499-504, 1996.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Apropriações de alunos do ensino médio quanto à história da cidade de Londrina-PR. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 60 - 95, set. dez. 2011.

RETRATOS Fimados: a poesia da memória dos moradores da região oeste de Londrina. Produção e coordenação: Luis Henrique Mioto, Rodrigo Prado Evangelista, Lis Sayuri, Linduina Amaro Brasil e Pedro José Varanese. Londrina, 2015

SAGA Cidade. Direção: Luis Henrique Mioto e Rodrigo Prado Evangelista, Produção: Bruna Stéphanie Mello Gonçalves, Luis Henrique Mioto, Maria Teresa Pintar e Rodrigo Prado Evangelista. Londrina, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Rafael Nascimento da. **Entre o SIM e o NÃO**: história da emancipação política de Tamarana e seu ensino na escola. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. Em: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

YAMAKI, Humberto. Caminho de pedras. **Folha de Londrina**, Londrina, 14 ago. 2011. Espaço aberto.

_____. **Praças históricas**: avaliação do caráter. Londrina: Humanidades, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Imagens:

LONDRINA. **Museu Histórico de Londrina**. Londrina, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Folder do curso

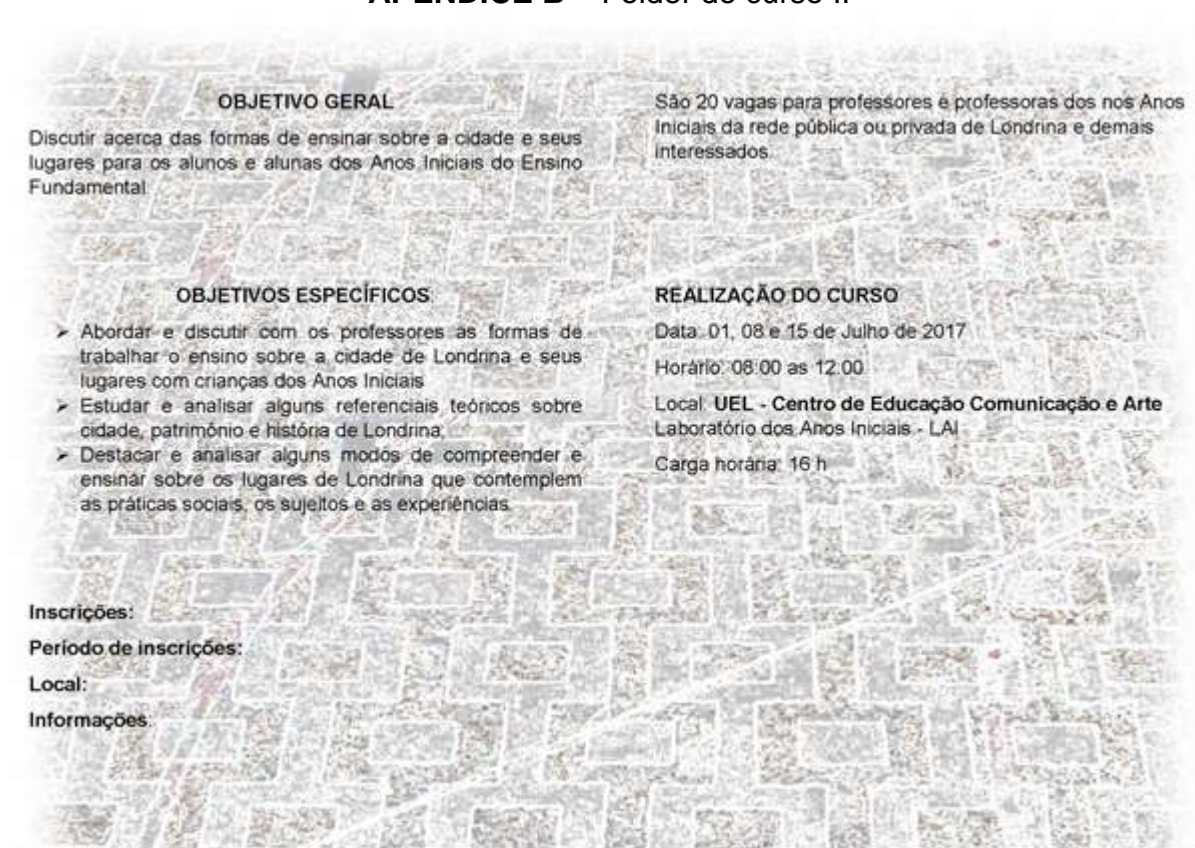
Organização

Apoio

Certificação



APÊNDICE B – Folder do curso II



OBJETIVO GERAL

Discutir acerca das formas de ensinar sobre a cidade e seus lugares para os alunos e alunas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Abordar e discutir com os professores as formas de trabalhar o ensino sobre a cidade de Londrina e seus lugares com crianças dos Anos Iniciais
- Estudar e analisar alguns referenciais teóricos sobre cidade, patrimônio e história de Londrina.
- Destacar e analisar alguns modos de compreender e ensinar sobre os lugares de Londrina que contemplem as práticas sociais, os sujeitos e as experiências.

REALIZAÇÃO DO CURSO

Data: 01, 08 e 15 de Julho de 2017

Horário: 08:00 as 12:00

Local: UEL - Centro de Educação Comunicação e Arte
Laboratório dos Anos Iniciais - LAI

Carga horária: 16 h

São 20 vagas para professores e professoras dos nos Anos Iniciais da rede pública ou privada de Londrina e demais interessados.

Inscrições:

Período de inscrições:

Local:

Informações:

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista

Nome

Idade

Cidade natal

Onde mora

Desenvolve outra atividade em outro lugar? Quais?

Se você pudesse escolher alguns lugares de Londrina para serem guardados, quais seriam e por quê?

Conte sobre a atividade que desenvolve aqui. Por que aqui? Desde quando?

Se lembra da primeira vez?

Em sua opinião, o Calçadão de Londrina pertence a alguém? Quem? Por quê?

Já viveu momentos marcantes aqui? Foi importante? Fale sobre. Recordações.

Qual a importância desse espaço para você?

Como é a relação com outras pessoas?

Fez amigos?

Na sua opinião, como você é visto por outras pessoas?

Para você, há quanto tempo existe o Calçadão de Londrina? Esse espaço sempre foi assim? Como chegou à conclusão?

Que outras atividades são desenvolvidas aqui? Pra você, sempre foi assim?

Você já frequentou esse espaço em outros horários, fim de semana, feriado? Pra você, como é o movimento aqui nesses dias e horários? (Noite, fim de semana e feriado)

Na sua opinião, as transformações físicas também transformaram a relação entre as pessoas? Por quê?

Você mudaria algo nesse espaço? Por quê?

Na sua opinião, o que é o Calçadão de Londrina para outras pessoas? Fale sobre.

Você frequentou a escola? Caso sim, até que período escolar?

Percebe ações educativas no Calçadão? Caso sim, citar.

Se pudesse ensinar algo sobre o Calçadão de Londrina para as crianças, o que seria e por quê?

Para finalizar, uma palavra que descreve o Calçadão de Londrina.

APÊNDICE D – Textos produzidos para curso com professores

Calçadão de Londrina - O QUE SABEMOS SOBRE O LUGAR?

Silvana Muniz Guedes

O Calçadão de Londrina está localizado no centro da cidade, precisamente na Avenida Paraná, abrange cinco quarteirões: Rua Prefeito Hugo Cabral (Praça Jorge Danielidades) à Rua Minas Gerais (Praça Willie Davis), as praças centrais são: Gabriel Martins e Marechal Floriano Peixoto⁴².

O presente texto tem como objetivo realizar uma abordagem acerca da história do Calçadão de Londrina. Trata-se de uma trajetória de 6 anos de pesquisa a qual apresenta o Calçadão de Londrina como uma rua de pedestre, onde a liberdade de ir e vir que se faz presente nesse local público. É um espaço de todos e lugar de muitos, pois não são todos os frequentadores que atribuem algum tipo de valor a esse espaço, para alguns, por exemplo, é indiferente ser rua ou calçadão. Mais do que uma rua de comércio, o Calçadão de Londrina possui sua pluralidade devido as interferências humanas - característica principal em diferentes contextos.

As primícias da história desse lugar se entrelaça com a história de Londrina à medida que a Avenida Paraná adquire sua importância para as pessoas que viviam na cidade bem como para os que a visitavam devido as várias formas de utilização desse espaço. Nesse sentido, considerando que o homem transforma sua realidade modificando o ambiente a seu favor, de uma mata fechada criaram a cidade de Londrina que ganhou uma importante avenida no centro a Avenida Paraná, o chão que era terra recebeu paralelepípedo, passou a ser asfalto e, por causa do grande número de londrinenses e visitantes ela se transformou em rua de pedestres.

Esse feito foi possível graças a expansão urbana

⁴² A Praça Marechal Floriano Peixoto conhecida popularmente como Praça da Bandeira não possui o mesmo piso nem os mobiliários semelhantes ao do calçadão e das outras Praças, que passaram por uma reforma considerável. Na Praça MFP os mobiliários e decoração ainda são mantidos e datam do início da cidade. Sua localização está em um espaço elevado separada do Calçadão apenas por uma rampa de acesso, escadarias e floreiras.

londrinense que se deu em razão da produção cafeeira no norte do Paraná (ARIAS NETO, 1995). Londrina nos anos 1950 se destacou economicamente como uma das principais cidades do interior do Brasil e viu o número de habitantes disparar, passando de 20.000 para 75.000, quase metade deles alocados na zona rural (GUEDES, 2012, p. 6). Vinte anos após, esse número teve um salto para 230.000 habitantes (<http://www.londrina.pr.gov.br>), provocando um aumento no fluxo de automóveis e pedestres principalmente no centro da cidade.

Essa situação demandou alterações, precisamente no entorno da igreja matriz, onde se concentrava grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços que se estendia pela Avenida Paraná, a qual foi se consolidando como uma das principais ruas de comércio do centro de Londrina, além de ser a principal ligação entre as cidades de Cambé e Jataizinho (Jornal Folha de Londrina, 21 de agosto de 2005).

A criação de ruas de pedestres, no centro das cidades, foi parte de uma estratégia maior para equilibrar mudanças que incluíam rupturas no tráfego de veículos e alterações nos hábitos de fazer compras. Em sua tese de doutorado Januzzi (2006) explica que a criação de ruas de pedestres, no centro das cidades, foi parte de uma estratégia maior para equilibrar mudanças que incluíam rupturas no tráfego de veículos e alterações nos hábitos de fazer compras. Esse estudo indica que por ser o palco para as comemorações de um município a avenida principal de uma cidade é escolhida para ser transformada em calçadão, seguindo um conjunto de normas pré estabelecidas.

A autora aponta que as ruas de pedestres, devem ser um lugar agradável para as pessoas favorecendo a interação social com espaços para o pedestre caminhar, conversar, sentar, brincar. As atividades promocionais como espetáculos, feiras, comícios, desfiles, devem ser pensadas levando em consideração as diversidades humanas, ou seja, para todos os grupos de idades e para os portadores de deficiências.

Nos registros históricos, já existia calçadões na Idade Média com conotação para escambo em meio aos vilarejos, mas eles começam a aparecer a partir da década de 1950 na Alemanha. Doravante a década de

1970, com o aumento da frota automotiva, o conflito entre pedestres e veículos se intensificou, possibilitando a criação de inúmeras ruas de pedestres pelo mundo.

Em Londrina, a situação não foi diferente. O Calçadão de Londrina - rua de pedestre - foi inaugurado em 1978 e seu projeto incluía a retirada do fluxo de veículos do anel central com vistas a proporcionar espaço para a população circular livremente, conforme apresenta o jornal Folha de Londrina: “A Prefeitura queria modernizar o centro [...] havia a necessidade de reorganizar o sistema de circulação do anel central privilegiando o comércio e o lazer.” (29/08/2003, p.3).

Inicialmente, contava com apenas três quarteirões e duas Praças: Willie Davids e Gabriel Martins, entre as ruas Minas Gerais e Professor João Candido. O projeto foi apresentado à imprensa em 31 de maio de 1977, e divulgado em matéria de capa pela Folha de Londrina.

O centro de Londrina passará por uma reurbanização quase completa, segundo o projeto apresentado ontem pelo prefeito Antônio Belinatti e outras autoridades e à imprensa, pelo arquiteto Jaime Lerner e sua equipe, que vieram especialmente para este fim. Será criada a “rua de pedestres”, ao tempo em que passarão por completa transformação as praças Primeiro de Maio, Willie Davis e Marechal Floriano, bem com as áreas adjacentes ao Bosque. (...) A urbanização compreenderá áreas de lazer, como quiosques, bares, sorveterias, telefones, bancas de revistas, palco para “roda de música”, abrigos para comercialização artesanal, teatrinho para crianças (...) ao tempo em que se estabelecerá mudanças no sistema viário, afastando da área central o automóvel. (JORNAL FOLHA DE LONDRINA, 31 DE MAIO DE 1977).

Em 1989, o Calçadão de Londrina foi expandido ao longo de mais duas quadras, até a rua Prefeito Hugo Cabral, totalizando cinco quarteirões e quatro Praças e transformou o modo de viver das pessoas que por lá transitam.

O piso da Avenida Paraná está coberto pelo calçadão, o espaço é de convivência e as pessoas tem liberdade para passear, comprar, conversar, trabalhar, e aparentemente se sentem seguras para realizar tais atividades, o que o transforma também em lugar na medida que os sujeitos atribuem um significado particular, pois, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983), possibilitando experiências únicas entre cada pessoa e o espaço.

Em 2010, iniciou-se uma reforma significativa no Calçadão de Londrina alterando a paisagem desse espaço. Foram retiradas bancas de revistas, lanchonetes,

choperias e floriculturas. Manteve-se o desenho do piso, no entanto, o material e as cores foram trocados, mobiliários foram trocados, instalação de piso tátil foi realizada, o espaço ficou com a sensação de amplitude. Tais mudanças geraram discussões por parte da população e alguns questionamentos surgiram como a perda da identidade do calçadão como patrimônio histórico.

O Arquiteto e pesquisador da Universidade Estadual de Londrina Humberto Yamaki, publicou um artigo no jornal Folha de Londrina considerando o questionamento acima: “Londrina deveria considerar como prioridade o tombamento do calçadão com o que resta do piso *petit pavé*”. (Yamaki, apud. Jornal Folha de Londrina 14/08/2011).

A discussão se alarga quando entra em debate a preservação ou não do único quarteirão do Calçadão de Londrina que não passou pela reforma assim como os outros quarteirões. Nesse espaço se encontra o Cine Teatro Ouro Verde, inaugurado em 1952. É um local marcado pela importância na história de Londrina, ainda que todos os demais espaços também o sejam. A ação do tempo tem deixado sua marca e é possível identificar sinais do abandono nos bancos de madeira deteriorados. No entanto, o mesmo permanece movimentado e os comerciantes, formal ou informal mantem a atração dos transeuntes.

O Calçadão de Londrina cumpre as exigências e os objetivos de uma rua de pedestre oferecendo feiras de artesanato, onde as pessoas podem conhecer um pouco do que é produzido na região; fazer compras nas diversas lojas comerciais existentes nesse local; podem caminhar livremente; há bancos disponíveis para sentar, além das manifestações culturais e sociais que servem como atrativos. As praças anexas ao calçadão completam o que tem de melhor nesse espaço com árvores, bancos, iluminação e local de passagem para pedestres. De certa forma, o espaço cumpre sua função social e cria condições de convívio no cotidiano como passeios, compras, facilidade de locomoção ou observação.

Considerando a diversidade de atividades desenvolvidas nesse local, o Calçadão de Londrina se relaciona com a concepção de patrimônio cultural no que tange as relações sociais pois, “a experiência de vida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modo de usar os bens e os espaços físicos” (CANCLINI, 1988, p. 99.). Assim, é necessário pensar e construir possibilidades de

educação voltadas a preservação dos diferentes bens patrimoniais.

As experiências compartilhadas pelos frequentadores desse local quer seja via comércio, manifestação, exposição, feira, apresentação artísticas, ponto de encontro, e desencontro dos que também somente passam por lá, faz dele um Patrimônio. O valor atribuído ao espaço em questão coloca-o como patrimônio por entendermos que esse conceito, de

OUTROS OLHARES PARA O CALÇADÃO DE LONDRINA

Silvana Muniz Guedes

Fatores como: o fluxo veloz de informações, a quantidade de propagandas nos veículos de comunicação, a rápida transformação da moda quer seja de roupas, eletroeletrônicos, automóveis, enfim, uma infinidade de transformações tem provocado que as experiências vivenciadas pelas pessoas sejam cada vez mais rápidas e superficiais. Passar por um local, por exemplo, somente com objetivo de chegar ao outro local, se tornou um ato consuetudinário (Heller, 2016). Não realizamos mais uma travessia e o local passa a ser somente de passagem.

Nessas passagens pelo calçadão e Londrina houve a necessidade de parada, observação, reflexão. Como resultado, três pessoas foram entrevistadas como forma de considerar algumas das tantas vozes que produzem o movimento do Calçadão de Londrina. Assim, nesse texto, dispomos a apresentar a experiência singular e outros olhares que três mulheres desenvolvem com e no cotidiano desse espaço público. Elas tem em comum a atividade econômica formal e informal. O que elas teriam a nos contar sobre o Calçadão de Londrina que podem nos auxiliar no ensino sobre a cidade na escola? Quais são suas experiências nesse espaço? Como se relacionam com outras pessoas dali? A transformação arquitetônica, efetuada por meio das reformas, provocou também alterações na forma das pessoas se relacionarem?

Permanecendo no local, foi observado o lugar onde as entrevistadas desempenham suas funções, foi analisado de perto a realização das suas atividades, assim como foi vivenciado uma parte do cotidiano e interagido com o mesmo para se aproximar das entrevistadas. Todo esse movimento se tornou necessário para estabelecer laço de confiança e receber tais narrativas. Essas três mulheres estão no Calçadão

acordo com Canclini (1994), não é algo distante da vida das pessoas e sim parte integrante do cotidiano delas.

de Londrina há mais de 20 anos e exercem suas atividades em um espaço onde o comércio, história, fé e cultura se misturam diariamente.

Uma artesã vinda de Minas Gerais na divisa com Bahia, exerce uma atividade de trabalho a margem do comércio formal. Moradora da zona norte da cidade, fabrica e vende acessórios para homens e mulheres como mochilas em tecido, pulseiras e braceletes em couro, colares de diversos materiais além de apanhador de sonho feitos com penas linhas e madeiras, há vários outros produtos a venda que não são de sua fabricação como os de metal e aço. O material para confecção dos produtos são comprados em São Paulo e segundo ela, é sabido que alguns desses materiais tem origem do nordeste brasileiro. Ela exerce sua atividade em horário comercial, faça chuva ou faça sol. Sua banca possui uma cobertura para proteger da imprevisibilidade da natureza e é todos os dias instalada no quarteirão Popular e Erudito.

Nesse espaço, segundo a artesã, ficam os hippies, que de acordo com ela só podem praticar suas atividades nesse espaço do Calçadão, permissão essa concedida pela Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização de Londrina, CMTU. Já do outro lado, acima da Praça Willie Davis, fica uma feira de artesanato pertencente a prefeitura, com barracas próprias e padronizadas. A artesã é uma senhora calma de fala mansa, com um lenço na cabeça que deixa alguns fios de seu cabelo branco a mostra. Sua narrativa conta uma história cujo eixo é a luta por direitos.

No quarteirão Política, do calçadão está Lucimara em frente uma agência bancária, uma mulher com problemas físicos que a impendem de andar, ela tem seu ponto garantido onde qual passa mais de seis horas por dia, seis dias da semana, sentada dentro de um carrinho de bebê pedindo ajuda financeira para seguir sua vida. Muito falante e com uma voz aguda, ela não considera sua atividade um

trabalho mas concorda que o tempo que passa ali e o objetivo de estar no local pode, de certa forma, se enquadrar como uma forma trabalho não formal. Se pudesse até trabalharia, pois vive com a mãe, uma senhora que abdicou de uma vida para cuidar da filha deficiente

Seu ciclo de amizade é muito grande nesse espaço e alguns se preocupam com quem se aproxima dela, outros ficam a sua volta, muitos passam e a cumprimenta, crianças só a observam. Sua maior vontade é aprender escrever “mais corretamente”. Não frequentou a escola devido a sua especificidade e o que sabe foi apreendido por meio da convivência com as pessoas. Ela se apropriou afetivamente do espaço em questão, ainda que manifeste querer estar em outro espaço, e o transformou em seu lugar.

Para ela é cansativo ficar sentada por quase sete horas seguidas, sente dor, incomodo, se frustra, mas a necessidade vai além, por conta disso fica mau humorada e sem paciência. “Nessa condição que estou as pessoas é que deveriam ter paciência comigo né” (Lucimara, 2017). Ela presta muita atenção na fisionomia das pessoas que por ali passam e vê o lugar como um espaço neutro, não é de ninguém mas é de todos. Faz uso de axiomas quando se refere a uma senhora, diz ser “do condomínio fechado”, ou seja, pessoa que não se mistura, diz também das pessoas “pinheiro”. Apesar de morar em Londrina há muitos anos não conhece muito bem a cidade pois leva uma vida com limitações.

O calçadão para Lucimara é um lugar de lembranças tristes e engraçadas, é onde se vê de tudo, pessoas são as mais diversas e é possível ver além das pessoas, como por exemplo a moda, o que está usando nas novelas, as músicas, etc. Há lembranças de ornamentos e objetos além de móveis que existiram. Alguns como um relógio, tinham sua importância. Mas as amigas são o que importa. Sabe também que ai ainda é Avenida Paraná e que o movimento altera conforme o horário e dia.

Fechando o grupo de pessoas entrevistadas, em uma das pontas do calçadão, especificamente no quarteirão Passagem, está uma pastelaria, comércio que existe no mesmo local há mais de três décadas, o fundador da pastelaria Utopia já é falecido e seus filhos deram continuidade a experiência do pai. A comerciante Isabel, de descendência japonesa, trabalha em um estabelecimento organizado formalmente e com sede fixa. Formada em Artes Visuais pela

Universidade Estadual de Londrina é muito simpática e atenciosa com todos, deixou de lado a arte para continuar com o negócio da família.

Ela apontou fatos históricos do lugar como a construção do Calçadão por cima da Avenida Paraná e os benefícios que essa transformação acarretou para a população. Porém, um fator que ela considera ter que melhorar é a manutenção, por trabalhar em frente a fonte de água ela observa vários descaso tanto da população quanto da administração da cidade. Ela cuida de algumas floreiras que fica em frente a pastelaria, planta flores, arranca as ervas daninhas, molha, mas diz não ser o suficiente e se cada um fizesse sua parte o Calçadão ficaria mais bonito.

Gosta muito de conversar com pessoas para conhece-las e ouvir suas experiências. No comércio está a vontade, não tem necessidade de modificar nada, tem amizade com os vizinhos e o clima familiar é o que mais importa. A comerciante Isabel, herdeira de uma pastelaria, tem seu afeto construído com o local pelo que ele proporciona as pessoas em termos de convivência, paisagem, lembrança. Esse afeto, no sentido posto por Yi-Fu Tuan, se mistura com o fator financeiro presente nas atividades

Algumas temáticas em comum foram encontradas na experiência dessas três vozes: sobrevivência, descaso, interesse político, experiências agradáveis, situações gratificantes, algumas tensões e fatos marcantes sobre história do local. Mas cada uma elabora uma narrativa diferente sobre o espaço ancorada na sua experiência. Trata-se de histórias nas quais o espaço, entendido como lugar de memória, vincula-se as singularidades dos sujeitos. Essas mulheres buscaram em suas memórias fatos do passado e diante da conversa e da entrevista, selecionaram aqueles que consideraram importantes para compor a narrativa.

Conclui-se que essas pessoas apropriaram-se do espaço do Calçadão de Londrina transformando-o em lugar, conforme argumenta Yi-Fu Tuan, para quem lugar está relacionado á afetividade: “sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203). O mesmo com a artesã Maria Aparecida, que para se manter em um sistema de comércio já posto, lutou por um espaço de trabalho no Calçadão de Londrina e fez dele seu lugar.

Historicamente a construção do Calçadão de Londrina aproximou as pessoas proporcionando uma

convivência familiar. Mais que um ponto de referência há solidariedade e compaixão entre os que lá permanecem diariamente seja para trabalhar, ou passar o tempo, ou simplesmente passar.

As três mulheres, ao narrar, transmitiram ensinamentos adquiridos da própria experiência, do

O PATRIMÔNIO NO COTIDIANO DO LUGAR E AS RELAÇÕES PESSOAIS

Silvana Muniz Guedes

O Calçadão de Londrina faz parte do cotidiano de muitas pessoas que lá desenvolvem atividades diversas: transitam, passeiam, fazem compras, conversam, descansam, trabalham, se divertem, reivindicam, protestam, dentre tantos outros acontecimentos que marcam esse local. Nesse espaço há uma infinidade de experiências singulares que permite criar várias narrativas acerca da história desse espaço.

Desta forma, o objetivo neste texto é expor parte do movimento cotidiano do Calçadão de Londrina, captados pela observação realizada em trabalho de campo, dialogando com teorias que tratam do sujeito e sua relação com a cidade, considerando também o olhar sensível para a multiculturalidade presente no espaço urbano. Para tanto, recorreremos a ideia de Siman e Miranda (2013), quando apontam que são nas diversas experiências que emergem diferentes “*formas de sensibilidades urbanas*” (SIMAN e MIRANDA, 2013, p. 63). O olhar sensível exige parar, sentar, caminhar, ouvir, sentir, vivenciar e refletir sobre o local para saber o que ele tem a oferecer que no dia a dia foge ao nosso olhar.

Compreende-se que o cotidiano da cidade é fonte de inspiração para trabalhos acadêmicos e ou em escolas, que se propõem discutir o movimento deste espaço a partir dos sujeitos que lá desenvolvem as mais diversas experiências e lá vivem cotidianamente. Numa perspectiva benjaminiana, não se trata de desprezar o passado posto em pedras, tijolos e concreto, é preciso considerar que os espaços ocupados, por nós humanos, tem vida e pulsa, e somos nós, sujeitos “*cidadinos*” que reinterpretamos e ressignificamos a cidade.

encontro do corpo com o cotidiano do espaço transformado em lugar por meio da experiência advinda da “*vivência*” (BENJAMIN), e isso se mantém na memória das pessoas e pode chegar ao ouvinte interessado, que por vez, pode materializar essa memória com intuito de contar para próximas gerações.

Nesse sentido, a cidade não é apenas uma bela vista de construções monumentais, patrimônios escolhidos para serem preservados ou simplesmente ruínas sem valor. A cidade é:

[...] uma questão viva e pulsante, atinente a uma multiplicidade de experiências humanas ao longo do tempo, e dispersa por múltiplos espaços, a cidade é hoje um espaço no qual se materializam boa parte dos problemas e desafios interpostos para as sociedades no presente e no futuro, o que vem provocando, em proporções mundiais, reflexões acerca de caminhos de construções de seus projetos tanto no passado próximo quanto no distante [...] (SIMAN e MIRANDA, 2013, p. 63).

Afinal, é por meio da relação sensível com a memória posta, e, com o que a cidade nos oferece para ler, ver, escutar e sentir que se faz História.

Quem nasceu e vive em Londrina, ou que veio pra cidade após a década de 1980, convive com o Calçadão como sendo uma construção (im) posta. Ao pensar no centro da cidade a imagem do calçadão e o que ele possui, já vem à mente as lojas, as praças, o desenho do piso. Entretanto, o movimento geral do calçadão se resume em pessoas que se esbarram, caminham com fone de ouvido, conversam sozinhas, se relacionam com objetos eletrônicos, sentam sozinhas, acompanhadas, expõe a sua fé, namoram, brigam, ficam em silêncio.

Ao analisar o Calçadão de Londrina pode-se constatar que esse espaço se subdivide em outros espaços distintos, são cinco quarteirões em que as diferenças de cada pode ser identificadas, cada qual com suas particularidades de frequentadores e de comércio. Nesse sentido, nomeamos cada quarteirão com o que mais se destaca em cada um. Antes de prosseguir com a leitura nomeie as imagens de acordo com a tabela abaixo:

Passagem	Ponto de encontro e fé	Desejo	Popular e erudito	Política
----------	------------------------	--------	-------------------	----------

Quarteirão 1 entre as ruas Prefeito Hugo Cabral e Pernambuco



Quarteirão 2 entre as ruas Pernambuco e Professor João Candido



Quarteirão 3 entre as ruas Professor João Candido e Avenida São Paulo



Quarteirão 4 entre as Avenidas São Paulo e Rio de Janeiro



Quarteirão 5 entre a Avenida Rio de Janeiro e Rua Minas Gerais



Considerando a particularidade de cada quarteirão a estrutura ficou da seguinte forma: quarteirão 1 PASSAGEM, quarteirão 2 DESEJO, quarteirão 3 POLÍTICA, quarteirão 4 PONTO DE ENCONTRO E FÉ E QUARTEIRÃO 5 POPULAR E ERUDITO.

PASSAGEM: A característica principal identificada nesse primeiro quarteirão é definida pela palavra “passagem”. Por estar em uma das pontas, a sensação é de que quem passa por ali está chegando ou saindo do calçadão. Esse espaço possui, em estrutura física, elementos de uso público como bebedouro, bancos, piso tátil pra deficientes, telefone público, iluminação, uma fonte de água. O local é bem arejado e iluminado, a arborização ainda é composta por pequenas árvores (pois na reforma trocaram tudo), arbustos plantados recentemente e flores ornamentais.



Esse teve um praça anexada que se perdeu na memória da população da cidade pois, de todas as praças que compõem o espaço, está é a única da qual é mais difícil encontrar relatos e referências. Uma marca do tempo que está agora apenas em uma placa exposta e escondida por grandes containers que servem como depósito de lixo. Quiçá esteja na memória de alguém, ou não.

A praça leva o nome da família - Danielides - proprietária desse posto de combustível, segundo uma comerciante local. Em outros tempos, os carros

cruzavam a Avenida Paraná para ir a cidades de Jataizinho e Cambé, e este espaço era a entrada ou saída para esse trajeto, sendo separada pela pequena praça Jorge Danielides. Devido ao eixo rodoviário construído em torno da cidade, essa ação foi se modificando. Atualmente, com o Calçadão, a impressão que se tem é que essa ligação foi interrompida, bloqueada pela grande calçada e a retirada da praça. No entanto, continua sendo uma linha que liga as três cidades.

O trânsito de pessoas é menor do que os dos demais espaços do Calçadão, os bancos são, na maior parte do tempo, utilizados por senhores e senhoras, moradores na redondeza, que sentam para conversar. O tipo de comércio ali presente, pressupõe passagem: agências bancárias, as pessoas passam, entram para realizar questões financeiras, saem e passam novamente; é alta a rotatividade de diversos comércios como grandes magazines e pequenas lojas que já ocuparam esse espaço, a exemplo: Magazine Luiza e Casas Bahia, mas não ficaram por muito tempo não deixando outro tipo de marca que não de passagem. Também não há vitrines que chamem atenção.

Alguns mais jovens até param e sentam nos bancos, mas é para aguardar alguém. O restaurante é bastante frequentado, a pastelaria, que está nesse local há 35 (trinta e cinco) anos e a padaria, que apesar da rotatividade de proprietários, está também há 30 anos nesse espaço. O lugar tem significado para alguns de amizade, o bom relacionamento entre as pessoas do comércio faz com que se dirijam umas as outras, quer seja funcionário ou gerente/proprietário, pelo nome, o mesmo ocorre com os comerciantes informais da feira de artesanato que dia ou outro estão expondo seus produtos.

Esse quarteirão sofreu alterações ao longo de sua história. Foi o último a ser construído na constituição do Calçadão e o primeiro a sofrer alterações quando da reforma de 2010.

Na década de 1990 foi inaugurado nesse espaço um coreto que dava um ar de cidade pequena de interior. A imagem mostra uma manifestação dos estudantes secundaristas, na qual eles reivindicavam quanto a aprovação da política de cotas e pelo passe livre em 2005.



Quando o coreto foi retirado ampliou-se o espaço para o trânsito de pessoas e foi instalada a fonte de água. Essas tentativas de fazer do local mais que um espaço de passagem, parece não funcionar.

Os espaços não são os únicos a sofrerem influência direta da forma como organizamos o tempo em nossa sociedade – tempo do trabalho, tempo do lazer, tempo de estudo. Os catadores de papel passam por aqui ao final do dia, tomam água no bebedouro, arrumam suas mercadorias, descansam nos bancos enquanto os trabalhadores “formais” passam com seus uniformes, olhando para seus celulares, com aparência cansada e sempre com pressa, parece não haver tempo para sentar e descansar em um banco. Quais seriam as escolhas, as decisões, as singularidades que os diferenciam nesse espaço comum?

DESEJO: A Rua Pernambuco estabelece o limite com o quarteirão anterior que denominamos de Passagem. Nesse espaço a paisagem já modifica. É um quarteirão estreito localizado entre dois importantes quarteirões, um por ser de ponta e o outro pela relação histórica com a cidade.

Os prédios, na maioria residenciais, são mais altos e próximos um aos outros. As marquises das construções ficam mais próximas umas das outras por ser um espaço



mais estreito, assim como as árvores que permaneceram após a reforma de 2010. Tem-se a sensação de ser um lugar mais escuro se comparado ao quarteirão anterior. Duas fachadas de prédio chamam a atenção, uma vermelha datada do início da cidade e outra fechada em vidros que remete a tempos atuais. Estão lado a lado comprovando as mudanças e as transformações da cidade ao longo do tempo.

As alterações no quarteirão do desejo na última reforma não foram tão significativas quanto no quarteirão anterior, da passagem, não tem bebedouro, nem fonte. Tem agência bancária, lojas de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, móveis, roupas, tabelionato de notas, loja de presentes e fotografia, lojas joalheiras. Há também lojas tradicionais como as Lojas Americanas e a Loja Riachuelo, cujas instalações foram alteradas com o passar das décadas, transformadas interna e externamente, em decorrência da modernização de equipamentos em prol a atrair clientes, os frequentadores do calçadão.

Um funcionário da loja Riachuelo relata que a loja foi inaugurada na cidade no dia 08 de novembro de 1973, na rua Sergipe e não soube informar quando nem o motivo da mudança das instalações para a Avenida Paraná. Provavelmente a razão tenha sido o movimento e a importância desse local. A primeira escada rolante da cidade de Londrina foi instalada nas Lojas Americanas e, conforme relata uma frequentadora da loja: “Na inauguração de tal escada, não me lembro quando, fazíamos fila para andar de escada rolante e tínhamos medo de prender o pé. Hoje é a mesma escada e as marcas do tempo estão nela”. (S.R.F.O. 2016)

Podemos interpretar esses breves relatos recorrendo a Pierre Nora (1993) quando o mesmo diz que se tratam de representações do passado enquanto memória do processo vivido. Transpondo a abordagem para o campo benjaminiano, trata-se da “vivência” (Erlebnis) da experiência no campo da sensibilidade. A memória dessa frequentadora da loja Americanas, não apenas contribui para narrar um fato, como se torna uma importante experiência (Erlebnis) inteira e verdadeiramente conectada a realidade:

Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o a vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. (BENJAMIN, 1994, P.10).

Um senhor que toca acordeom em frente às Lojas Americanas confere som a esse espaço, as vezes calmo outras acelerado. Quem, por algum interesse gosta, deixa sua contribuição, as crianças se encantam, aliás, as crianças são as que mais se encantam com as “diferenças” no Calçadão de Londrina.

O que marca esse quarteirão é o desejo e o encanto, pois os transeuntes, em sua maioria, admiram os produtos expostos como se o cérebro estivesse programado para isso. Funciona quase como um ritual: é obrigatório parar, olhar e desejar. Aqui as vitrines encantam e o desejo está estampado no rosto de cada um que para, olha, aprecia, compra (ou não). Há àqueles sujeitos solitários, que não estão ali nem para comprar, nem passear, nem desejar, somente sentar e parar, estacionar um pouco a vida em um local de grande movimento, um lugar de pausa. À noite, apesar dos edifícios residenciais, não tem presença de moradores, ele se torna também lugar de passagem.

POLÍTICA: Esse espaço é amplo, tem a Praça Gabriel Martins, ponto de taxi, agências bancárias, lojas diversas, bancos para sentar, flores, árvores, uma galeria de lojas reformada que já abrigou o histórico cinema Cine Augustus. Esse quarteirão carrega a história de ser um espaço de expressão da população em termos de religião, política partidária e dos mais variados temas, espaço no qual as pessoas são ativas e as trocas de opiniões são constantes.



Os senhores, em sua maioria aposentados, se reúnem para “por” a conversa em dia, discutem sobre a economia, política, família, são verdadeiros possuidores de opiniões e soluções para diversos tipos de problemas que assolam nosso país. Falam com propriedade acerca das mudanças ocorridas nesse espaço, relembram de

fatos históricos como a inauguração do Calçadão de Londrina, buscam na memória fatos e acontecimentos de quando aqui ainda era o asfalto da Avenida Paraná e a Praça se destacava, tempo em que as praças tornaram-se espaços ornamentados com árvores e canteiros de flores, o que favorecia a interação.

Muitos trabalhos em prol da comunidade, como política social, são realizados: campanha da vacinação, dia de atividade beneficente, corte solidário – cabeleireiros realizam cortes de cabelos com preços acessíveis, dentre outros. Há também propaganda do time de futebol da cidade, o Londrina Esporte Clube – Tubarão, presença da viatura Militar, mostrando que o espaço está seguro, pessoas conversando o tempo todo, indo e vindo de um lado para o outro em meio a prédios da década de 1950, de décadas anteriores e fachadas recentes.

Até o ano de 2010 os quiosques faziam parte desse espaço e além de água as pessoas também podiam tomar um café, comer um lanche e até ouvir um samba, comprar um jornal ou flores. Esses estabelecimentos proporcionava uma relação diferenciada entre as pessoas e o espaço pois havia o chamamento para a parada, para o lazer e para o consumo mais direcionado à descontração. É difícil tecer conclusões a respeito pois, por exemplo, a retirada dos quiosques com as lanchonetes e cafés teve como ponto positivo a ampliação do espaço para o trânsito livre de pessoas, como as passeatas, e por outro lado, como ponto negativo a eliminação de um local utilizado por muitos como ponto fixo para encontros diários.

As manifestações, geralmente, tem início nesse quarteirão do Calçadão de Londrina. Toda atividade diferente realizada logo chama a atenção dos que passam, e diferentemente dos quarteirões anteriores, se há um grupo de pessoas reunidas é porque algo está acontecendo - uma apresentação, uma manifestação, a demonstração de um trabalho, os que passam param, nem que seja meio segundo, para ver o que é, alguns ficam observando curiosos, por um bom tempo.

O movimento das pessoas no local faz com que o mesmo tenha uma pulsação distinta dos demais espaços que compõem o Calçadão de Londrina: as pessoas transitam entrando e saindo das lojas, dos bancos, há muitas rodas de conversas, os taxistas ficam em um canto que, cremos ser proposital, no qual as sombras das árvores antigas prevalecem, bilhetes

de loteria são vendidos, negócios são fechados, opiniões são declaradas, acatadas e contestadas e várias manifestações são realizadas e, em alguns casos, os grupos saem em passeata em direção a Concha Acústica.

PONTO DE ENCONTRO E FÉ: Esse quarteirão também possui um formato estreito por ser outra parte da Avenida Paraná em seu curso reto, mas de um lado há prédios residenciais e comerciais e, do outro, a Praça Marechal Floriano Peixoto. Foi o último quarteirão do calçadão a passar por reforma, os bancos para as pessoas sentarem são novos, tem telefones públicos, árvores, bebedouro, floreiras, luminárias e lixeiras.



O destaque nesse espaço são os encontros: encontro entre amigos, namorados, conhecidos, encontro com o descanso, encontro com a fé, pois logo acima da Praça está a Catedral Metropolitana de Londrina e, no Calçadão, abaixo da Praça, um Pastor faz suas pregações, encontro com a parada mesmo, pois há sempre uma atividade sendo desenvolvida aqui. Localizado entre as Avenidas São Paulo e Rio de Janeiro, acredita-se que o que propicia estes encontros seja a Praça conhecida por alguns como Praça da Bandeira. Importante lembrar sempre que esse é um espaço plural, logo, esses encontros fazem parte dessa pluralidade. Todavia, essa pluralidade faz de toda a rua de pedestre um espaço singular.

Estudiosos sobre a história da cidade apontam que esse trecho já era ponto de encontro das pessoas em outras décadas. Era nesse quarteirão e no próximo (5) que acontecia o *footing*⁴³ da cidade (YAMAKI, 2008). As pessoas saíam da missa e já desciam para a Praça para conversar, passear, passar o tempo, apreciar, dentre outras atividades, e esse quarteirão ficou marcado como ponto de encontro, sendo assim até os dias de hoje. As pessoas estão em sua maioria reunidas nos bancos, nos canteiros de flores, no carrinho de lanche, a volta do pastor, e sempre conversando, sorrindo ou com expressões de desânimo, cansaço, felicidade e amor. Muitos casais estão por aqui a namorar. Na esquina, o vendedor de lanches com o seu carrinho resiste há vinte anos, e pessoas aproveitam também a pausa para comer

Os artesões formam um grupo que deixou sua marca nesse local. Eles ficavam na escadaria que liga a Praça Marechal Floriano Peixoto com o Calçadão vendendo as peças produzidas manualmente expostas em panos estendidos no chão. Com o tempo esse comércio foi aumentando e alguns utilizaram barracas para ampliar e melhorar a visualização das peças a venda. Em tais barracas os produtos à venda não se restringia ao artesanato e os comerciantes passaram a se incomodar com a concorrência. Durante a reforma as escadarias foram transformadas em jardins e proibido a instalação de barracas na Praça, a não ser em épocas específicas quando da realização de alguma feira ou exposição. Os artesões retornaram em número menor para um outro espaço do Calçadão.

Uma loja, a Pernambucanas, permanece no local desde que as ruas eram de terra. Assim como outras lojas, ela resiste ao tempo e se transforma com ele. Em seu interior há quatro pinturas que remetem as transformações da loja e consequentemente a história da cidade e do Calçadão. Trata-se de um momento do cotidiano registrado em óleo sobre tela de um artista denominado Gato Preto. De acordo com a coordenadora administrativa da loja em questão, uma das imagens representa o início das atividades em Londrina - inauguração da loja em 04/02/1935 e as demais de tempos depois, visto que a rua já é asfaltada, mas não sabe ao certo definir as datas.

A noite, esse quarteirão fica praticamente deserto e muito escuro. Alguns dormem nos bancos e poucos estabelecimentos funcionam no período noturno.

⁴³ Passeio para espairecer.

Porém, no final do ano, quando o comércio tem horário de funcionamento ampliado até as 22 horas, o movimento é grande. Mas nem por isso as características principais se perdem.

POPULAR E ERUDITO: A outra “ponta” do calçadão está em meio a Avenida Rio de Janeiro e as Ruas Maranhão, Minas Gerais e Santa Catarina Foi o primeiro a ser construído em 1977. No espaço do mesmo localiza-se a Praça Willie Davis. Esse espaço é marcado pela importância na história de Londrina, ainda que todos os demais espaços também o sejam. Em frente à Praça localizava-se a primeira estação rodoviária de Londrina, há uma placa no local indicando a estação rodoviária. Outra placa aponta que no espaço onde hoje situa o Cine Teatro Ouro Verde, a Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP, construiu seu escritório para comercializar os lotes de terra, ali houve um movimento entorno da função corretor onde também se fechavam os negócios de café, imóveis, dentre outros.

O nome da praça, Willie Davis, é uma homenagem ao primeiro prefeito eleito de Londrina e que ficou no cargo de 1936 a 1940, na Praça a uma estátua, que o homenageia. Essa praça é uma das quatro que emolduram a elipse do plano central de Londrina. Com a construção do calçadão ela foi anexada ao mesmo. A ação do tempo deixou sua marca na praça e como não foi realizada a reforma nesse trecho é possível identificar as marcas do abandono nos bancos de madeira deteriorados.

Não há muitos lugares para descansar, para parar. As árvores estão concentradas em alguns pontos isolados mas são frondosas e produzem boas sombras. Ainda se discute sobre preservar ou não o piso de *petit pavé* nesse trecho.



O cine teatro Ouro Verde localizado nesse trecho foi inaugurado em 1952, o nome corresponde ao café

por ter sido a principal atividade econômica da cidade até a década de 1970. Após o apogeu cafeeiro passou a ser administrado pela Universidade Estadual de Londrina, sendo palco de várias atividades culturais e principal palco do Festival Internacional de Londrina⁴⁴. Está desativado por conta de um incêndio ocorrido no ano de 2012, e, em processo final de reforma com reinauguração prevista para o primeiro semestre de 2017.



As mercadorias dos artesãos oferecem ao olhar dos transeuntes o fetichismo do encantamento nos produtos expostos. No dia a dia são eles (artesãos) que marcam presença permanente. Os artistas de rua, pintores, palhaços, dentre outros, são fluídos, hora estão outra não e por vezes nem voltam. Mesmo mudando os sujeitos as atividades continuam, eles são personagens presentes no cotidiano do Calçadão.

A alteridade cultural presente aqui nesse quarteirão surge como exemplo dos que modelam as próprias vidas. Mesmo em meio a tantos atrativos, tanta história, e com todo esse movimento existente no cotidiano do Calçadão de Londrina a maioria das pessoas passam e nada as atinge, nada lhe chama a atenção. Como infere Rita de Cassia (2011) são “percursos invisíveis” para elas, detalhes do local que devido a pressa cotidiana, não são percebidos.

A noite, passam aqueles que saem do Shopping Royal Plaza, localizado no quarteirão seguinte, na Rua Maranhão, ou então esperam pelo ônibus no ponto. Antes da retirada dos quiosques a noite era mais agitada, com som ao vivo, comida e bebida. Aos finais de semana é pouco frequentado, mas em tempo natalino o movimento aumenta muito e os artesãos comemoram.

⁴⁴ Festival de teatro que ocorre anualmente em Londrina

A cidade carrega as marcas das mudanças ocorridas na Avenida Paraná transformada em Calçadão, este alterado por várias reformas ao longo dos anos. Equipamentos foram criados, demolidos ou trocados. As luminárias agora são mais altas, pretas e com uma lâmpada, diferentes das primeiras que eram mais baixas, prateadas e com quatro esferas que comportavam as lâmpadas, o piso preto e branco de petit pavé em formato de elos de uma corrente e que simbolizavam movimento, agora são coloridos, opacos e simétricos, mas ainda formam os elos de uma corrente.

O PATRIMÔNIO PELA EXPERIÊNCIA À LUZ DE WALTER BENJAMIN E NESTOR GARCIA CANCLINI

Silvana Muniz Guedes

O cotidiano de uma cidade é compreendido como fonte de inspiração para o Ensino de História nos Anos Iniciais a partir do movimento criado nos seus lugares pelos sujeitos que nela desenvolvem as mais diversas experiências. Uma cidade não é apenas uma bela vista de construções monumentais, patrimônios escolhidos para serem preservados ou simplesmente ruínas sem valor. Nesse sentido, esse texto trata das relações humanas, suas experiências singulares e cotidianas como um patrimônio cultural na concepção dos autores Walter Benjamin e Nestor Garcia Canclini.

Os autores apontam que um patrimônio se dá pela construção coletiva que advém da experiência singular de determinados grupos. As experiências vividas, o modo como alguns sujeitos fazem uso dos bens e os espaços físicos e, principalmente, a forma como os objetos e os espaços são apropriados pelos homens na atualidade, nos aproximam de ações que defendem o patrimônio cultural também por meio das relações que o sujeito estabelece com determinados lugares da cidade. “As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes” (CANCLINI, 2008, p.15)

Canclini é um antropólogo contemporâneo e seus trabalhos estão voltados a cultura pós moderna a partir do ponto de vista latino americano. Parte da

Esses cinco quarteirões que formam a rua de pedestre londrinense em conjunto com as Praças que se unem a ela, compõem uma grande paleta cultural (referindo-se a arte), onde as experiências que se misturam se traduzem numa grande tela de diversidades na qual os artistas e os modelos somos todos nós frequentadores desse local, cada qual com sua singularidade. Por mais que se arranque pedras, substituam plantas, alterem os equipamentos, sempre haverá pessoas com histórias a contar sobre o lugar. Basta parar, observar e ouvir as narrativas que estão pulsando dentro de cada um e prontas para sair.

ideia de união dos indivíduos que compartilham um conjunto material de objetos e práticas, que os identifica. Para o autor, patrimônio é a reprodução social, herança a qual deveria unir uma nação, pois são bens reunidos na história pela sociedade e apesar de apropriados de formas diferentes, são pertences a todos. “O resgate, de fato, do patrimônio inclui sua apropriação coletiva e democrática, sendo necessário criar condições materiais e simbólicas para que todas as classes possam encontrar nele um significado e compartilhá-lo”. (CANCLINI, 1998, p. 22).

Os lugares das cidade são conduzidos por grupos vivos em constante transformação, Isso os coloca também como um patrimônio culturalmente representativo pois, representa “*certos modos de conceber e viver*” o cotidiano de algumas pessoas, (CANCLINI, 1994). “Devemos redefinir o patrimônio cultural, de acordo com as condições históricas, sociais”. CANCLINI, 1994, p.95) elaboradas a partir de novos olhares para compreender o lugar.

Pesquisar um espaço da cidade a partir do seu cotidiano possibilita outras abordagens para o que vem a ser patrimônio nos dias atuais: “Um patrimônio reformulado que considere seus usos sociais, não a partir de uma mera atitude defensiva, de simples recolhimento, mas de uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história”. (CANCLINI, 1994, p. 114)

Articulado à necessidade de novos rumos no campo patrimônio, em cidades tidas como novas, a exemplo de Londrina, o dilema acerca da preservação, se esbarra no constante processo de transformação da paisagem urbana. Diante desse fato, fica a dúvida do que preservar, se tais transformações interferem diretamente nas relações que a população mantém com os lugares da cidade?

A ampliação dos sentidos de patrimônio não adquire as dimensões que deveria atingir em termos de salvaguardar os bens culturais que incluem os sujeitos como um ser vinculado ao meio, às práticas sociais, culturais e econômicas. Canclini afirma que no México essa prerrogativa em torno do conceito de patrimônio “*não possui uma legislação suficiente para proteger as manifestações culturais tão diversas*” (CANCLINI, 1994 p.96), no Brasil, país com imensa diversidade cultural, não é diferente.

Intercorre que, a crença de progresso aprisionou o indivíduo a uma função específica impondo mecanismos coercitivos que não permitem espaço para singularidades. O homem foi ficando cada vez mais enraizado na divisão das ciências exatas, que separa o todo para ser estudado em partes, perdendo assim sua essência humana. Desse modo, justificado por uma ideologia de progresso linear, a concepção de civilização e evolução ficou automática e contínua.

Nas ruas das grandes cidades, entre os transeuntes e multidões, se encontram os mesmos gestos mecânicos. As condições de vida nas sociedades modernas obrigam os indivíduos a concentrarem suas energias protegendo-se dos choques causados pelas transformações, onipresentes na realidade

Walter Benjamin, filósofo e sociólogo alemão, foi um importante crítico literário do século XX e principal responsável pela concepção dialética e não evolucionista da história, contrariando essa visão linear e quantitativa. Seu objetivo foi o de radicalizar a oposição entre a análise marxista e as filosofias burguesas da história. Para ele, essas filosofias são responsáveis pelo historicismo identificado com as classes dominantes, em detrimento do ponto de vista dos dominados, isso posto, entendido dentro do contexto da luta de classes.

No ensaio *Experiência e Pobreza* escrito em 1913, Benjamin conta a história de um ancião que no leito de morte revela aos filhos a existência de um tesouro enterrado em seus antigos vinhedos. Imediatamente, os filhos saem cavando as terras em busca da fortuna. Porém, não encontram nada. Certo tempo depois, com a terra remexida, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Vendo o resultado, os filhos compreenderam que seu pai lhes havia transmitido certa *experiência (Erfahrung)*:

Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: ‘ele é muito jovem, em breve poderá compreender’. Ou ‘um dia ainda compreenderá’. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa. (BENJAMIN, *EP*, p. 114).

É preciso pensar a possibilidade de reconstrução da experiência, mesmo em sua relação com o cotidiano degradado pelo universo mercantilizado da cultura moderna. Somos pessoas diferentes, com modos operantes diferentes, não há certo ou errado. É posto o certo e errado de maneira velada- ética de se viver- experienciar e errar, acertar, entrar em contato.

Benjamin, se ateu aos vazios da vivência na cidade para senti-la de uma maneira singular e errante. Isso nos permite enveredar por caminhos complexos que envolvem as relações pessoais, de consumo, de cultura, de sujeito e de apropriação do espaço/lugar nas diferentes camadas de tempo, passando de geração em geração, possibilitando reflexões sobre as experiências na cidade.

Ao assumir o sentido para sentir, vivenciar, experienciar as relações humanas com o meio em que se vive, fugindo da maneira clássica na qual o que sobressai é o oficial, o material - as construções e os monumentos, conclui-se que os sujeitos comuns também produzem História. Partindo dessa premissa e das novas condições de sociabilidade idealizadas nas cidades os estudos de Canclini e Benjamin se dedicam a compreender os acontecimentos para vislumbrar as consequências para a sociedade.

Benjamin se preocupou em entender como a sociedade chegou a ser o que era em 1930. Seu objetivo foi compreender o que deu origem aos acontecimentos que corriam sempre para frente de forma acelerada - queria compreender a origem da modernidade. Enquanto que Canclini busca estabelecer, por meio dos estudos culturais, diferentes formas de ver a organização social. Seu objetivo é compreender as mesclas entre culturas,

etnias, referências midiáticas, populares e tradicionais, a globalização e as mudanças culturais na América Latina bem como as suas interações, convergências e choques.

Se na modernidade houve a perda da experiência devido a fatores como: o bombardeio de informação, a mecanização e divisão do trabalho industrial que pode ser traduzida em automatização, a vivência no presente está gerando a perda da memória propiciada pelo isolamento, que possibilita também uma nova sensibilidade: a de sobreviver aos impactos produzidos pelos choques causados pelas constantes transformações e grandes reformas urbanísticas que muitas vezes desumaniza os espaços. Um dos traços essenciais da velocidade de mudanças nas cidades é não possibilitar mais as sensações, relações subjetivas,

e metáforas que aludem à harmonia do homem com a natureza (BENJAMIN, 1985).

Os estudos mostraram que o patrimônio pelas relações pessoais possibilita o encontro da cidade com a escola e com a comunidade. Essa tríade proporciona o respeito quanto as diferenças e não somente perpetua o interesse de um elite “inventada”. Todavia, nossa referência ocidental nos limita em pensamento para o conhecimento e as narrativas produzidas pelos historiadores nos leva a obter esse conhecimento. Se essas narrativas serão eleitas para serem ensinadas nas escolas não cabe aos historiadores decidirem. Assim, existem temáticas em forma de conteúdo a ser ensinado que não foram produzidas pelos historiografia e cabe ao professor buscar e produzir determinados conhecimentos, não como solução mas sim como caminhos possíveis.

ANEXOS

ANEXO C – Imagem de reportagem utilizada no curso III

REFORMA

Obras no Calçadão revelam parte da história de Londrina

Ao retirar o petit pavé da Praça Gabriel Martins, operários descobrem o antigo piso com placas coloridas

Tatiana Elorza

►► A terceira etapa da remodelação do Calçadão, realizada no trecho compreendido entre a Rua Professor João Cândido e Avenida São Paulo, trouxe à tona uma parte esquecida da história de um dos maiores cartões postais de Londrina. Na retirada do petit pavé que cobria o trecho, os operários da Visatec - responsável pela obra - encontraram um dos pisos que revestiam a Praça Gabriel Martins, originalmente localizada no local.

O piso de cimento com placas coloridas em formato de flores foi aplicado no piso da praça na década de 1970, na gestão do então prefeito José Riche e recoberto pelo projeto arquitetônico do Calçadão, de autoria do arquiteto, urbanista



Piso com placas coloridas em formato de flores é dos anos 70

e ex-governador Jaime Lerner, em 1977. Segundo o engenheiro aposentado da Prefeitura Rodolfo Hornes, Riche queria modernizar a praça, que já estava prevista na planta original da cidade, elaborada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. "Foi contratado um

arquiteto grego, que projetou a aplicação destas placas de cimento. E causou polêmica, porque a maioria da população não gostou", disse.

A modernização programada por Riche acabou com o estilo tradicional da praça - idêntico à de outra também escondi-

da pelo Calçadão, a Willie Davis, localizada em frente ao Cine Ouro Verde. De acordo com o urbanista e professor da UEL Humberto Yamaki, as duas tinham traçado em forma de triângulo com três eixos formando os jardins. "O piso era de petit pavé e datava do final da década de 1940. O mesmo desenho estava aplicado na calçada em frente ao Centro de Saúde, na esquina da Rua Souza Naves", explica. Em seu livro "Labirinto da Memória - Paisagens de Londrina", Yamaki diz que a Praça Gabriel Martins é posterior à Willie Davis, mas os dois projetos incorporaram um traçado ou "partir d'olé", "uma linguagem que foi insistentemente utilizada pela Companhia de Terras nos projetos dos patrimônios. Dado estrutura aos pavos". No livro, Yamaki diz que o desenho original do petit pavé das praças apresenta motivos geométricos em onda e pinheiros estilizados.

EU ACHO

Enviado por: Luis Brenner

Tirite fim

Estão acabando com o nome Calçadão. E não se vê que uma cidade como Londrina perde as suas características, começando pelo piso onde meus avós e tios estiveram entre os primeiros a pisar. Infelizmente agora até nossos avôzinhos foram retirados. Com certeza deve haver alguma desculpa para isso. Como em tudo que vem acontecendo em nossa cidade, a resposta sempre é: "não sei, não vi, vou me informar". Brincadeira, não é?

Quanto à que você falou... [unreadable]

...do cálculo...
...o centro...
...um e...
...de votos...
...da 10...
...o...
...atribuem...
...a carta de...
...do...
...do...
...a...
...residência...
...ração...
...Aves...
...que em...
...fornecido...
...são na...
...seriam...
...O...
...um...
...haja...
...A...
...ta. Por...
...libertos...
...beram...
...que...
...hava...

ANEXO D – Imagem de reportagem utilizada no curso IV

Jornal de Londrina

DOMINGO, 7 DE AGOSTO DE 2011 – ANO 23 – N.º 6.903

TRAIEM ALIQUANTO POR

Carlos Kubo e a arte de recomeçar aos 40 anos de carreira

• Página 19

COMBATE ÀS DROGAS

Lei faz cinco anos

A lei 11.343, que tornou mais severas as penalidades aos traficantes de drogas, completa cinco anos neste mês. Aumentou o número de pessoas presas por tráfico no Brasil e em Londrina, mas a guerra contra as drogas ainda está muito longe de terminar. Um dos pontos polêmicos da lei antidrogas é a distinção entre usuário e traficante.

• Páginas 4 e 5

e tráfico não recua

Reforma do Calçadão revela piso histórico

• Página 7

SEGUNDONA

Tribunal adia semifinais; LEC lamenta

• Página 14

VELOCIDADE

Fórmula Truck realiza etapa equilibrada

• Página 16

Tempo

Sol com muitas nuvens durante todo o período. Temperatura em elevação.

vento:
 temperatura:

• Página 23

ANEXO E – Imagem de reportagem utilizada no curso V

ESPAÇO ABERTO

Solla de Londrina Domingo

Caminho de pedras

14/08/
2011

Humberto Yamaki

Um amigo pioneiro reside há setenta anos no mesmo casarão com pomar de jabuticabas no Centro de Londrina. Mais ainda, conserva em frente à moradia o passeio original de blocos de pedras quadradas assentadas em diagonal. Em conversa de portão, o pioneiro informa que a pedra basalto foi colocada por um pedreiro conhecido da família em 1942. Numa Londrina de pó e lama, logo o mesmo tipo de serviço seria requisitado e executado em outras partes da cidade.

Depois de setenta anos de uso, as pedras cinza escuro estão bem ajustadas e apresentam um leve desgaste onde as pessoas caminham com maior frequência. A contra luz desses dias de inverno, refletem as marcas do tempo e conservam ainda assim a dignidade própria de um material natural, a pedra.

Em várias calçadas do Centro da cidade vemos trechos com pisos de pedras dos anos quarenta, mantidos pelos proprietários ou emergindo com o desgaste da camada de concreto sobreposta. Lembro de trechos nas ruas Minas Gerais, Mato Grosso, Sergipe e Souza Naves, mas devem existir muitos outros locais.

Um trabalho de revitalização de ruas poderia ser assim, quase um trabalho de arqueologia urbana. Trazer à tona um passado londrinense que aflora a cada marretada. Preservar como marcas da passagem do tempo os trechos de calçadas de pedra em Londrina, as camadas da história.

Dias atrás descobri que está sendo arrancado na Praça Gabriel Martins alguns desenhos de flores azuis de cerca de dois metros de diâmetro, confeccionados em cimento com pigmento. Fiquei admirado em saber que, por ocasião da implantação do Calçada original em 1977, o pessoal teve a prudência e sensibilidade de manter intactas partes do piso pré-existente.

Falando em pedras, inevitável insistir sobre o petit pavê do Calçada de Londrina. Afinal, o que é importante no Calçada sob o ponto de vista do patrimônio histórico? São as pedras brancas e pretas, a técnica de colocação das pedras ou os motivos geométricos? Responderemos por partes. A pedra para o petit pavê pode ser adquirida no mercado ainda hoje e não é um material raro ou artesanal. A técnica de fazer e reconstituir o piso em petit pavê ainda existe. O motivo geométrico de inspiração carioca é marcante, mas não totalmente inovador.

Podemos afirmar, portanto, que a utilização de pedras brancas e pretas, a técnica de assentamento e os motivos geométricos, associados aos 34 anos de permanência no lugar, o Calçada da Avenida Paraná, é que resulta

em sua significância enquanto patrimônio. Sob essa ótica, as pedras retiradas do Calçada não têm o valor de fragmentos preciosos de um patrimônio histórico destruído, nem tem significação maior reconstruir outras calçadas reutilizando as pedras ou reproduzir os motivos geométricos naquele ou em outro local. Trata-se simplesmente

de reutilização de material ou possível citação estética.

Melhor seria realizar a manutenção contínua e preservar o petit pavê para durar outras tantas décadas no próprio Calçada, como referência histórico-cultural e marca do lugar.

No noticiário recente leio que no Rio de Janeiro estão retirando o piso de concreto em locais como a orla da lagoa para a recolocação de pedras portuguesas ou petit pavê. Londrina deveria considerar como prioridade o tombamento do Calçada com o que resta do piso petit pavê entre a Avenida São Paulo e a Rua Minas Gerais, no entorno da praça da matriz. Afinal, somos o que pisamos.

HUMBERTO YAMAKI é arquiteto e docente da pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual de Londrina

Londrina deveria considerar como prioridade o tombamento do Calçada com o que resta do piso petit pavê

ANEXO F – Imagem de reportagem utilizada no curso VI

sexta-feira, 27 de agosto de 2014 | JORNAL DE LONDRINA | 4

geral tema do dia

CENTRO

Ambulantes pressionam para voltar ao calçadão

Há onze dias, CMTU, PM e Guarda Municipal tomam conta do local para impedir a venda de produtos ilegais; ontem, houve até discussão

Marcelo Frazão
 marcelo.frazao@jornal.com.br

A aprovação da Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização (CMTU), da Polícia Militar (PM) e da Guarda Municipal para afastar os ambulantes ilegais do calçadão é o centro de Londrina complexo desde ontem, mas o controle do problema ainda parece longe do fim.

Os ambulantes continuam na região pela má aceitação e o policiamento voltado para se mostrar à única maneira de conter a venda de produtos piratas: proibição de acabar com as bancas improvisadas nas calçadas da Avenida São Paulo e da Rua Serpente e no próprio calçadão.

Prova da pressão que envolve o problema já veio na manhã de ontem. O diretor de trânsito da CMTU, Arnaldo Sebastião, registrou conflito no policiamento no calçadão, porque ambulantes se aglomeraram para questionar as regras de circulação de rua em Londrina.

Vagas
 A CMTU tem 200 vagas para ambulantes venderem produtos dentro da lei. Há 79 regulares e outros 34 pedidos em análise. Quem vende mercadoria pirata ou proibida terá de lidar a fiscalização.

Ontem, a reportagem testemunhou vários vendedores aguardando a saída de policiais, guardas e fiscais para retirar com bandeirinhas ilegais de produtos ilegais, principalmente cigarros, óculos e DVDs. Algumas delas foram colocadas sob a guia para deficientes físicos.

Na entrada do Terminal pela Avenida São Paulo, pelo menos dez vendedores disputavam clientes de transporte coletivo com ofertas de passes a R\$ 2,50 – o preço oficial é R\$ 3,60.

Regular
 “Sinceramente, não sei o que me mantém aqui. É o costume”, lamentou Cleusa Cristina, que defende de vender meias, proibidas, para ficar apenas com



guardanetas autorizadas, permitidos. Sobre o papel de insistir nas ruas, ela revelou: “sou formada como técnica de enfermagem, mas não me vejo tendo patrão e horário de serviço”.

Cláudia costura que já teve vários produtos com a apreensão de produtos e só agora avisa se vai a pena continuar. “A fiscalização foi inteligente. Aguentou com a razão e fecharam o cerco contra o pessoal.”

Aprovação
 O dono de uma loja na Rua Serpente, que não quis ser identificad, afirmou estar alinhado com a intervenção para desmilitarizar os ambulantes fora da lei. “A rua parecia uma favela. Estava uma desorganização gigantesca. Estava em volta de mim só tinha vendedor ilegal. Há mais de um ano que ninguém conseguia transitar pelas guias de concreto.”

Moradora de um prédio no calçadão, Luciana Rosalina lamentou o potencial para os cavalinhos de propaganda política que dominam o espaço e disse que preferiu o centro sob controle. “Cada um vende o que a consciência autoriza. Não me incomodava tanto, com os ambulantes mas agora dá para ver o calçadão bem mais limpo e organizado.”

Após as 18 horas de ontem, quando a reportagem observava o retorno de vários ambulantes, uma senhora se dirigiu ao repórter tentando argumentar: “Vendo cigarro do Paragait porque tenho três filhos em casa para criar. Não é tudo o que está ilicito.” Questionada, então, se ela já havia ido ao Sine, a apenas quatro quadras dali, para tentar um emprego, a resposta foi firme e cheia de desalinho: “trazida fui e trazida vou”.

avaliação

“O pior já passou”

O diretor de trânsito da Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização (CMTU), Arnaldo Sebastião, disse ter consciência de que, caso a fiscalização elimine, os ambulantes voltarão rapidamente.

“O pior já passou. Apesar da pressão, são dez dias sem calçadão e ruas livres sem problemas, apreensão de mercadorias. Não houve confronto e conseguimos desarticular os ilegais antes que eles se unissem.”

Segundo o diretor, a fiscalização vai continuar “da forma mais extensiva possível”. Ele lamentou o desinteresse dos ambulantes pela venda dos produtos corretos, o que possibilita obter alvará, e disse que já tentou atuar dialogar com a Secretaria Municipal de Assistência Social e com o próprio Sine para ofertar vagas de emprego formal. “Ninguém nunca pega.”

interatividade

Você concorda com o encaminhamento adotado para afastar vendedores ambulantes do calçadão?

Sim Não Talvez